Telegram @clubedasrevistas

AINDA ESTOU AQUI COMO AS TRÊS INDICAÇÕES AUMENTAM AS CHANCES DO FILME NA DISPUTA DO OSCAR

Editora ABRIL
edição 2928 - ano 58 - nº 4
24 de janeiro de 2025

veja

www.veja.com

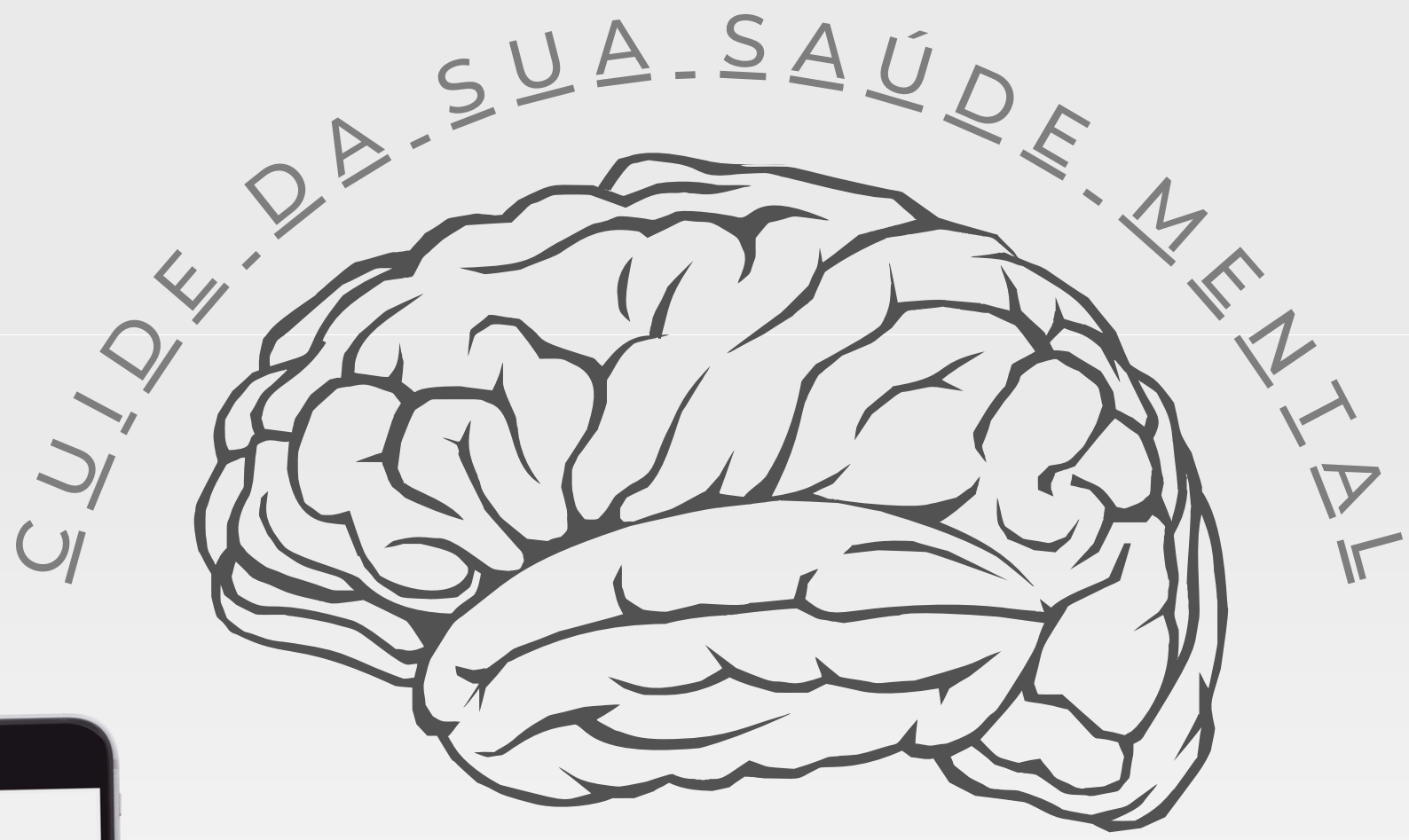
Abril

RETOQUE NA IMAGEM

Após trapalhadas, Lula investe em mudança radical na estratégia de comunicação do governo para tentar recuperar sua popularidade e viabilizar o plano de reeleição

CLUBE DE REVISTAS

Sua dose diária de bem-estar começa aqui.





JANEIRO

BRANCO

Mês da conscientização sobre a saúde mental

Telegram @clubederevistas

“A melhor forma de proteger a floresta é escutar o que ela tem a dizer.”

Alok

Futuro Vivo

Telegram @clubederevistas

vivo

A empresa **mais sustentável** do Brasil

Telegram @clubederevistas

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS
www.assineabril.com.br

VENDAS CORPORATIVAS E VENDAS EM LOTE:
assinaturacorporativa@abril.com.br

ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES:
minhaabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200

TELEFONES: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

bril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br

YouTube
www.youtube.com/vejapontocom

Instagram: @vejanoinsta

X: @VEJA

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 928 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 4. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

CLUBE DE

REVISTAS



Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Telegram @clubederevistas



Castelo Saint Andrews

Apresenta!

Carnaval Veneziano

Com inspiração no Carnaval mais antigo e famoso do mundo, o Castelo Saint Andrews, situado na encantadora Gramado/RS, preparou uma homenagem às tradições que o tempo não consegue apagar. Nossa experiência remete ao Carnaval de Veneza e seus exuberantes shows de gala, as máscaras e fantasias que desfilam pelas ruas e encanta gerações há mais de novecentos anos.





Marchinhas carnavalescas brasileiras e clássicos de Veneza. Tradicional feijoada no sábado de Carnaval. Open Bar. Kit exclusivo de Carnaval com máscara, confetes e serpentinas. Espetáculo musical com o Grupo Veneza nos encantadores jardins do Castelo. Uma noite inesquecível com jantar harmonizado e uma sofisticada experiência enogastronômica.

Condição Exclusiva para semana de Carnaval

8 Dias / 7 Noites - De 02 a 09/março
Hospedagem + Passagem aérea
A partir de 6x R$ 850 por pessoa

Voo em horário nobre, partindo de São Paulo (Ida e Volta)
Hospedagem nas suítes: Gold, Silver, Esmeralda, Pine, Stone, Granada ou Pérola. Mediante disponibilidade. Válido para compras até 31/01/2025.

Feriados prolongados

Consulte nossa programação de Páscoa, Tiradentes, Dia do Trabalhador e Corpus Christi com tarifas especiais para reservas antecipadas

Informações e reservas: (54) 3295-7700 / (54) 3295-7721 ou seu agente de viagens. castelosaintandrews saintandrews.com.br

Telegram @clubederevistas

EDSON LOPES JR./SECOM PREFEITURA DE SÃO PAULO



MODERNIDADE

O monitoramento em São Paulo e o policiamento: tecnologia como aliada no combate ao crime



ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

RESPOSTA INTELIGENTE

DIANTE DO PROBLEMA crescente de segurança no país, a ponto de virar uma das questões que mais preocupam hoje os brasileiros, a reação das autoridades costuma ocorrer com o uso de velhas armas. Aumento de tropas,

Telegram @clubederevistas

mais viaturas e maior poder bélico nas mãos dos agentes estão entre os ingredientes mais comuns na receita. Os sentimentos de abandono e desespero entre a população fazem com que boa parte das pessoas ainda aplauda gestos nesse sentido, mas os fatos mostram que é preciso fazer mais. Grandes cidades vivem epidemias de roubos, crimes como sequestros-relâmpago vão se sucedendo e bandidos aumentam a cada dia a dose de ousadia nos ataques, muitos deles agora atuando como recrutas a soldo das facções organizadas.

O efeito colateral da estratégia baseada principalmente no confronto armado: a letalidade policial se agravou em dez estados em 2024, na comparação com 2023. São Paulo (48%) e Minas Gerais (38%) registraram as maiores altas. Em dez anos, a letalidade policial subiu 158% no Brasil (de 2 332 mortos, em 2015, para 6 028, em 2024). Os responsáveis pelas polícias costumam dizer que, infelizmente, esse é um quadro resultante de uma situação de guerra urbana, fruto do desafio diário de tentar conter gangues e milícias. De certa forma, esse argumento é uma espécie de confissão da falência da tática. Por si só, como se vê, o uso da força não resolve o problema e ainda acaba provocando outros.

Uma resposta inteligente ao desafio da segurança consiste no uso da tecnologia para planejar e orientar o trabalho de repressão policial. Depois de muitos anos de investimentos tímidos nessa direção, um passo significati-

Telegram @clubederevistas

vo vem sendo dado com o emprego em larga escala de câmeras espalhadas pelas ruas e interligadas a centrais de monitoramento. A cidade de São Paulo tornou-se um exemplo disso, com a adoção do Smart Sampa *(confira a reportagem na reportagem "Sinal de inteligência").* Programas do tipo sempre enfrentaram oposição por causa de alguns erros no sistema e de um ranço ideológico. Aos poucos, no entanto, os resultados positivos vão se impondo no debate.

No caso de São Paulo, em seis meses de operação, 1712 pessoas foram presas em flagrante por crimes e 456 foragidos da Justiça acabaram sendo capturados. Há outros bons exemplos. O programa Cerco Inteligente, no Espírito Santo, lançado em 2022, interligou 1 650 câmeras de diversos órgãos públicos em 290 pontos do estado. Em setembro do ano passado, o sistema ganhou a tecnologia de reconhecimento facial por meio de um projeto-piloto. O estado era o segundo mais violento do país em 2011. Agora, ocupa a 18ª posição.

Mais do que nunca, o Brasil precisa discutir com maior seriedade e profundidade os desafios que se apresentam na área de segurança, sem espaço para soluções fáceis para um tema tão complexo. Mirar os bem-sucedidos exemplos do uso das tecnologias modernas é um bom e necessário primeiro passo para qualificar esse debate e, como consequência, obter avanços significativos na luta contra o crime. ■

Telegram @clubederevistas

AZ é 1º lugar no Enem 2024 em Redação e Matemática!

De nota 1.000 a gente entende.



Na Plataforma AZ, o 1.000 no Enem é mais do que uma meta, é um **resultado comprovado.**

Na última edição do exame, somente **12 estudantes** alcançaram a **nota 1.000** em Redação. Desses, **2 são AZ!**

E não parou por aí! Muitos de nossos alunos também conquistaram **a nota máxima em Matemática (961,9 pontos).**

Com nossa jornada de **aprendizagem personalizada**, conteúdos atualizados e suporte completo, cada aluno tem o caminho certo para atingir sua melhor versão.

Assim, as escolas alcançam um novo nível de excelência e os estudantes conquistam as universidades mais disputadas do Brasil.

Você pode ser o próximo!
Acesse o QR Code abaixo e saiba como podemos transformar o seu resultado!

Encontre a unidade mais próxima de você ou seja uma escola parceira AZ.

www.plataformaaz.com.br

GRUPO **SEB**

Telegram @clubederevistas

JHSF RESIDENCES

DM9

OS EMPREENDIMENTOS MAIS EXCLUSIVOS DA JHSF COM RESIDÊNCIAS DISPONÍVEIS TAMBÉM PARA LOCAÇÃO.

NO FASANO CIDADE JARDIM

200 M² a 700 M²
2 a 4 SUÍTES



IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NO FASANO CIDADE JARDIM

NA FAZENDA BOA VISTA

800 M² a 1.500 M²



IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NA FAZENDA BOA VISTA

NO BOA VISTA VILLAGE

200 M² a 500 M²
2 a 3 SUÍTES



IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NO BOA VISTA VILLAGE

NO PARQUE CIDADE JARDIM

300 M² a 800 M²



PERSPECTIVA DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NO PARQUE CIDADE JARDIM

SAIBA MAIS

JHSF
SURPREENDENTE

+ 55 11 97202.3702 | + 55 11 3702.2121

Telegram @clubederevistas



EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

A REFORMA É PODEROSA

Autor do projeto que redefiniu as regras tributárias do país afirma que o novo sistema vai derrubar o custo de produção, ajudar a renda a crescer e impulsionar a atividade econômica

JULIANA ELIAS E **CAMILA PATI**

Telegram @clubederevistas

A NOMEAÇÃO do economista Bernard Appy para assumir a recém-criada Secretaria Extraordinária da Reforma Tributária, logo no início do atual mandato, foi um dos poucos consensos em torno das escolhas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Appy é um dos principais especialistas sobre o sistema de impostos brasileiro e já havia dedicado anos de trabalho para elaborar o projeto que se tornou a reforma sancionada por Lula há alguns dias, após quase um ano de debates no Congresso. A promessa do novo regime é redesenhar o complexo e confuso sistema brasileiro de tributos sobre o consumo, um dos mais ineficientes do mundo. A transparência, garante Appy, será um dos principais ganhos. "Ninguém sabe direito quanto paga de impostos, mas passaremos todos a saber", diz. Ele assegura que as mudanças deverão desatar os nós que sufocam a vida de empresas e pessoas e que estão na raiz do chamado custo Brasil. Para Appy, o principal efeito no longo prazo será o maior crescimento do produto interno bruto (PIB) do país. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Muitos críticos dizem que a reforma tem vários defeitos. Qual é a sua percepção em relação a isso? A reforma passou pelo Congresso Nacional. É a primeira vez que uma mudança tributária dessa dimensão é aprovada em um regime democrático. A tramitação pelo Congresso acabou introduzindo exceções que, de fato, tornaram o texto mais complexo do que o ideal, porém muito mais simples

Telegram @clubederevistas

do que a legislação atual. Pode não ser a reforma perfeita, mas é a politicamente possível. Em relação ao sistema tributário atual, será um regime muito mais eficiente.

Por que o andamento da reforma demorou tanto no Congresso? É importante lembrar que uma revisão do sistema tributário, nessas linhas, começou a ser discutida ainda na Constituinte, em 1988. Conseguir aprová-la agora indica que chegamos a um momento em que houve uma conjunção de uma percepção da sociedade de que o sistema atual não é mais sustentável, somada a uma vontade política do Legislativo e um empenho muito forte do Executivo. É uma pauta que se tornou prioritária para todos.

“A tramitação no Congresso acabou introduzindo exceções que, de fato, tornaram o texto mais complexo do que o ideal. Pode não ser a reforma perfeita, mas é a politicamente possível”

Telegram @clubederevistas

Quais serão os próximos passos? Quando a reforma começará, de fato, a ser implementada? O Congresso agora precisa aprovar a segunda parte da regulamentação da reforma, que trata da criação do Comitê Gestor, o corpo que será responsável pela distribuição da receita do novo imposto entre estados e municípios. Outro passo é apresentar ao Congresso, neste ano, o projeto de lei que vai definir as alíquotas do imposto seletivo, o tributo que a reforma criou e que incide sobre produtos nocivos à saúde e ao meio ambiente. Os textos já aprovados definiram os parâmetros básicos e quais serão os produtos tributados por ele, como cigarros, bebidas alcoólicas e bebidas açucaradas. Falta agora definir em quanto. Por fim, a implementação dos novos impostos e a transição para o novo sistema tributário serão feitas de forma gradual. Haverá um período de testes em 2026, começa em 2027 e só termina em 2033, que é quando já teremos muito mais informações e conheceremos a alíquota definitiva que será adotada.

Os cálculos do Ministério da Fazenda indicam que a alíquota final total do novo imposto sobre valor agregado (IVA) será próximo de 28%, a mais alta do mundo. Nesse sentido, a reforma tributária não fracassou? A carga tributária é dada pelo gasto público. O Brasil tem um sistema de proteção social muito mais amplo do que o de seus pares emergentes. Isso tem um custo. É óbvio que o ideal é o Estado ser o mais eficiente possível nos gastos e conseguir ter

Telegram @clubederevistas

mais resultado nas políticas públicas com o mesmo montante de recursos disponíveis.

Estamos longe disso, certo? Ter um Estado maior ou menor é uma definição política. Se o país produzir e crescer mais para um mesmo volume absoluto de arrecadação, já é uma maneira de ter uma carga tributária eventualmente menor e que financie o mesmo volume de gastos públicos. O que não dá é ter mais gasto público e menos carga tributária, e isso aparece muito no debate político. Aí realmente a conta não fecha. De todo modo, a reforma tributária que fizemos é poderosa.

Por que o IVA é considerado um sistema melhor? É o sistema adotado em 170 países. O IVA tem a vantagem de ser não cumulativo. Ele incide sobre o valor da venda das empresas e elas recebem de volta 100% de tudo o que pagaram de impostos nas suas diversas aquisições de insumos e serviços ao longo da cadeia. Como tudo é recuperado, o imposto cobrado no preço final da venda corresponde exatamente à soma de tudo o que foi pago em todas as etapas anteriores.

No caso brasileiro, não é mesmo possível ter um IVA menor? Ao longo da tramitação no Congresso Nacional, repito, foram sendo introduzidas várias exceções. Uma boa parte dessas exceções envolve a cesta básica de alimentos e

Telegram @clubederevistas

um conjunto de medicamentos. Fora isso, eu tenho algumas situações específicas. Quem não tem alíquota reduzida vai pagar uma alíquota maior para poder compensar e trazer mais equilíbrio para o sistema. Essa é uma das consequências do modelo. Mas para nós, do Ministério da Fazenda, o ideal seria um sistema com o menor número de exceções possível.

Com as muitas exceções, alguns setores não serão mais penalizados do que outros? Se todos fossem enquadrados da mesma maneira, a alíquota para manter a arrecadação seria de 21,5% pela nossa estimativa. Com a tramitação no Congresso Nacional, ela vai chegar a algo como 6,5 pontos acima disso. De todo modo, comparado com o sistema atual, o novo regime vai onerar menos as famílias de baixa renda e um pouquinho mais as de alta renda.

A reforma tributária vai entregar a prometida simplificação de tributos? Sim. A regulamentação aprovada tem cerca de 300 páginas. Para se ter ideia, só uma legislação de ICMS, em um estado, tem umas 800 páginas, e cada estado tem a sua. Quem opera em todo o país precisa conhecer as regras dos 27 estados brasileiros, e elas mudam a toda hora. A tabela do IPI tem outras 400 páginas de alíquotas, que descrevem item por item, e com situações que geram uma enormidade de ações das empresas no Judiciário. Isso vai acabar.

Telegram @clubederevistas

Poderia dar exemplos práticos? O IPI do perfume é um, o da água de colônia é outro e o da água de colônia com antibacteriano, um terceiro. O da máquina de lavar roupa depende do tamanho dela. O biscoito coberto com chocolate paga uma coisa e o chocolate recheado com biscoito, outra. É por isso que algumas empresas contam com mais de 200 pessoas só para cuidar da enorme burocracia tributária. A alíquota do novo imposto será, no geral, uma só para tudo, o que é uma simplificação tremenda.

A histórica guerra fiscal entre os estados tende a acabar? A guerra fiscal gera grandes distorções na organização da atividade econômica do Brasil. Ela acontece porque os impostos são cobrados principalmente na origem, no lo-

“Ter um Estado maior ou menor é uma definição política. O que não dá é ter mais gasto público e menos carga tributária, e isso aparece muito nos debates políticos. Aí a conta realmente não fecha”

Telegram @clubederevistas

cal onde o bem é produzido, e não no destino, onde é consumido, o que estimula a disputa entre os estados. Para atrair uma empresa, um estado dá um desconto do ICMS a ela. A guerra fiscal já serviu, no passado, como instrumento de desenvolvimento regional, para que as localidades mais pobres conseguissem atrair investimentos, mas essa função acabou se perdendo, porque hoje todos os estados dão o benefício.

Mas as empresas continuam se organizando para aproveitar as vantagens tributárias de cada região. Isso vai mudar? Há muitos casos de empresas que colocam o centro de distribuição em outro estado, diferente do estado da fábrica, levando um caminhão com as mercadorias até lá só para pagar o imposto menor e depois voltar. É tanto um aumento do custo de produção quanto uma perda de arrecadação. O resultado é que o estado vai aumentar a alíquota para poder arrecadar o que precisa para financiar a sua política pública, e o próprio ICMS ou algum outro imposto acaba maior.

O novo regime eliminará a competição entre os estados para atrair empresas? Como a cobrança passará a ser feita no destino, não vai fazer mais diferença onde a empresa se instalou. Isso tem um efeito poderoso na redução das desigualdades regionais. Um consumidor que está no Nordeste e compra uma mercadoria que foi produzida, por exemplo, em São Paulo paga parte do seu imposto a São Paulo.

Telegram @clubederevistas

Isso vai passar a ficar 100% com o estado onde a mercadoria foi comprada. É um sistema que faz muito mais sentido em uma economia digital como a de hoje. No modelo atual, a arrecadação das vendas para todo o país de um serviço como a Netflix fica para o município onde está a sede da empresa. No novo modelo, a arrecadação vai ficar na cidade onde estiver cada assinante. É muito mais lógico.

Além da simplificação, qual será o impacto da reforma real para o crescimento do país? A reforma tributária representa uma agenda de crescimento econômico. As mudanças não vão ocorrer da noite para o dia. Elas demoram alguns anos para aparecer, mas provocarão um efeito muito forte. Estimo que, em cerca de quinze anos, o poder de compra do país ficará pelo menos 10% maior. Quer dizer, se o PIB fosse crescer para 100, agora vai crescer para 110. É estranho porque as pessoas não vão saber exatamente de onde veio esse efeito positivo, mas é certo que ele virá. Inclusive, uma parte disso, no longo prazo, deverá aparecer também na forma de um efeito deflacionário.

Podemos então esperar a redução de preços após a reforma? A reforma tributária elimina enormes ineficiências. À medida que a empresa reduzir custos, ela poderá repassar esse benefício para o consumidor, reduzindo os preços dos produtos. Ou seja, o novo regime tributário provocará efeitos positivos até mesmo na inflação. ■

Telegram @clubederevistas

IMAGEM DA SEMANA

O CONTO DE FADAS EM DAVOS



TÃO CERTO quanto a chegada do inverno — que agora em 2025 veio rigoroso, embora em anos anteriores tenha sido ameno, em decorrência das mudanças climáticas —, os protestos brotam com a chegada do **Fórum Econômico Mundial de Davos,** nos Alpes suíços. Não deu outra na

MICHAEL BUHOLZER/EPA/EFE

Telegram @clubederevistas

mais recente edição do evento. Eles eram poucos, mas barulhentos. **A caminhada de cerca de 25 quilômetros debaixo de neve culminou na tinta verde arremessada contra o portão de entrada de um dos hotéis do encontro, o Flüela.** Protestavam — e com razão — contra a lentidão para fazer andar o pacto ambiental que livre a humanidade de um mundo com a temperatura 1,5 grau acima daquela do período pré-industrial, como já ocorreu em 2024. Embora tudo pareça como em outras temporadas, na branquidão das montanhas, há um fator novo no tabuleiro, e seu nome é Donald Trump *(leia mais na reportagem "A caneta ameaçadora").* A saída dos Estados Unidos do jogo de responsabilidades, como aconteceu no primeiro mandato do republicano, representará inaceitável passo atrás. Essa possibilidade gerou dor de cabeça na imensa maioria dos 3 000 líderes de mais de 130 países, incluindo sessenta chefes de Estado e de governo reunidos na Suíça. "O encontro ocorre no cenário geopolítico mais complicado das últimas gerações", disse Børge Brende, presidente do colóquio. Há, na mesa, para além do trumpismo, guerras que não cessam, como a da Ucrânia invadida pela Rússia, e o frágil equilíbrio do cessar-fogo entre Israel e o Hamas *(leia na reportagem "O dia seguinte").* É como se Davos, nesse contexto, fosse mero conto de fadas. ■

Fábio Altman

Telegram @clubederevistas

“A VIDA É UMA COMÉDIA DRAMÁTICA”

Ator americano de 59 anos reflete sobre como se reinventou após um fracasso na carreira como comediante e fala da experiência de dirigir *Ruptura*, série sobre o mundo corporativo da Apple TV+



GUINADA

O artista, sobre o fracasso de *Zoolander 2:* “Tive que parar e repensar minhas prioridades”

MAYA DEHLIN SPACH/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

Entre as décadas de 1990 e 2000, era muito comum vê-lo nos elencos de comédias como *Quem Vai Ficar com Mary?* e *Zoolander*. Hoje, seu nome é atrelado a tramas sérias, como *Ruptura*. Por que essa transição? Eu sinto que uma coisa está ligada à outra. Não sou o "palhaço triste", que é aquele clichê do comediante que faz rir, mas tem uma tristeza por dentro. É que a vida é uma comédia dramática. A comédia está ligada às emoções e à empatia. Para conquistar o público, o personagem precisa mostrar vulnerabilidades. Então, são dois lados da mesma moeda, o riso e a tristeza.

Um marco dessa transição foi o filme *A Vida Secreta de Walter Mitty* (2013), o qual o senhor estrela e dirige. Diria que foi essa produção que o fez seguir por outros caminhos? Eu adorei fazer esse filme, e ele é muito especial para mim, mas eu diria que ser dirigido por Noah Baumbach em *Enquanto Somos Jovens* (2014) foi bem significativo. Aprendi muito vendo-o trabalhar e me senti inspirado ao notar como ele segue o próprio instinto, em formatos simples, mas que são impactantes. Eu diria que foi uma experiência formativa.

O senhor já afirmou que o fracasso do filme *Zoolander 2* (2016) o levou ao caminho de *Ruptura* — e se o filme tivesse sido um sucesso, provavelmente teria se distraído fazendo outra sequência. Há males que vêm para o bem? Sim, aquele foi um momento que me permitiu ter tempo para me dedicar ao que eu realmente adoro, que é dirigir. Até ali, eu

Telegram @clubederevistas

estava muito envolvido em dirigir, produzir e atuar, tudo junto. Tive de parar e repensar minhas prioridades e, assim, encontrar projetos como essa série.

***Ruptura*, aliás, é uma distopia corporativa, em que os funcionários de uma empresa não se lembram da vida pessoal enquanto estão no trabalho, e vice-versa. Esses dilemas entre os dois lados da vida já o preocupavam?** Eu optei por um caminho no qual mantive uma interação constante entre minha vida criativa, profissional e familiar. Ao longo dos anos, consegui equalizar essa conexão. Meus dois filhos cresceram, já são adultos, e são atores, mas com interesses artísticos diversos. Minha esposa, Christine Taylor, também é atriz.

E como funciona essa dinâmica? A gente conversa muito. A arte é a trama que interliga nossas vidas e propósitos. Mas também foi importante aprender a enxergar o momento de se desligar do trabalho e só estar presente um para o outro.

Outra questão de *Ruptura* é sobre a divisão de tarefas no trabalho. Como se vê nesse quesito? Bem, eu descobri que gosto mais de dirigir do que de atuar. E o processo todo de uma produção de série ou filme demanda trabalhar em equipe, o que eu adoro. Mas gosto, principalmente, da sala de edição, onde fico sozinho e tenho controle sobre o produto final que as pessoas vão ver. ■

Raquel Carneiro

Telegram @clubederevistas

POSSE DE TRUMP JPNEWS

JPNEWS 1º

JORNALISMO DE VERDADE
NÃO É ENLATADO, NEM FAST FOOD.

Enquanto a concorrência repete fórmulas prontas,
a gente faz jornalismo com sabor de verdade.

1º lugar
na faixa da manhã

2º lugar
na faixa da tarde

Em São Paulo e nas 15 Regiões Metropolitanas nacionais entre todas as News.



A AUDIÊNCIA COMPROVA:
JOVEM PAN É PREFERÊNCIA NACIONAL.

Kantar IBOPE Media I Instar Analytics I Target Personalizado GSP Dom com Pay TV + RM Pay TV Dom com Pay TV I Período: 20/01/2025
I Rat% I Faixa Horária: 06h-12h e 12h-18h - Seg I Competição de Faixa Horária I Emissoras News (JPNEWS, GNEWS, CNN, BNEWS, CANAL UOL).

Telegram @clubederevistas

VEJA ESSA



CARLOS ELIAS JUNIOR/FOTOARENA

“O que eu fiz de tão certo pra merecer tudo isso?”

JÃO, cantor e compositor, ao encerrar em São Paulo a série de shows batizada de *SuperTurnê*

Telegram @clubederevistas

“O presidente Lula tem sido muito ‘esquivo’ com a situação na Venezuela. [...] Tem de deixar de falar, tem de fazer, já não há desculpas.”

JUAN GUAIDÓ, ex-líder da oposição venezuelana

“É difícil ver alguma melhora. Consigo ver uma deterioração institucional na maneira de o presidente Lula governar junto com o Judiciário.”

LUIS STUHLBERGER, executivo-chefe e de investimentos da Verde Asset Management

“Nós, da esquerda, temos um discurso de inclusão, de diversidade, mas na prática essa cultura é, com frequência, intolerante e doutrinária.”

NAOMI KLEIN, escritora canadense, autora de *Doppelganger*

“É preciso tomar cuidado para não fazer exatamente o que se fez na Lava-Jato. É um passado recente. Precisamos tomar cuidado com o prejulgamento, com essas sentenças que foram dadas.”

JOSÉ LUÍS DE OLIVEIRA LIMA, advogado do general Walter Braga Netto, acusado de golpe para evitar que Lula e Alckmin tomassem posse. Lima defendeu José Dirceu durante o episódio do mensalão

Telegram @clubederevistas

“O sucesso é incerto, mas o entretenimento está garantido!”

ELON MUSK, ao fazer troça da explosão do foguete Starship, de sua empresa, a SpaceX, cujos destroços caíram no Mar do Caribe

“Nós, mulheres, já podemos dizer a palavra menopausa.”

CAMERON DIAZ, atriz, estrela do filme *De Volta à Ação*. Ela estava afastada das telas desde *Annie*, de 2014

“Ouvi o Neymar dizer que, no auge dele, poderia ter jogado no meu lugar na Copa do Mundo de 2002. Sinceramente, reconheço o talento e a qualidade dele, e até acredito que teria condições de estar naquela seleção, mas jogar no meu lugar seria outra história.”

RIVALDO, pentacampeão no Mundial do Japão e Coreia, em suas redes sociais, depois de o atacante do Al-Hilal sugerir ter espaço naquele time, e justamente no lugar do pernambucano

“Calma meu amigo (...) sempre te respeitei e jamais vou tirar o mérito de quem você é pro futebol brasileiro (...) você não quer que eu tire Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, né?”

NEYMAR, finalizando a réplica com um emoji de sorriso aberto

Telegram @clubederevistas



“Faço aquele meio-termo: meio droga, meio salada (...) e é assim que eu quero chegar aos 104 anos.”

LUANA PIOVANI, atriz

INSTAGRAM @LUAPIO

Telegram @clubederevistas

SOBE

ANDRÉ CORRÊA DO LAGO

Diplomata desde 1982, ele foi escolhido por Lula para ser o presidente da COP30, o evento ambiental da ONU que ocorrerá em novembro em Belém.

BILIONÁRIOS

Esse seleto grupo ganhou quase quatro novos integrantes por semana no mundo em 2024 e viu a sua fortuna crescer 2 trilhões de dólares, segundo a Oxfam.

RODRIGO SANTORO

Protagonizado pelo ator e pela atriz Denise Weinberg, o filme *O Último Azul*, dirigido por Gabriel Mascaro, foi selecionado para disputar o Urso de Ouro, láurea máxima do Festival de Berlim.

Telegram @clubederevistas

DESCE

LÉO ÍNDIO

Primo dos três filhos mais velhos do ex-presidente Jair Bolsonaro, ele foi denunciado pela PGR por |cinco crimes em razão de sua participação no 8 de Janeiro.

CHAMPAGNE

Os problemas climáticos do mundo foram citados pelo Comité Champagne, que reúne 16 000 produtores, como responsáveis pela queda de 10% na venda da tradicional bebida pela França.

CORINGA 2

Com sete indicações, a sequência lidera a lista do Framboesa de Ouro, que "premia" os piores filmes do ano.

Telegram @clubederevistas

As principais notícias do Brasil, sempre com você.



Acompanhe as principais notícias do Brasil e do mundo no Blog do PCO. Acesse de qualquer dispositivo, a qualquer hora, com informação confiável e análise de qualidade!

Acesse: **www.blogdopco.com.br**

Telegram @clubederevistas

A VOZ DO BRASIL



TV GLOBO

GOLS O locutor Léo Batista: na criação do *Esporte Espetacular* e do *Globo Esporte*

Telegram @clubederevistas

Hoje, em tempo de bordões ao exagero e da gritaria cacofônica das redes sociais — condições de nosso tempo —, a voz calma e pausada do locutor **Léo Batista** soaria deslocada. Conhecido como a "voz marcante" dos programas de esporte, epíteto criado por um de seus colegas, ele esteve na origem e no crescimento de dois dos mais celebrados programas da TV Globo no país do futebol: o *Esporte Espetacular*, lançado em 1973, e o *Globo Esporte*, de 1978. Fez fama também ao antecipar os "gols do Fantástico" e a Zebrinha que cantava os resultados da Loteria Esportiva, na pré-história das bets. Antes de nomes como Galvão Bueno, foi o primeiro a transmitir corridas de Fórmula 1. Curioso e estudioso, começou a carreira no interior de São Paulo, antes de chegar ao Rio de Janeiro. Em 1954, pelo éter da Rádio Globo, anunciou o suicídio de Getúlio Vargas. "Eu não fiz a vida inteira narrar golzinho de futebol, fiz muita coisa importante", riu, certa vez.

Em 1972, durante a Olimpíada de Munique, aplicou o tom preciso, a um só tempo reservado e emocionado, ao anunciar o atentado terrorista de membros da delegação de Israel pelo grupo terrorista palestino Setembro Negro. Com a morte de Cid Moreira, no ano passado, era o mais antigo profissional de jornalismo contratado pela Globo, dono de um "contrato vitalício". Trabalhava na emissora carioca desde 1969, antes do tri de Pelé e cia. no México, que ele também narraria. Batista — nascido João Baptista Belinaso Neto — morreu em 19 de janeiro, aos 92 anos, no Rio.

Telegram @clubederevistas

NO RITMO LOUCO

Let's Dance! E atire a primeira pedra quem conseguir ficar parado ao rever uma das mais empolgantes cenas do filme *Footloose — Ritmo Louco*, clássico filme juvenil de 1984. Não dá mesmo para permanecer de pés no chão e braços estendidos quando o ator Kevin Bacon, no papel de Ren, algo desajeitado mas charmoso, sai por aí como se não houvesse amanhã, em um galpão vazio de um moinho, diante de um Fusca. Como, enfim, não se empolgar com a história do jovem da cidade grande que desembarca numa pequena cidade onde o rock fora banido por pais conservadores? Não daria certo, e não faria o imenso sucesso que fez, sem a coreografia imaginada por **Lynne Taylor-Corbett.** Vinda dos teatros da Broadway, respeitada antes e depois de *Footloose* (é dela o musical *Swing!*, de 1999), tinha um dom extraordinário. "Nunca consegui ser bailarina, mas levava jeito para a teatralidade e o movimento", disse, sem falsa modéstia. Ela morreu em 12 de janeiro, aos 78 anos, mas a notícia só foi divulgada na semana passada. ■



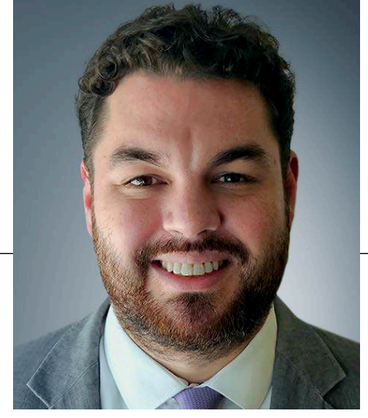
DON TORMEY/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

DANÇA NAS TELAS
Taylor-Corbett: nos passos de *Footloose*

Telegram @clubederevistas

GUSTAVO MAIA

Com reportagem de Nicholas Shores
e Pedro Pupulim



O calote só aumenta

Ex-companheiros, **Lula** e **Nicolás Maduro** não se falam desde antes da fraude nas eleições na Venezuela. Nesse período, a negociação da bilionária dívida do país vizinho com o Brasil também ficou empacada. De agosto a dezembro, o rombo cresceu 39,7 milhões de dólares, quase 240 milhões de reais.

Conta atualizada

Ao todo, o calote já supera 1,7 bilhão de dólares, segundo a Fazenda, mais de 10 bilhões de reais na cotação atual.



MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

PASSIVO Lula e Maduro: com o afastamento, a dívida da Venezuela ficou maior

Telegram @clubederevistas

Aqui é diferente

Aposta de Lula para virar o jogo na disputa da comunicação, Sidônio Palmeira já virou alvo de queixas dentro do governo. Insatisfeitos alegam que o novo ministro acha que qualquer crise se resolve apenas com propaganda e não entende a diferença entre a máquina pública e uma campanha eleitoral.

Choque de realidade

A orientação para que os colegas não falem "em off" com a imprensa, para uniformizar a narrativa do governo, também pegou mal. Na Esplanada, tem quem diga que o baiano precisa tomar um "banho de Brasília".

Som de advertência

A equipe de Lula resolveu soar um sinal sonoro para interromper ministros que ultrapassaram os cinco minutos de fala combinados na reunião desta semana. O "alarme de incêndio" deixou alguns deles constrangidos.

Férias frustradas

Um dos ministros do União Brasil, Juscelino Filho (Comunicações) tinha avisado a Lula que não poderia ir à reunião porque estaria viajando com a família, mas interrompeu suas férias ao receber o recado de que o chefe fazia questão da presença de todos.

União governista

Diante da cobrança de Lula por apoio dos partidos dos ministros, a liderança do União na Câmara preparou um levantamento para mostrar que entregou

Telegram @clubederevistas

mais de quarenta votos ao governo em "votações cruciais" nesses dois anos, mais que MDB, Republicanos e PSD.

Hora errada

Empresários reunidos no Brazil Economic Forum, organizado por VEJA e LIDE em Zurique nesta semana, lamentaram a fala de Lula antecipando a campanha de 2026. Avaliam que o governo perde a chance de retomar o debate de responsabilidade fiscal que dá credibilidade ao país.

Semente promissora

Presente no evento da Suíça, o governador do Tocantins, Wanderlei Barbosa, vai criar uma empresa de restauração florestal, que terá orçamento inicial de 120 milhões de reais.

Não decolou

Quando lançou o programa Voa Brasil, o governo esperava atender 1,5 milhão de aposentados. Em cinco meses, apenas 23 000 passagens foram emitidas.

Passagem marcada

Quando for liberado para viajar de avião, Lula já tem dois compromissos no Pará com Helder Barbalho: entregar imóveis do Minha Casa, Minha Vida e visitar obras da COP30 em Belém.

O combustível do crime

Ricardo Lewandowski quer fazer nos próximos dias a primeira reunião do recém-lançado Núcleo Estratégico de Combate ao Crime Organizado. O ministro já definiu o tema: a entrada dos bandidos no mercado de combustíveis.

Telegram @clubederevistas



AGÜERO MUÑOZ/MTUR

TURISMO Carnaval: Sabino chamou o rei Felipe VI para ver desfiles na Sapucaí

Samba com flamenco

O ministro **Celso Sabino** foi a Madri e convidou o rei da Espanha, **Felipe VI,** para ir à inauguração do escritório da ONU Turismo no Rio, com um atrativo a mais: ver o desfile das campeãs do Carnaval na Sapucaí no dia seguinte.

Cuidado especializado

O plano de saúde da Petrobras lançou o TransCuidar, para ampliar a cobertura de procedimentos de transexualização para empregados e dependentes.

Sinal amarelo

Operadoras estão em alerta com propostas da ANS para planos de saúde coletivos. Uma delas obrigaria empresas a agrupar contratos de até 1 000 beneficiários no mesmo cálculo de reajuste, para diluir o risco. Especialistas

Telegram @clubederevistas

temem que as operadoras tornem o acesso a alguns produtos "inviável".

Sinal vermelho

A Defensoria Pública da União está em polvorosa por causa de uma resolução polêmica em votação no órgão: pagar folgas não gozadas pelos servidores, mesmo sem previsão legal.

Caixa-preta

A nova prefeita de Aracaju, Emília Corrêa, do PL, diz ter encontrado um rombo de 40 milhões de reais no caixa do município, que herdou do antecessor, Edvaldo Nogueira, do PDT: "A cada dia a gente toma um susto novo. É dívida milionária com empresa de coleta de lixo, na saúde, é licitação de transporte feita no apagar das luzes".

INSTAGRAM @WASHINGTON.QUAQUA.5



POLÍTICA Quaquá: crítica a Anielle Franco e defesa de Domingos Brazão

Fogo amigo

Alvo de Anielle Franco na Comissão de Ética do PT por defender a inocência de Domingos Brazão, acusado de mandar matar Marielle, irmã da ministra, **Washington Quaquá** afirma que

Telegram @clubederevistas

ela "não conhece bem" a legenda, à qual se filiou em abril do ano passado.

Lembra do Lula?

"Anielle é muito nova no partido, não sabe que é um partido democrático, as pessoas têm direito a dar opinião", diz o prefeito de Maricá (RJ) e vice-presidente nacional do PT. "Defendi um cara que não foi condenado. Nossas lideranças foram condenadas por uma Justiça injusta, completamente parcial."

La placa de papel

O Itamaraty recebeu um inusitado pedido da Argentina. O corte de gastos de Javier Milei atingiu a Casa da Moeda, que emite as placas metálicas de automóveis do Mercosul. Faltou material, e muitos carros têm de andar sem placa, com uma autorização de papel. Para não afetar o turismo nas férias, o Brasil aceitou *la gambiarra.*

A obra do ex de Gisele

Os doze fundamentos seguidos por Tom Brady, um dos maiores astros da história da NFL e ex-marido de Gisele Bündchen, inspiraram o livro *Lições de Liderança de um Campeão,* que será lançado no Brasil pela Editora Hábito em fevereiro, às vésperas do Super Bowl — título que ele venceu sete vezes ao longo de 23 temporadas. ■

Telegram @clubederevistas

O DESAFIO DA IMAGEM

Após trapalhadas, Lula aposta em mudança radical na estratégia de comunicação do governo para tentar recuperar sua popularidade e viabilizar o plano de reeleição

DANIEL PEREIRA E LARYSSA BORGES



MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGEM DE RICARDO STUCKERT/PR

MUDANÇA Lula: nova equipe na Secom tem carta branca para coordenar ações de propaganda dos ministérios

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGEM DE RICARDO STUCKERT/PR

Telegram @clubederevistas

Em meio século de vida pública, o presidente Lula construiu uma fama de animal político, encantador de serpentes e especialista no ofício de auscultar o sentimento popular. Quando era chefe da Casa Civil, no governo de Jair Bolsonaro, o senador Ciro Nogueira (PP-PI) dizia que não aceitava conversar com o petista porque temia ser seduzido por ele. Não era um exagero, já que no passado muitos adversários se renderam à lábia de Lula, que se mostrava quase infalível na arte de dizer e fazer aquilo que a plateia queria. Diante de tais predicados, esperava-se que o terceiro mandato do petista não enfrentasse tantos problemas na área de comunicação. Que o maestro, aclamado por suas propaladas habilidades, mantivesse a sinfonia em harmonia. Não foi o que aconteceu até agora. Acossado por uma série de tropeços e com a popularidade estagnada, perigando embicar para baixo, Lula resolveu reforçar o ministério com um marqueteiro. As metas são claras: conter a surra que a direita tem dado no governo e na esquerda nas redes sociais, recuperar a credibilidade da atual administração e fortalecer o projeto eleitoral da situação. Como disse o presidente, 2026 já começou.

Convocado para assumir a Secretaria de Comunicação Social da Presidência, o marqueteiro Sidônio Palmeira, que trabalhou nas duas últimas campanhas presidenciais do PT, foi a estrela da reunião ministerial realizada na última segunda-feira, 20. No encontro, ele anunciou um plano para tirar o governo das cordas e deixou claro que centralizará a comu-

Telegram @clubederevistas



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

CONDÃO Sidônio: estratégia de marketing para tirar o governo das cordas

nicação oficial, tendo a palavra final sobre temas diversos, de licitações para contratação de agências de publicidade à escolha de temas que merecerão a atenção especial dos ministérios. Uma de suas ideias é que cada pasta apresente uma lista de ações e programas que possam render dividendos em termos de popularidade. Sidônio, então, definirá o que deverá ser explorado, na tentativa de construir uma marca para o atual mandato e potencializar os ganhos de imagem. Na reunião, ele reconheceu que o governo conta com quadros e partidos de campos distintos, mas lembrou que todos têm de es-

Telegram @clubederevistas

RICARDO STUCKERT/PR



PRIORIDADE Reunião ministerial: "O que eu quero dizer para vocês é que 2026 já começou", disse o presidente

tar a serviço do regente. Por isso, sempre que possível, o garoto-propaganda e beneficiário dos conteúdos divulgados será Lula. "Não queremos entregar este país de volta ao neonazismo, ao neofascismo, ao autoritarismo", declarou o presidente aos ministros, deixando claro o que está em jogo.

Responsável pelas campanhas vitoriosas ao governo da Bahia dos petistas Jaques Wagner, líder do governo no Senado, e Rui Costa, chefe da Casa Civil, Sidônio voltou ao jogo nacional com desenvoltura. Ele trouxe profissionais consagrados para a sua equipe, demitiu apadrinhados polí-

Telegram @clubederevistas

ticos, inclusive da primeira-dama, Janja, cuja influência no governo é ainda maior na área de comunicação, e já traçou algumas estratégias para reagir à oposição. Uma delas é sempre tentar pautar o debate, inclusive nas redes sociais. Trocar uma postura reativa por uma pró-ativa. Segundo o ministro, o governo tem de falar primeiro, e não ser levado a reboque. Cada ministério foi orientado a avisar o Palácio do Planalto de problemas que podem servir de munição aos adversários.

O desafio é se antecipar a crises. Uma tentativa nesse sentido já está em andamento no Ministério da Saúde. Reunido com a ministra Nísia Trindade, Sidônio discutiu ideias de campanhas de combate ao mosquito transmissor da dengue e avanços na produção de vacinas. Na conversa, recebeu garantias de que os casos da doença no país diminuirão em 2025 — algo em que muitos especialistas em saúde não acreditam. O problema é que a própria pasta, sempre citada nas especulações sobre reforma ministerial, emite sinais conflitantes. No início do ano, a Saúde anunciou que monitorava a possibilidade de aumento da incidência de registros de dengue em seis estados, incluindo São Paulo e Rio de Janeiro.

Outra mudança considerada crucial por Sidônio é alinhar "gestão", "política" e "comunicação", a fim de impedir que elas continuem a operar em rotações diferentes. Parece algo abstrato, mas pode ser explicado facilmente. Na prática, significa que cada ato normativo e cada campanha publicitária de um ministério, antes de entrar em vigor, terão de

Telegram @clubederevistas



BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

REARRANJO Janja: mudança atingiu até a equipe da primeira-dama

passar pelo crivo do marqueteiro. Por determinação do presidente, ele já participou da reunião que definiu os vetos ao projeto de regulamentação da reforma tributária. "Daqui para a frente, nenhum ministro vai poder fazer uma portaria que depois crie confusão para nós sem que passe pela Presidência através da Casa Civil. Muitas vezes a gente pensa que não é nada, faz uma portaria qualquer e depois arrebenta e cai na Presidência da República", reclamou Lula na reunião ministerial. A inspiração para a regra é o maior revés sofrido pelo atual governo em termos políticos e de ima-

Telegram @clubederevistas

gem: o caso da norma da Receita Federal sobre o monitoramento de transações financeiras feitas por meio do Pix. Durante dias, a oposição difundiu nas redes sociais a tese de que, a partir da implantação da norma, haveria taxação do Pix e uma ofensiva do Leão sobre empreendedores e pequenos empresários.

Como de costume, o governo ficou inerte inicialmente, permitindo que a narrativa dos adversários viralizasse de forma avassaladora. Um vídeo do deputado bolsonarista Nikolas Ferreira (PL-MG) sobre o assunto superou a marca de 300 milhões de visualizações *(veja a reportagem "Luz, câmera, eleição").* Uma pesquisa da Quaest mostrou que 88% dos entrevistados souberam do debate sobre mudanças nas regras do Pix e que 87% ouviram falar que o governo planejava taxar o mecanismo. Só quando o estrago estava feito, os governistas resolveram reagir. Por orientação de Sidônio, que estreou no cargo em meio a esse teste de fogo, Lula gravou um vídeo para negar que seria criado o novo tributo. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, seguiu a mesma recomendação. De nada adiantou. Cada vez mais nas cordas, o Planalto anunciou uma medida provisória para formalizar que o Pix não será taxado. Mesmo assim, 67% dos entrevistados pela Quaest acham que o imposto ainda pode sair do papel, um sinal absoluto de falta de confiança no que diz o governo.

Num rompante autoritário, o Planalto também determinou à Advocacia-Geral da União (AGU) que tome providên-

Telegram @clubederevistas

FATIMA MEIRA/AGÊNCIA ENQUADRAR/AGÊNCIA O GLOBO



DERROTADO Haddad e o caso Pix: o ministro esteve no epicentro do maior revés político e de imagem da atual gestão

cias judiciais contra os propagadores de fake news, como se elas fossem a principal razão de sua derrota. Não foram. O revés foi fruto de uma combinação de fatores, como a falta de cuidado no anúncio da norma da Receita, datada de setembro do ano passado, e a demora para reagir aos oposicionistas. Mas o grande problema de fundo, ainda não compreendido por muitos da atual administração, é a crise de credibilidade do governo Lula. Na reunião ministerial, vários participantes se mostraram surpresos e até assustados com o fato de diferentes manifestações, como os vídeos de Lula e Haddad e os esclarecimentos oficiais da Receita, não terem detido a bola de neve. "As idas e vindas na comunicação do go-

Telegram @clubederevistas

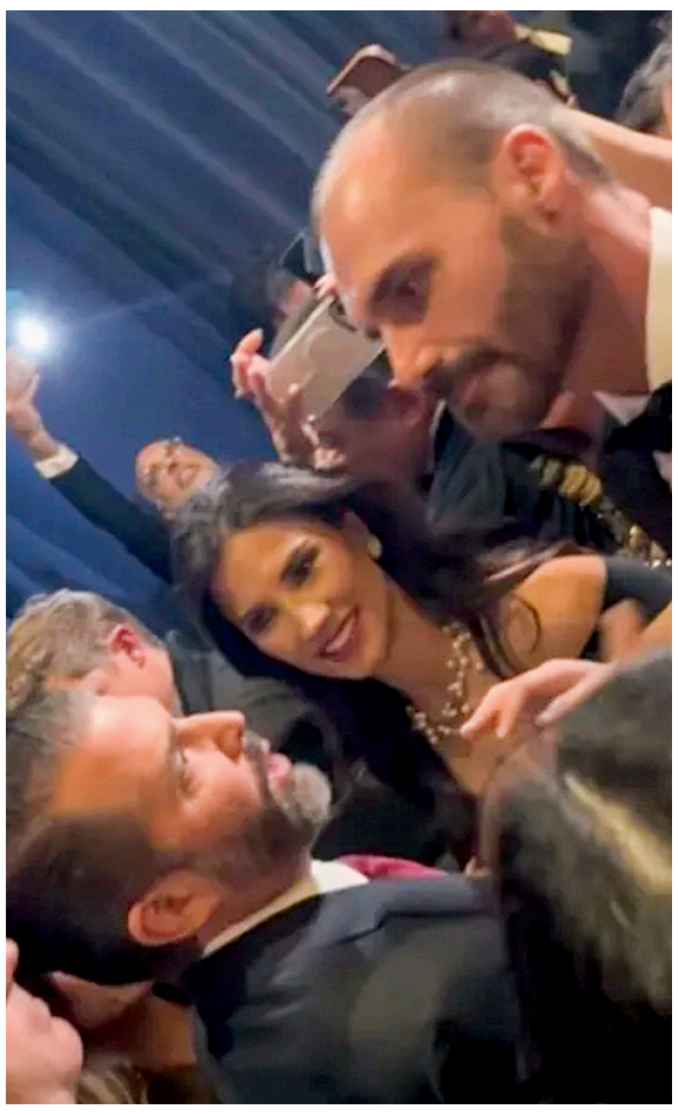
verno têm produzido desconfiança sobre que medidas serão adotadas ao final. Vale lembrar dois episódios: a taxação das blusinhas e o anúncio do pacote de corte de gastos. Ambos sinalizam, de formas diferentes, que o governo não sabe o que está fazendo", argumenta o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest. "É como se revelasse insegurança. E o resultado acaba sendo mais desconfiança. Ou seja, a crise do governo hoje é de credibilidade."

Elogiado por aliar conhecimento técnico com tino político, Sidônio classifica a surra tomada pelo governo no caso do Pix de "câncer em metástase" e alega que o descrédito das instituições, de uma forma geral, e do governo, em particular, amplifica os estragos provocados pela oposição, que podem ser ainda maiores se nada for feito em relação às redes sociais. Em linha com a cartilha petista, o ministro quer o governo empenhado na regulação e responsabilização das grandes plataformas em casos de discursos criminosos e inverídicos. O tema reverbera uma preocupação frequente entre integrantes do Executivo e do Judiciário: o risco de uma enxurrada de postagens de ódio, ataques a instituições e de contestação aos mandatos de Lula e de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) como consequência da volta de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos e da ascensão a conselheiro da Casa Branca do bilionário Elon Musk, dono da rede X *(confira a reportagem "A caneta ameaçadora").* Esse temor de certas autoridades brasileiras ganhou força depois de Trump,

Telegram @clubederevistas



FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL



INSTAGRAM @BOLSONAROSP

RISCOS Ameaças: a dengue e a eleição americana (*na foto acima, Eduardo Bolsonaro e Trump Jr.)*

ídolo do ex-presidente Jair Bolsonaro e de seu filho Eduardo, usar parte do discurso de posse para defender a liberdade de expressão e, na sequência, desobrigar plataformas de retirar postagens do ar a pedido do governo. "O Brasil é usado de cobaia pelas plataformas. Se não regularmos as redes, não teremos como nos defender", costuma repetir Sidônio.

Combater a atividade criminosa é uma obrigação legal. Outra coisa, bem diferente, é definir o que é "inverídico" no debate político. Quando o escândalo do mensalão estourou, em seu primeiro mandato, Lula convocou outro marqueteiro

Telegram @clubederevistas

baiano, João Santana, para ajudá-lo a se livrar do risco de cassação e, depois, ser reeleito. Deu certo. Santana criou a ideia de que o mensalão — um esquema de compra de apoio parlamentar com recursos públicos, conforme entendimento do STF — era uma conspiração das elites para derrubar o primeiro governo genuinamente popular da história. Ou seja: criou a exitosa estratégia do "nós", o povo, contra "eles", os seculares donos do país e do poder. Na campanha presidencial de 2006, também por sugestão de Santana, Lula insinuou que seu adversário no segundo turno, Geraldo Alckmin, hoje vice-presidente da República, privatizaria a Petrobras e o Banco do Brasil se ganhasse a disputa. O petista se aproveitou do fato de o PSDB, à época o partido de Alckmin, ter passado para a iniciativa privada várias estatais. Agora, foi a vez de Lula provar desse veneno do marketing enganoso e eficaz, quando a oposição pegou carona na série de tributos criados por Haddad para ventilar a hipótese de taxação do Pix.

Antes de cair em desgraça entre os petistas por ter se tornado um delator na Operação Lava-Jato, João Santana comandou três campanhas vitoriosas à Presidência: Lula em 2006 e Dilma Rousseff em 2010 e 2014. Naquelas ocasiões, os mandatários e suas equipes estavam conectados minimamente com a realidade da população e dialogavam com diferentes setores da sociedade. Hoje, a situação é bem diferente. O governo vive encastelado, não tem uma marca, lida com desaprovação crescente e não consegue apresentar soluções

Telegram @clubederevistas

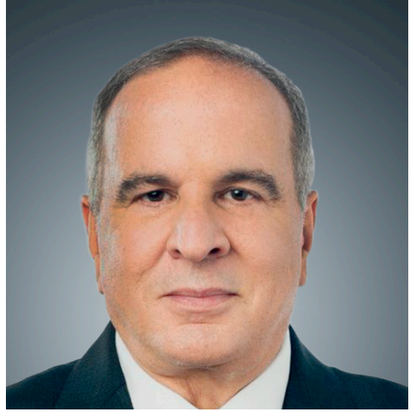


MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

PASSADO Santana, com Lula e Dilma, em 2006: propaganda contra os rivais

para demandas do eleitorado, como na área de segurança. Na reunião ministerial, o presidente reconheceu que ainda não entregou o que prometeu e pediu pressa na colheita dos programas já anunciados. Ele também demonstrou preocupação com a carestia dos alimentos e cobrou providências para debelá-la. Sem resultados para mostrar, Sidônio dificilmente conseguirá fazer o que o presidente espera dele: melhorar a imagem, transformar a Presidência num gabinete de campanha e pavimentar uma nova vitória eleitoral do PT. Por melhor que seja a propaganda, ela depende sempre da qualidade do produto. ■

Telegram @clubederevistas



MURILLO DE ARAGÃO

SALVANDO O ANO

O governo ainda tem algum tempo para recuperar o rumo

JÁ NA SEGUNDA metade de seu terceiro mandato, o presidente Lula (PT) deveria estar refletindo sobre qual será seu projeto em 2026. Se, como tudo indica, ele pretende disputar a reeleição, precisará rever sua pauta econômica, sua estratégia política e a forma como seu governo está funcionando. E, principalmente, precisará ter mais unidade e pragmatismo em suas decisões.

As expectativas em torno da economia apontam para sinais de fragilidade, a inflação pressiona o bolso dos brasileiros e a credibilidade do governo está sendo cada vez mais questionada pelos agentes do mercado. Sem um ajuste de rota, Lula corre o risco de chegar a 2026 fragilizado, enfrentando um ambiente econômico e político muito desfavorável. Se há algo que o governo precisa, com urgência, é de uma estratégia clara para recuperar a confiança do mercado e da sociedade.

Os resultados estão à vista: megadesvalorização do real, evasão de divisas e inflação crescente. O reflexo disso pode ser visto nos juros futuros e nos títulos do Tesouro, que re-

Telegram @clubederevistas

velam a desconfiança dos investidores. Os títulos prefixados para 2027 já oferecem rendimentos acima de 15%, enquanto papéis com vencimento em 2031 e 2035 têm prêmios de 14,96% e 14,82%, respectivamente. O mercado precifica um Brasil instável, onde o risco de financiar o governo aumentou consideravelmente. A tendência é clara: juros mais altos, desaquecimento da economia, redução de emprego e perda de credibilidade do governo. O prognóstico da inflação para o fim do novo ano aponta para o patamar de 5%. Se a prévia da inflação continuar subindo, o fim de 2025 poderá ser marcado por uma deterioração ainda mais grave do cenário econômico. A primeira etapa, em qualquer plano de recuperação, é reconhecer a gravidade do problema. Mas, até agora, o governo parece minimizar os sinais de alerta e transferir a culpa para terceiros. Para

"Lula precisa admitir que a confiança do mercado e da sociedade foi abalada"

Telegram @clubederevistas

inverter essa trajetória, Lula precisa admitir que a confiança do mercado e da sociedade foi abalada e que a política econômica precisa ser ajustada. Nenhuma solução será eficaz sem o reconhecimento do problema.

Atualmente, a crise é atribuída a fake news, à imprensa — que, na verdade, tem sido bastante generosa com a atual gestão —, ao mercado financeiro, ao agronegócio, entre outros. Essa postura lembra a clássica frase de Homer Simpson: "A culpa é minha e eu a coloco em quem eu quiser". No campo institucional, o governo precisa trabalhar em favor de um pacto mínimo entre Executivo, Legislativo, Judiciário e setor produtivo, para garantir estabilidade e previsibilidade econômica. Também precisa apresentar um plano crível para restaurar a confiança. Entre as medidas necessárias, destacam-se o compromisso com a responsabilidade fiscal, um ajuste na política econômica e um diálogo mais franco com o setor produtivo.

Lula precisa liderar esse processo pessoalmente e voltar a dialogar com o mundo político e os agentes econômicos, conforme fez nos mandatos anteriores. Estamos em janeiro. O presidente ainda tem chance de recuperar o rumo e terminar o ano fortalecido, apesar dos erros cometidos até aqui, ajustar as expectativas e disputar a reeleição em um cenário mais favorável. Mas, para isso, o mindset precisa mudar — e muito. Se nada for alterado, 2026 pode ser muito mais difícil do que ele imagina. Paradoxalmente, Lula 3 precisa muito dos Lulas 1 e 2. ■

Telegram @clubederevistas

CADEIRA COBIÇADA

Envolvido em investigações da Polícia Federal sobre desvios de emendas, o União Brasil atua nos bastidores para tentar assumir o comando do Ministério da Justiça **LARYSSA BORGES**



BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

NA MIRA O titular Ricardo Lewandowski: ele é alvo de intrigas e do assédio de políticos que ambicionam seu cargo

Telegram @clubederevistas

LULA COSTUMA dizer que tem uma eterna gratidão pelo ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, a quem conhece há quase cinquenta anos. Respeitado por juristas e políticos, Lewandowski ganhou pontos adicionais com o PT por uma série de decisões favoráveis ao partido nas quase duas décadas em que ocupou, por indicação de Lu-



TON MOLINA/FOTOARENA

MOVIMENTAÇÃO Davi Alcolumbre: recados enviados ao presidente Lula

Telegram @clubederevistas

la, uma cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF): absolveu próceres da sigla no escândalo do mensalão, avalizou uma manobra que deu sobrevida política a Dilma Rousseff após o processo de impeachment e abriu caminho para que mensagens hackeadas da Lava-Jato reabilitassem o presidente na arena política. Por todo o histórico junto ao chefe do Executivo, com quem convive desde os tempos de São Bernardo do Campo, Lewandowski seria, em tese, um ministro indemissível. Em condições normais, caminharia sem maiores dificuldades até o fim do governo. Ele, no entanto, se tornou alvo de intrigas e assédio de um grupo político disposto a ocupar sua cadeira — incursão que envolve uma miríade de interesses.

Todo partido que pleiteia cargos de primeiro escalão geralmente o faz de olho em algum objetivo. Ministérios expressivos podem ampliar círculos de influência, permitir acesso a recursos que alimentam bases eleitorais, pavimentar carreiras para voos mais ambiciosos e outras coisas mais. Nos últimos meses, o União Brasil e o senador Davi Alcolumbre (AP), em particular, se empenham em convencer Lula da necessidade de mudar o comando da Justiça. O parlamentar fez chegar ao governo recados de que uma eventual mexida na pasta poderia ser benéfica para o presidente, que solidificaria alianças políticas fundamentais no Congresso. O senador amapaense tenta emplacar no cargo o colega Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Não é um lobby qualquer. Em fevereiro, se não ocorrer ne-

Telegram @clubederevistas



EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

SUCESSÃO Pacheco: o senador garante que não tem interesse no cargo

nhuma reviravolta, Alcolumbre assumirá a presidência do Senado, justamente no lugar de seu fiel aliado, Pacheco — este, por sua vez, tem dito a pessoas próximas que uma mudança para a Esplanada não estaria em seus planos.

Do ponto de vista pragmático, o movimento de Alcolumbre tem um grande apelo. Lula precisa de maioria no Congresso para aprovar projetos importantes e se blindar de investigações consideradas inconvenientes. Sem uma base parlamentar sólida, o presidente administra desde o primeiro dia do mandato a instabilidade das legendas que lhe dão sustentação. Ele sabe que parte das siglas que

Telegram @clubederevistas

atualmente apoiam o governo — União Brasil e PSD incluídas — são aliadas meramente circunstanciais. Com três pastas de primeiro escalão, o União, por exemplo, pode lançar à Presidência em 2026 o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, enquanto o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, é o nome preferido do mandachuva do PSD, Gilberto Kassab, para disputar o Palácio do Planalto na hipótese de o partido tirar no futuro um dos pés da canoa de Lula.

Assim, a eventual indicação de Rodrigo Pacheco atenderia a vários fins. Ajudaria Lula a conquistar a boa vontade do futuro presidente do Senado, agradaria ao PSD, que ampliaria ainda mais sua área de influência — o partido hoje comanda os ministérios de Minas e Energia, da Agricultura e da Pesca —, e serviria a alguns propósitos pontuais do União Brasil. Um deles, discutido abertamente nos bastidores, é colocar rédeas na Polícia Federal. Procurado, Davi Alcolumbre não se manifestou.

Subordinada ao Ministério da Justiça, a Polícia Federal, em tese, tem autonomia para conduzir suas investigações. Mas, para as lideranças do União Brasil — o senador Alcolumbre entre elas —, a corporação segue uma bússola política, escolhendo como alvos primordiais aqueles que representariam algum tipo de ameaça ao governo. O partido tem se mostrado extremamente incomodado com as investigações sobre desvios de recursos de emendas parlamentares. Numa das últimas operações,

Telegram @clubederevistas



WESLEY COSTA/DIVULGAÇÃO

NA OPOSIÇÃO Caiado: o governador de Goiás já lançou sua candidatura à Presidência em 2026

policiais investiram contra uma organização criminosa suspeita de ter movimentado quase 1,5 bilhão de reais em contratos fraudulentos. Um dos acusados, o empresário baiano Marcos Moura, é conhecido, entre outras coisas, pelo amplo networking no mundo político. É próximo de figurões da cúpula do Congresso e integra a executiva nacional do mesmo União Brasil. A apuração encontrou indícios de corrupção, peculato e lavagem de dinheiro e esbarrou no nome do deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA), até pouco tempo atrás o favorito para

Telegram @clubederevistas

presidir a Câmara dos Deputados. Durante as buscas, um primo do parlamentar atirou uma sacola de dinheiro pela janela e um jato foi interceptado transportando 1,5 milhão de reais que seriam entregues ainda não se sabe a quem em Brasília. Os agentes também encontraram no telefone dos criminosos mensagens com menções a uma funcionária de Davi Alcolumbre — algo que, por si só, ainda não tem qualquer significado maior dentro da investigação. Por envolver autoridades, o inquérito está sob os cuidados do Supremo Tribunal Federal.

A independência da Polícia Federal é um mantra que costuma ser usado para blindar a instituição de acusações e suspeitas de ingerência política. O empenho dos presidentes da República em nomear pessoas de sua confiança para dirigir o órgão relativiza essa autonomia. Manobrar o ritmo e os rumos de um caso policial a partir do Ministério da Justiça também não é exatamente impossível. A burocracia, por exemplo, pode atrasar, agilizar ou mesmo inviabilizar uma investigação. A pasta é responsável, entre outras tarefas, por nomear superintendentes que chefiarão as equipes da PF nos estados, liberar dinheiro para as operações e autorizar ou vetar viagens de investigadores a serviço. A classe política sabe de cada uma dessas atribuições. Apenas no último ano, quatro nomes controversos foram sugeridos por deputados e senadores para comandar superintendências estaduais — todos acabaram descartados.

Telegram @clubederevistas



POLÍCIA FEDERAL/DIVULGAÇÃO

INTRIGA Polícia Federal: parlamentares reclamam que investigações seguem bússola política e miram adversários



POLÍCIA FEDERAL/DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

É nesse ponto, segundo auxiliares de Lewandowski, que se concentram os interesses políticos do União no cargo. "O Centrão quer a cadeira da Justiça porque lá existem mecanismos de controle da Polícia Federal", ressalta, sob condição de anonimato, um auxiliar da pasta. "Se o ministro da Justiça não der apoio para a PF as coisas não andam. E eles sabem disso", completa a mesma fonte. Diante da intensidade do assédio, assessores de Lewandowski elaboraram uma lista de episódios que mostram o nível da pressão. No rol, que será encaminhado ao presidente Lula, há relatos de abordagens pouco ou nada usuais de políticos advertindo auxiliares do ministro sobre problemas que o governo poderá enfrentar no Congresso caso ele seja mantido no cargo. Indiferente à fritura, mas atento à movimentação, Lewandowski tem dito que não pretende deixar o posto e que sua única preocupação é colocar de pé um plano eficaz de segurança pública, tema que aparece entre as principais inquietações dos brasileiros na atualidade. Na reunião ministerial da segunda-feira 20, um detalhe chamou a atenção dos observadores mais atentos. Na hora da fotografia oficial do encontro, percebendo que o ministro estava mais afastado, o presidente chamou Lewandowski para se posicionar próximo a ele na primeira fila de autoridades. A atitude foi interpretada como um sinal de prestígio. ■

Telegram @clubederevistas



CRISTOVAM BUARQUE

PROIBIR O CELULAR NÃO BASTA

As salas de aula precisam deixar
de ser teatro e virar cinema

AO SANCIONAR a lei que proíbe o uso de celulares nas escolas, o governo Lula acerta na busca de recuperar a atenção dos alunos, mas erra porque falta sintonia com as transformações tecnológicas em marcha. A norma busca impedir o mau uso do smartphone como meio de dispersão da atenção do estudante, sem entender que a principal causa da desatenção não está na modernidade do aparelho, mas no arcaísmo da sala de aula: a distração é resultado de técnicas pedagógicas ultrapassadas, e não da ascensão dos telefones portáteis. Qual seria o caminho mais adequado? Definir estratégias para substituir o quadro-negro por ferramentas digitais de modo a atrair a atenção dos jovens e aumentar a eficiência na transmissão de conhecimento. Lousa estática e incolor não seduz uma geração que nasceu na dinâmica do YouTube, WhatsApp, TikTok etc.

Ao proibir o celular sem contrapor alguma modernização, as instituições de ensino empurram o aluno para outras formas de extravasar o descontentamento. Como? Pro-

Telegram @clubederevistas

movendo bullying, conversando com o colega ao lado em voz alta, já que não pode escrever para um distante. A grande dispersora, enfim, é a aula chata, como carruagem em tempo de nave espacial. Obrigar meninas e meninos à aula teatral, como em séculos passados — professor, aluno e meras anotações —, é estar parado no tempo. Além de proibir o uso do telefone como meio de distração, é preciso perceber o potencial do eletrônico como ferramenta pedagógica. É instrumento fenomenal, desde que alguns limites sejam desenhados, para abandonarmos a era analógica. É deixar de ser teatro, enfim, para virar cinema, atalho para entretenimento produtivo.

Além da falta de sintonia com os avanços extraordinários e seminais da tecnologia, o governo não considerou a dificuldade para implantar uma lei federal em um sistema pulverizado em municípios, estados e no setor privado. Fal-

"As intenções da lei federal são boas, mas falta ambição e meios concretos de implementá-la. É 'para inglês ver'"

Telegram @clubederevistas

ta compreensão da realidade ao estabelecer um decreto, sem muita discussão real, para uma engrenagem diversa e complexa. Há pelo menos 6 000 escolhas alheias ao governo federal. Ao que tudo indica, enfim, caminhamos para uma ordem, entre as muitas desde 1955, sem o efeito esperado, de oferecer excelência e equidade. O problema: leis federais de execução privada ou então no seio de municípios e estados, em desordem, ainda que possa haver bons resultados aqui e ali.

Está bem, a legislação pode, sim, ser aplaudida, as intenções são positivas. Mas falta ambição, falta pensar nos meios concretos de implementá-la, tendo em vista sobretudo a educação de base. Pode ser boa lei "para inglês ver", mas é prisioneira da pressa e do olhar limitado. Os resultados do ponto de vista educacional tendem a ser escassos, quase nulos.

Tome-se como exemplo do erro na definição das prioridades dois eventos muito próximos. A festa de sanção da reforma fiscal, em Brasília, estava cheia e badalada. A apresentação do controle de celulares teve uma solenidade restrita ao gabinete do presidente. A mensagem: a educação é assunto meramente conjuntural, de governo, e não de Estado. Não se olha para o futuro, não há estratégia de longo prazo, como nunca houve. Educação, reafirme-se, é questão nacional. A ideia de desligar os smartphones, de deixá-los em casa ou nas mochilas, nada resolverá. Soa como determinação contemporânea, mas olha para o passado. ■

Telegram @clubederevistas

SINAL DE EFICIÊNCIA

Com monitoramento por câmeras, reconhecimento facial e uso de bancos de dados da polícia, o Smart Sampa já tirou quase 2 200 criminosos das ruas de São Paulo em seis meses **LAÍSA DALL'AGNOL**



TECNOLOGIA Central do sistema da prefeitura: equipamentos vigiam todas as regiões da maior metrópole do

CIETE SILVÉRIO/SECOM PREFEITURA SÃO PAULO

Telegram @clubederevistas

UM HOMEM de 73 anos pedala tranquilamente por uma rua da região da 25 de Março, no centro de São Paulo, quando de repente é abordado por uma equipe da Guarda Civil Metropolitana e encaminhado a uma delegacia. Algo parecido acontece com outro suspeito, de 30 anos, que passa por terminal de ônibus da Zona Leste e com uma mulher de 52 anos que busca atendimento em uma Unidade Básica de Saúde — ambos acabam sendo algemados e levados a uma unidade policial. Os casos são resultados da nova tentativa do poder público de combater o crime: o uso de câmeras equipadas com tecnologia de reconhecimento facial e o cruzamento das imagens com bancos de dados da polícia. Nesses exemplos, os detidos eram procurados pelos crimes de estupro, tráfico de drogas e estelionato, respectivamente.

As prisões se deram graças ao programa Smart Sampa, da prefeitura de São Paulo, a mais ampla e bem-sucedida iniciativa desse tipo no país. Apenas nos últimos seis meses, 456 foragidos da Justiça foram capturados e 1712 criminosos presos em flagrante por delitos como furto, roubo e tráfico, além da localização de trinta pessoas desaparecidas *(veja quadro ao lado.)*. De acordo com a prefeitura, o programa, implementado em julho do ano passado, foi um dos fatores responsáveis pela redução de crimes entre 2023 e 2024. No período, houve queda de 17,3% nos furtos e de 27,7% nos roubos no centro da cidade, região com a maior concentração de câmeras equipadas com a tecnologia. Os resultados, é verdade, também são reflexo de outras iniciativas conjugadas, como o aumento do efeti-

Telegram @clubederevistas

OLHOS DA CIDADE

Como funciona o sistema de vigilância no maior aglomerado urbano do país

O QUE É

Em operação há seis meses, o Smart Sampa conta com um sistema de câmeras inteligentes espalhadas por toda a capital paulista

COMO FUNCIONA



Usa tecnologias como a de reconhecimento facial e faz cruzamento de imagens com bancos de dados oficiais, como das polícias estaduais, para identificar criminosos procurados pela Justiça



O sistema também permite a verificação de crimes em tempo real, como furtos e roubos. Quando a ocorrência é identificada pelo sistema ou por monitoramento visual, um alerta é disparado e a viatura mais próxima da Guarda Civil é acionada

Telegram @clubederevistas



Também é possível detectar eventos como acidentes e inundações e promover a comunicação a órgãos como Defesa Civil, Samu (ambulâncias), CET (tráfego) e polícias Civil e Militar

23 000

CÂMERAS ESTÃO INSTALADAS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

4 000

DESSES EQUIPAMENTOS FAZEM A LEITURA DE PLACAS DE VEÍCULOS

1712

PESSOAS FORAM PRESAS EM FLAGRANTE POR CRIMES*

456

FORAGIDOS DA JUSTIÇA FORAM CAPTURADOS*

30

PESSOAS DESAPARECIDAS FORAM ENCONTRADAS

*Números atualizados até quarta-feira, 22
Fonte: *Prefeitura de São Paulo*

Telegram @clubederevistas

vo nas ruas, mas a prefeitura já comemora. "Entre as grandes cidades do mundo, nenhuma conseguiu reduzir os índices de criminalidade sem acoplar tecnologia ao processo", diz o prefeito Ricardo Nunes (MDB). "Com as ações do Smart Sampa, com as intervenções da GCM e do governo do Estado, por meio das polícias, estamos tendo resultados muito positivos. O uso da tecnologia é um caminho sem volta", afirma.

O esquema de monitoramento não tem comparação com o de nenhuma cidade brasileira. São 23 000 câmeras com a tecnologia de reconhecimento facial, sendo 20 000 equipamentos da prefeitura e o restante do setor privado, como condomínios e estabelecimentos, que compartilham as imagens com a gestão municipal. Na central de gerenciamento, painéis exibem as transmissões em tempo real e 24 horas por dia, sete dias por semana. No local, dividem-se em turnos profissionais da GCM e de órgãos municipais como a Defesa Civil. Quando uma pessoa foragida passa por uma das câmeras, é emitido um alerta e as viaturas são acionadas — a posição de cada veículo é georreferenciada.

Com base no bom desempenho inicial, a prefeitura já planeja a expansão do sistema. O primeiro passo é ampliar as bases de dados para, assim, aumentar a eficiência das operações. Em janeiro, foi assinado um convênio com o Ministério da Justiça, do governo federal, para que o município passe a acessar o Córtex, plataforma que reúne dados sobre veículos roubados e furtados. O Smart Sampa tem 4 000 câmeras já em funcionamento com a tecnologia de leitura de placas. A expectativa é

Telegram @clubederevistas

CLAUDIO GATTI



DE OLHO NO FUTURO O prefeito Ricardo Nunes: celebração dos primeiros resultados e planos para expandir o sistema

que o programa cresça em fases — ampliação de bases de dados e integração com outras plataformas são duas delas. Uma outra, em estudo, é uma parceria com o governo estadual, comandado pelo aliado Tarcísio de Freitas (Republicanos), para monitorar criminosos com tornozeleira eletrônica e que não podem ficar na rua após as 22 horas. Outra parceria avaliada com o estado é no caso de mulheres vítimas de violência e com medida protetiva: caso o agressor se aproxime da casa de uma delas, um alerta seria emitido. “Hoje, o sistema tem 25% de

Telegram @clubederevistas

utilização do seu potencial. São várias etapas. Apenas nas câmeras com reconhecimento facial, a expectativa é que cheguemos a 30 000 até o final do ano", afirma o secretário de Segurança Urbana, Orlando Morando.

A questão da segurança pública, embora seja tradicionalmente uma atribuição dos estados, tem ganhado cada vez mais espaço na agenda dos municípios. A tendência foi amplamente notada na última eleição municipal, quando o tema foi unanimidade nas plataformas eleitorais, da direita à esquerda. E não é para menos. Pesquisas mostram que a segurança tem tirado o sono dos brasileiros: levantamento Genial/Quaest do final de 2024 apontou que a preocupação com a violência desbancou áreas tradicionais como saúde e educação e já é o assunto que mais inquieta a população em sete das dez capitais mais populosas do país, incluindo São Paulo.

O exemplo dado pela maior metrópole do país do uso intensivo de câmeras de monitoramento é o mais vistoso, mas outros municípios e estados também têm adotado, à sua maneira, programas que aliam a tecnologia ao combate à criminalidade. No Rio de Janeiro, o Civitas (Central de Inteligência, Vigilância e Tecnologia em Apoio à Segurança), implantado em junho de 2024, tem hoje 3 800 equipamentos com inteligência artificial e reconhecimento facial, número que o prefeito Eduardo Paes (PSD) pretende quintuplicar. Diferentemente de São Paulo, na capital fluminense não há a interação desse sistema com a Guarda Municipal — um dos objetivos no projeto de expansão é intensificar a interlocução com a força poli-

Telegram @clubederevistas



GUITO MORETO/AGÊNCIA O GLOBO

MAIS VIGIADA Rio de Janeiro: a cidade quer quintuplicar o número de câmeras

cial. Por enquanto, também não há o compartilhamento de imagens de sistemas privados. O Civitas já foi acionado quase 1 000 vezes para ajudar em investigações. Outro caso de sucesso, já considerado referência nos estados, é o do Espírito Santo: o programa Cerco Inteligente, lançado em 2022, interligou 1 650 câmeras de diversos órgãos públicos em 290 pontos do estado. Em setembro do ano passado, o sistema ganhou a tecnologia de reconhecimento facial por meio de um projeto-piloto. O estado, que era o segundo mais violento do país em 2011, agora ocupa a 18ª posição no ranking.

O investimento em tecnologia e inteligência pode ser um

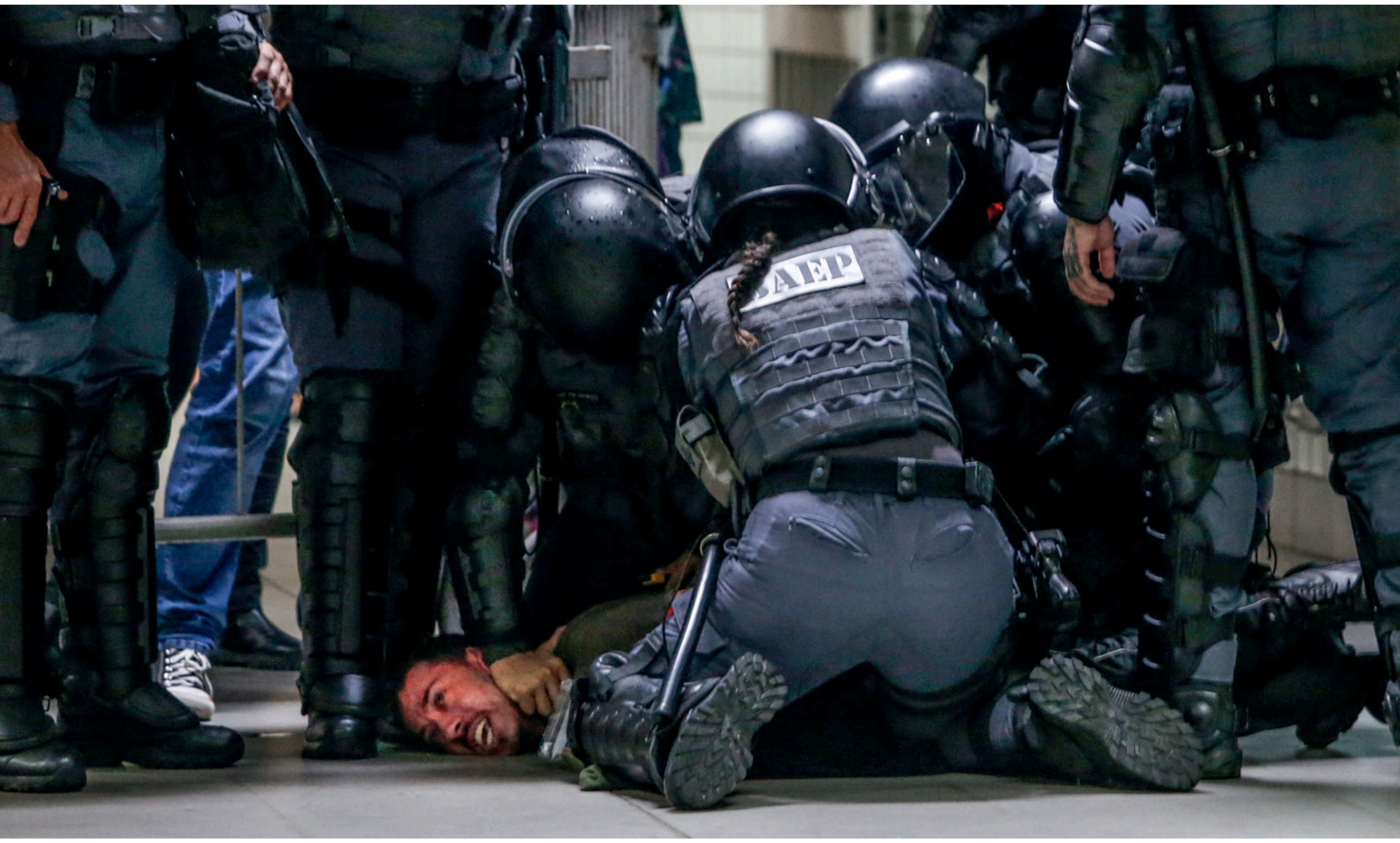
Telegram @clubederevistas

caminho promissor em um país que tem naufragado na tentativa de ser mais civilizado e efetivo no combate ao crime. Um dos caminhos adotados com facilidade é o da intensificação do uso da força policial na repressão. Embora algumas circunstâncias justifiquem os confrontos, sobretudo diante da expansão e da audácia do crime organizado, o fato é que as políticas de linha dura, por si só, não têm sido suficientes. Um dos efeitos colaterais óbvios é o crescimento da letalidade policial, que subiu em dez estados no ano passado, com São Paulo liderando a alta (48%), seguido por Minas Gerais (38%), segundo levantamento do Ministério da Justiça. Outro problema é que o número de homicídios intencionais, apesar de estar em queda, tem redução bastante lenta: no ano passado, foram 35 089 assassinatos no país, o que dá uma taxa de 16,51 mortes a cada 100 000 habitantes — comparável à de países como Iraque, Costa Rica e Guatemala e bem longe da ostentada por nações como Alemanha (0,3), Reino Unido (1,2) e Estados Unidos (5,3). Sem contar que a aposta no confronto não foi capaz de frear o brutal avanço das facções armadas do crime organizado pelo território nacional.

A combinação de uma força policial nas ruas orientada por informações fornecidas pelas novas tecnologias tem sido uma constante em grandes metrópoles mundiais, como é o caso de Nova York. A megalópole americana foi uma entre as quais a prefeitura de São Paulo usou como inspiração. Infelizmente, devido a erros pontuais e a um tipo de oposição ideológica, baseada no argumento dos limites de privacidade, algumas

Telegram @clubederevistas

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL



TÁTICA PMs em SP: só o uso da força não resolve o problema da criminalidade

cidades recuaram nos investimentos. É o caso de São Francisco, na Califórnia, que proibiu o uso de câmeras de reconhecimento por forças policiais. O motivo foi uma série de erros recorrentes na identificação, sobretudo, de mulheres e negros. Em Sergipe, o governo suspendeu o uso do sistema no ano passado, após dois inocentes terem sido detidos quando a imagem apontou uma correspondência errada com os verdadeiros criminosos. Em São Paulo, antes do início do Smart Sampa, entidades foram à Justiça para barrar a compra das câmeras inteligentes, alegando que a tecnologia poderia prejudicar, principalmente, a população preta e parda. "A gente

Telegram @clubederevistas

teve que brigar muito e sofreu muita ação judicial. Mas fomos demonstrando que as alegações eram inverídicas", diz Ricardo Nunes. A prefeitura trabalha com um nível de precisão de 90% e afirma que ainda não houve "falso positivo", ou seja, nenhum dos abordados era a pessoa errada.

Apesar de concordarem que o monitoramento pode trazer resultados positivos contra a criminalidade, especialistas apontam que ela deve ser aplicada com cuidados, sobretudo no que diz respeito à segurança dos dados. "O poder público precisa estar em concordância com a LGPD, a Lei Geral de Proteção de Dados", diz o delegado André Pereira, presidente da Adpesp (Associação dos Delegados de Polícia de São Paulo). Para Daniel Edler, do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), a preocupação também passa pela análise correta de onde o sistema tem tido êxito. "A tecnologia envolve ganhos para a segurança pública, principalmente no compartilhamento de informação entre as polícias, mas há que se ter o cuidado com a avaliação dos números e transparência com a destinação das imagens coletadas", diz.

São preocupações pertinentes, mas que não eliminam o fato de que a ampliação do uso da inteligência é, sem dúvida, um passo à frente no combate à criminalidade. Ajustes certamente precisarão ser feitos, até porque a própria tecnologia avança a cada dia. Espelhar-se nas iniciativas bem-sucedidas parece ser um bom primeiro passo para qualificar esse debate e, como consequência, obter avanços significativos na luta contra o crime. A população, acuada, agradece. ■

Telegram @clubederevistas

LUZ, CÂMERA, ELEIÇÃO

Fenômeno nas redes sociais, principalmente após vídeo sobre o Pix, o deputado Nikolas Ferreira ganha musculatura para voos maiores e já incomoda até Bolsonaro **ISABELLA ALONSO PANHO**



INSTAGRAM @NIKOLASFERREIRAVLOG

POPULAR O parlamentar, em mercado de Belo Horizonte: reconhecido nas ruas

Telegram @clubederevistas

A PRIMEIRA foto que Nikolas Ferreira tem no Instagram é de dezembro de 2013. Ele está de roupa social, calça preta e camisa branca, na frente de uma faixa que a família fez para comemorar a sua aprovação em direito na PUC-MG. É a partir daí que ele começaria a vida política, participando de movimentos que levantavam bandeiras como o impeachment de Dilma Rousseff e o fim da "ideologia de gênero". Uma década depois, se tornou o deputado federal mais votado do Brasil e, nas últimas semanas, virou protagonista na polêmica do Pix. O vídeo que fez para as redes sociais dizendo que o governo queria "taxar os mais pobres" teve 324 milhões de visualizações e pressionou o governo a recuar. Com a repercussão, foi a 16 milhões de seguidores no Instagram (4,5 milhões chegaram após o post) e ultrapassou o presidente Lula, que tem 13,3 milhões. Entre os políticos, só perde para Jair Bolsonaro (26,2 milhões).

Além do saldo positivo em engajamento, o episódio deu musculatura para que o deputado de 28 anos alimente pretensões maiores. Se na eleição de 2024 ele foi um dos principais cabos eleitorais da direita, agora planeja algo mais que se reeleger deputado federal. O alvo mais próximo é o Senado, mas para isso ele depende de uma PEC que abaixe a idade mínima para o cargo de 35 anos para 30. Já há uma tentativa: seu aliado, o deputado Eros Biondini (PL-MG), reúne assinaturas para protocolar a proposta. "Se a PEC for aprovada, pode ter certeza que eu ficaria muito feliz em representar meu estado e o Brasil como senador", diz Nikolas, que, no entanto, não descarta disputar o comando de seu estado — ele teria a idade mí-

Telegram @clubederevistas

nima (30 anos), independentemente de mudança na lei. "Para o governo, confesso que deixo a porta aberta. Ainda é preciso tempo para avaliar o cenário", afirma.



INSTAGRAM @NIKOLASFERREIRAVLOG

CONEXÕES Em Washington: posts com Pablo Marçal durante a posse de Trump

A sua entrada na disputa pelo governo mineiro iria impactar uma das eleições mais importantes em 2026. Além de ser o segundo maior colégio eleitoral do país, desde a redemocratização, nunca alguém chegou ao Planalto sem ter triunfado em Minas Gerais. A direita já tem um candidato, o vice-governador Mateus Simões (Novo), apoiado por Romeu Zema. Também podem entrar na briga o senador Cleitinho Azevedo (Republicanos) e o deputado estadual Bruno Engler (PL), segundo lugar na eleição a prefeito de Belo Horizonte em 2024. "É um cenário positivo, temos totais condições de sermos vitoriosos", analisa Engler, ex-colega de Nikolas na PUC e no movimento Direita Minas.

A movimentação já começa a causar desconfiança. A mesma PEC reduz a idade mínima para presidente de 35 para 30 anos, o que colocaria Nikolas no jogo. Parece um sonho distante, mas há quem passou a acreditar nele. O ex-presidente Jair Bolsonaro, que, mesmo inelegível, quer ser candidato em 2026, tem uma relação dúbia com o deputado. "Ele é um garoto que, de vez em quando, peca", disse em novembro em entre-

Telegram @clubederevistas

vista na qual defendeu Nikolas para senador ou governador. Nesta semana, porém, criticou quem "fica aparecendo ali, levando likes" e "outros que ficam aí querendo reduzir a idade". "Pessoas mais inteligentes do que eu, tem milhares por aí. Alguns, de pequena idade, estão se lançando já, 'eu sou candidato, eu vou resolver', na base da lacração", disse. Enquanto ele lamentava ter sido proibido pelo STF de ir aos Estados Unidos, Nikolas postava vídeos em Washington com Pablo Marçal, que passou a trocar caneladas com Bolsonaro e já se autodeclarou presidenciável.

A forte presença on-line de Nikolas surfa uma onda mundial de crescimento de figuras de direita nas redes. Ele se aproveita de elementos retóricos que costumam dar certo, como o apelo religioso e a defesa de posições morais conservadoras e do liberalismo econômico, além da exploração demagógica de temas como segurança pública. "Há uma camada de jovens que começam sua vida política e acabam sendo convencidos", avalia Paulo Ramirez, cientista político e professor da ESPM e da FESPSP.

O talento e a expertise de Nikolas no universo das redes sociais são tão respeitados que, durante a última eleição à cidade de São Paulo, foi chamado pelo governador Tarcísio de Freitas para dar conselhos à campanha de Ricardo Nunes, candidato à reeleição, que acabou vencendo o pleito. Na atuação parlamentar, vem se destacando mais pelos pronunciamentos, com críticas ao STF e a Lula, do que por suas ideias (nenhum projeto aprovado até agora). Assim, de like em like, ele vai chegando longe. ■

Telegram @clubederevistas

“NÃO TENHO NENHUM MARQUETEIRO”

Nikolas Ferreira diz que ele mesmo faz os roteiros de seus vídeos no celular e negou que Duda Lima, marqueteiro do PL e que fez a campanha de Jair Bolsonaro em 2022, estivesse por trás do post do Pix, como foi veiculado.

Tem algum profissional de comunicação que o ajuda na sua estratégia para as redes? Não, não tenho nenhum. A questão do marqueteiro é pura mentira. O Bolsonaro mesmo não sabia. Escrevi o roteiro do vídeo no meu celular, como faço com todos os outros conteúdos. Aquele estilo de vídeo eu já usei em vários outros. Basta olhar o meu Instagram. Não tinha nada de novo ali, a não ser o tema. As pessoas se uniram em torno dele, o que fez o sucesso da visualização.

Telegram @clubederevistas

Por que os conteúdos do governo federal não tiveram o mesmo alcance? Primeiro, eu que cuido da minha rede social. A identidade dos meus posts fica com a minha cara. Eu não coloco isso na mão de nenhum marqueteiro, de nenhuma pessoa. Tudo aquilo que o dono cuida sempre vai ter um melhor resultado. A segunda questão é a veracidade do discurso. Eu fiz um discurso que, querendo ou não, abrangeu todas as pessoas, sejam elas de esquerda, de direita ou de centro. Falta veracidade nas publicações do governo. Nada melhor do que a verdade para alcançar as pessoas.

Acha que o episódio do Pix fortalece o seu protagonismo para tentar outros cargos em 2026? Não faço as coisas pensando nisso. Estou realizando o meu trabalho como deputado, que é fiscalizar o poder público. Foi exatamente o que eu fiz. Eu fiscalizei o governo e, graças a Deus, através do meu vídeo, consegui ajudar 220 milhões de brasileiros. Porque, independe de gostarem de mim ou não, não vai mais ter a lupa do governo em cima, principalmente, dos mais pobres.

Telegram @clubederevistas

RACHA NO ALTAR

Prestes a emplacar o presidente da Câmara, o Republicanos, partido da Universal, vive embate interno entre a ala pragmática e os membros mais religiosos **LUCAS MATHIAS** E **LUDMILLA DE LIMA**



ALINHAMENTO Lula entre Motta (à esq.) e Pereira: agremiação vem votando 100% a favor do governo

FACEBOOK @MARCOS PEREIRA 1010

Telegram @clubederevistas

NASCIDO há vinte anos para concretizar o projeto de Edir Macedo e sua Igreja Universal de fincar os pés no poder, o partido Republicanos está cumprindo seu papel, com uma bancada de peso no Congresso e um ministério no governo Lula. O troféu mais vistoso deve ser erguido no mês que vem, quando o paraibano Hugo Motta deve ser alçado à presidência da Câmara, como o sucessor de Arthur Lira. Mota conta com um arco de apoios do PT ao PL, comprovando a relevância da "linha pragmática" que rege a sigla e consegue a façanha de, ao mesmo tempo, votar maciçamente pró-governo e abrigar expoentes do bolsonarismo. Nessa trajetória, a atual direção do Republicanos é acusada internamente por um grupo de ter exagerado nessa direção, afastando-se da "ala do altar" da Universal, como é chamado o grupo mais religioso. A turma se ressente da falta de espaço — no último pleito muita gente não conseguiu lançar candidatura — e de ser preterida nas indicações e divisões de cargos, promovendo nos bastidores um cabo de guerra que ameaça a unidade partidária.

Os ruídos têm origem em uma decisão tomada em 2016 por quem viria a se tornar um dos principais caciques políticos do país: o deputado federal Marcos Pereira, bispo licenciado da Universal e presidente do Republicanos há quatorze anos. Ungido no posto por Edir Macedo, líder e fundador da congregação, Pereira investiu na ampliação da sigla, que se abriu a quadros não evangélicos. Com essa manobra, a bancada federal saltou de oito deputados em 2010

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @RENATOCARDOSOOFICIAL

ÁLBUM Macedo *(no centro)* em família: o genro Cardoso *(à esq.)* lidera a rebelião

para 44 agora e de apenas um para quatro senadores. Enquanto Pereira ganhava asas, crescia a ciumeira da ala mais religiosa, que, com a virtual aposentadoria de Macedo, é capitaneada por seu genro, Renato Cardoso, o líder de fato da Universal, tendo ao seu redor figurões da fé como os bispos Alessandro Paschoall, coordenador do Grupo Arimateia, braço político formal da igreja, e Honorilton Gonçalves. Procurado por VEJA, Pereira negou qualquer desavença interna. "Nunca ouvi falar nessa disputa. Não chegou a mim nenhum movimento", desvia-se.

Ninguém admite claramente o problema, mas, quando se toca no assunto, os aliados de Pereira sacam logo suas

Telegram @clubederevistas

justificativas. “O partido ficar restrito à igreja não faria sentido, afastaria filiações”, explica Eduardo Cunha, o notório ex-presidente da Câmara, hoje à frente do diretório municipal no Rio (onde, aliás, as duas bandas em colisão apoiaram diferentes candidaturas a prefeito). No Senado, nenhum dos quatro republicanos frequenta os cultos da Universal, mesma situação do deputado Motta. Tampouco são evangélicos o principal governador da sigla, Tarcísio de Freitas, de São Paulo, e o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho. “Temos uma bancada plural, a maioria não é da igreja”, enfatiza o ministro.

A mais ostensiva iniciativa de Edir Macedo de unir fé e política centrou-se no sobrinho Marcelo Crivella, bispo licenciado da Universal que foi senador duas vezes, ministro do governo Dilma Rousseff e prefeito carioca. Só que o plano fracassou: Crivella não se reelegeu, acabou preso em uma investigação sobre corrupção e recolheu-se a uma discreta atuação como deputado. Mesmo assim, o Republicanos não se desviou de sua ambição de conquistar cargos e influência — expressa na disposição para se postar ao lado de todo e qualquer presidente.

A sigla apoiou Lula 1 e 2, embarcou no governo Dilma (depois votou a favor de seu impeachment) e perfilou-se com Jair Bolsonaro — não raro, Edir Macedo e Pereira eram clicados ao lado dele. Na campanha de 2022, a postura foi anti-Lula, mas, uma vez eleito, a coisa mudou de figura. “O partido é hoje um Centrão não radicalizado co-

Telegram @clubederevistas



ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

MÁ ESCOLHA Marcelo Crivella: investimento da sigla fracassou

mo o PL. Tem votado 100% com o governo Lula", diz o petista André Ceciliano, secretário nacional de Assuntos Federativos. Esse alinhamento, que pode render outro ministério na futura reforma da Esplanada, acirrou ainda mais os ânimos entre os pragmáticos da Universal e a turma dos mais religiosos. A Universal raiz congrega dezessete dos 44 deputados federais e tem argumentado que, por estar mais próxima do rebanho, é quem angaria votos. Trata-se de mais uma evidência de como o milagre do crescimento político pode produzir como efeito colateral a divisão do altar. ■

Telegram @clubederevistas

DESASTRE ANUNCIADO

Com um passado de confusões no Ipea, o petista Marcio Pochmann repete a dose no IBGE e faz manobras que podem pôr em risco a independência do instituto

CAMILA BARROS E **FELIPE ERLICH**



GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

INTRANSIGENTE Pochmann: indicado por Lula para assumir o instituto, ele pertence à ala mais radical do PT

Telegram @clubederevistas

NO CÁLCULO das probabilidades, era enorme a chance de um comandante com um perfil incendiário e dado a ideias excêntricas dar errado no comando do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um órgão com um longo histórico de respeitabilidade e rigor técnico — características, aliás, fundamentais para o Brasil, que depende dos dados demográficos, geográficos e econômicos do instituto para traçar metas públicas indispensáveis para o desenvolvimento do país. Acabou dando a lógica: um ano e meio após a sua posse como presidente do IBGE, o economista da Unicamp Marcio Pochmann enfrenta a escalada de uma crise que já resultou em protesto de funcionários, renúncia de diretores e denúncias contra sua gestão temerária. "Tinha tudo para dar errado, e deu mesmo", diz Edmar Bacha, ex-presidente do IBGE. "Ter uma administração desastrosa como essa é um problema para as estatísticas do país."

O alerta partiu de quem conhece Pochmann de perto. Em carta aberta divulgada nos últimos dias, 134 servidores do IBGE acusaram Pochmann de adotar postura autoritária e desrespeitar o corpo técnico da casa. "Sua gestão ameaça seriamente a missão institucional do IBGE", diz o texto. Semanas antes, o descontentamento já havia levado dois dos principais diretores do órgão a pedir exoneração de seus cargos. O envolvimento do alto escalão sinaliza o agravamento de uma crise de confiança que se intensificou com o anúncio, no ano passado, da criação da Fundação

Telegram @clubederevistas

IBGE+, um órgão público-privado planejado por Pochmann para, em tese, promover atividades de educação e pesquisa.

Apelidada pelos servidores de "IBGE paralelo", a fundação surgiu com um objetivo suspeito: captar mais recursos para o órgão federal. Isso porque, como autarquia vinculada ao Ministério do Planejamento, o IBGE depende unicamente dos recursos repassados pela União. Já o IBGE+ poderia estabelecer parcerias com empresas e, assim, ampliar o seu modelo de financiamento. É aí que mora o perigo. A associação do IBGE com empresas privadas compromete a histórica imparcialidade dos dados produzidos pelo instituto e abre espaço para que interesses externos influenciem as es-

A ESCALADA DA CRISE

Os problemas na autarquia se intensificaram a partir do último trimestre de 2024

26/SET/2024

Sindicato dos funcionários do IBGE realiza ato contra "medidas autoritárias" de Pochmann

15/OUT/2024

Funcionários do IBGE realizam paralisação de 24 horas, com a Fundação IBGE+ no centro das críticas

6/JAN/2025

Elizabeth Hypolito e João Hallak Neto, diretores de pesquisas do instituto, pedem demissão

Telegram @clubederevistas

tatísticas oficiais. Como se não bastasse, o novo modelo, segundo os críticos, abriria as portas à prática de negócios pouco republicanos dentro do instituto.

O plano permaneceu em sigilo até setembro de 2024, quando o estatuto do IBGE+ foi divulgado. "Tudo isso foi feito em segredo, gestado por quase um ano", diz uma servidora do IBGE, em condição de anonimato. "Ficamos espantados." Propostas parecidas já foram consideradas anteriormente — e descartadas. "A ideia não é nova nem boa", diz Wasmália Bivar, presidente do IBGE entre 2011 e 2016. "Nunca foi adiante porque a captação externa de recursos pode desencadear uma crise de confiança." Por isso, os servidores reivindicam que a criação do instituto seja revogada. "Pedimos que Pochmann suspenda a decisão e estabeleça diálogo", diz Bruno Perez, diretor do Sindicato dos Trabalhadores do IBGE (Assibge). A postura adotada até aqui é

20/JAN/2025

134 servidores, incluindo coordenadores, gerentes e ex-diretores, assinam carta aberta criticando a gestão de Pochmann

21/JAN/2025

A Confederação Nacional dos Servidores Públicos envia carta ao Congresso pedindo suspensão da Fundação IBGE+

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @ASSIBGESN

PROTESTO Servidores do órgão: eles temem a criação de fundação paralela

outra. Em notificação extrajudicial, Pochmann exigiu que o sindicato pare de usar a sigla IBGE em seu nome, medida que a entidade avalia como "retaliatória".

Apesar das críticas e da pressão que vem sofrendo, o presidente do IBGE mantém o seu projeto polêmico. Trata-se de uma postura habitual do economista. Indicado por Lula para assumir a chefia do IBGE, ele pertence à ala mais radical do PT e tem convicções ideológicas alinhadas ao antigo receituário da esquerda. Essa característica ficou evidente entre 2007 e 2012, quando comandou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), também por determinação de Lula. Naquele período, Pochmann ficou marcado pela gestão autoritária e intervencionista. Logo que assumiu o Ipea, o petista tratou de afastar quatro economistas respeitá-

Telegram @clubederevistas

veis que conduziam pesquisas no instituto — apenas porque não estavam alinhados à cartilha a ser defendida. Ele também congelou estudos na área da Previdência e encomendou pesquisas com viés ideológico, ferindo a premissa de independência do instituto.

O mau exemplo do passado e as novas e questionáveis manobras no IBGE colocam em xeque o futuro de Pochmann à frente do instituto. Procurado por VEJA, ele não atendeu à reportagem. Responsável, ao menos em teoria, pela indicação de seu nome para a chefia do IBGE, o Ministério do Planejamento não se pronunciou até o fechamento da reportagem. "Aparentemente, a ministra Simone Tebet continua não apitando", diz Bacha, para quem o futuro do IBGE está vinculado unicamente ao humor do presidente Lula, que é quem determina, de fato, se Pochmann será mantido no cargo. Enquanto uma solução não vier, o IBGE continuará passando por alguns dos dias mais conflituosos de sua história. ■

Telegram @clubederevistas

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich





GRUPO J&F/DIVULGAÇÃO

COMPRAS Wesley *(à esq.)* e Joesley: irmãos podem adquirir ativos da Brava

Energia de sobra

Os irmãos **Wesley** e **Joesley Batista,** donos da holding J&F, estão de olho no setor energético. A companhia de petróleo e gás Fluxus, que integra o conglomerado da dupla, pode fazer uma proposta vinculante pelos ativos onshore (em terra firme) da brasileira Brava Energia.

Sede de negócios

A Brava quer 2 bilhões de dólares pelo negócio, que também interessa à petrolífera argentina Pluspetrol. Os irmãos Batista estão ativos no mercado. Há alguns dias, rumores apontaram que estariam interessados em comprar a cervejaria Petrópolis.

Telegram @clubederevistas

Desastre nuclear

A saúde financeira da Eletronuclear, estatal brasileira voltada à produção de energia atômica, depende da retomada de Angra 3 — no final do ano passado, o governo adiou a decisão sobre o assunto. A previsão é que a discussão seja retomada no próximo dia 25. "Se não for para a frente, será catastrófico para nós", diz Raul Lycurgo, presidente da empresa. A Eletronuclear acumula dívidas de 6,3 bilhões de reais com a Caixa e o BNDES.

Área radioativa

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, é ferrenha opositora da retomada de Angra 3. Em visita à usina, Marina não quis nem que seu helicóptero pousasse nas instalações da Eletronuclear. O piloto teve que aterrissar na estrada.

Tombo em Nova York

A mineradora brasileira Brazil Potash só perdeu dinheiro desde que abriu o capital na bolsa de Nova York, em novembro. As ações tiveram desvalorização de quase 50%. A companhia desembolsou 5 milhões de dólares para fazer a listagem nos Estados Unidos.

Os cassinos das bets

Pelo menos quatro grandes cassinos que atuam em Las Vegas querem entrar no mercado brasileiro com a compra de casas de apostas on-line. Os cheques variam entre 2 bilhões e 4 bilhões de reais. Alguns executivos foram designados para buscar potenciais investidas.

Mar agitado

O estaleiro italiano Azimut Benetti, o maior do mundo,

Telegram @clubederevistas

vai investir 100 milhões de euros na expansão de suas fábricas. Uma parte do dinheiro chegará a Itajaí, em Santa Catarina, a única unidade fora da Europa. Os mares estão agitados para os negócios. A empresa contabiliza 164 encomendas de iates que serão entregues até 2029 em diferentes partes do mundo.

Porto seguro

A gestora Quadra Capital, dona da autoridade portuária Vports, deverá anunciar nos próximos dias uma nova rodada de investimentos no porto do Espírito Santo. A ideia é injetar 300 milhões de reais na operação.

Ganhando musculatura

A Wellhub (ex-Gympass), empresa brasileira especializada em benefícios corporativos, quer comprar novos ativos no exterior ainda no primeiro semestre. Em dezembro, a companhia anunciou a aquisição de uma rede de academias na Itália.

Bala na agulha

Dinheiro não falta. A Wellhub já recebeu aportes do fundo americano General Atlantic e do conglomerado japonês SoftBank. A última rodada de investimentos foi feita pelo grupo sueco de private equity EQT, que assinou um cheque de 85 milhões de dólares para a companhia brasileira. ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora

Telegram @clubederevistas

escola SEB | plataforma AZ

2024

+ DE 2500 APROVAÇÕES nos principais vestibulares!

2025

SOMOS NOTA MIL NO ENEM!

Das 12 notas mil de Redação no Brasil, 2 são do Grupo SEB.
E ainda conquistamos várias notas máximas em matemática e humanas!

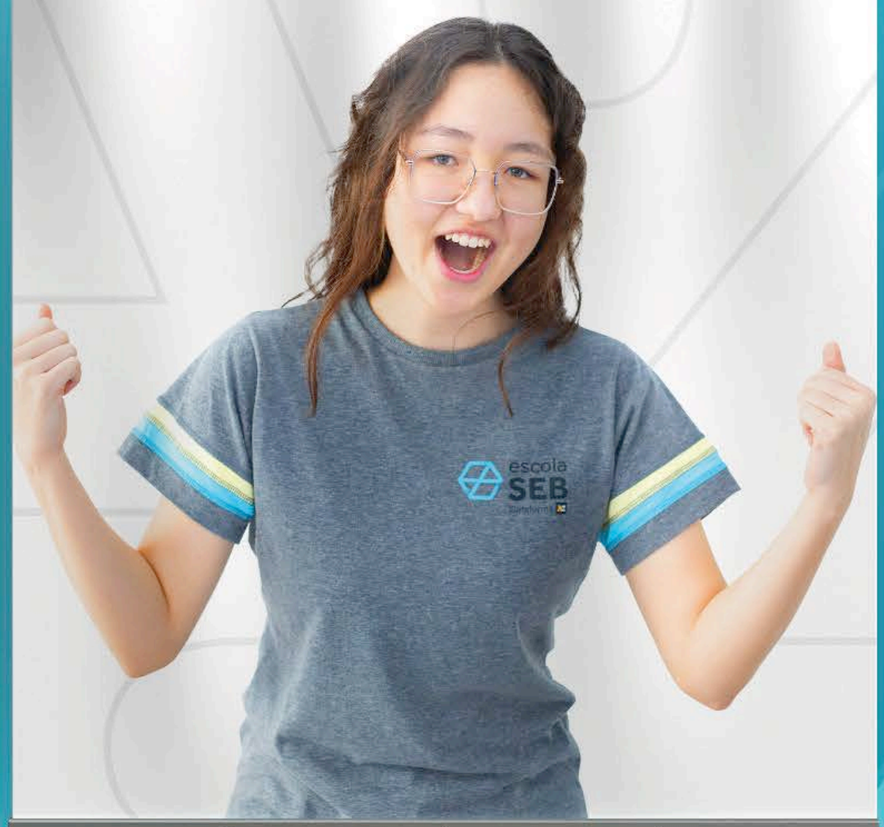
AMANDA CHAGAS

ESCOLA AZ



SABRINA AYUMI

ESCOLA THATHI-AZ



MATRÍCULAS ABERTAS

seb.com.br

GRUPO SEB

Telegram @clubederevistas

ROMBO SEM FIM

Governo Lula investiu uma grande energia para manter as velhas estatais federais e o país paga agora a conta: um prejuízo de 6 bilhões de reais

MÁRCIO JULIBONI E **FELIPE ERLICH**



SÓ PROBLEMAS Codevasf: estatal acumula prejuízos e suspeitas de fraudes em licitações

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

Telegram @clubederevistas

Na inauguração da estatal de tecnologia Ceitec, em fevereiro de 2010, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, então em seu segundo mandato, recorreu a uma imagem ufanista para justificar o investimento de 400 milhões de reais bancado pelos contribuintes para a construção da estatal. "A Ceitec é o começo da caminhada do Brasil para um futuro promissor", disse o presidente. Instalada em Porto Alegre (RS), a companhia abria as portas após dez anos de tentativas frustradas, com equipamentos doados pela americana Motorola e a missão de colocar o país na vanguarda do mercado mundial de microchips. Na prática, a ideia se revelou um fiasco monumental. Conhecida como a estatal do "chip do boi", criada para rastrear rebanhos, a empresa degringolou rapidamente. No ano passado inteiro, a Ceitec emitiu apenas sete notas fiscais aos clientes. O faturamento total foi de meros 137 000 reais — ou o preço de um automóvel SUV básico. Com 99 funcionários, as despesas alcançaram 87 milhões de reais. E, mesmo após um aporte de 40 milhões do Tesouro Nacional, a estatal encerrou o ano com prejuízo líquido de 47 milhões.

O desempenho da Ceitec simboliza como políticas erráticas, aparelhamento da máquina pública e má gestão torram o já escasso dinheiro público. Em vez de nos levar para o futuro, como alardeava Lula, as estatais nos mantêm atados ao passado. "A Ceitec é um dos grandes escândalos do Brasil", diz Elena Landau, ex-diretora de privatizações do BNDES. Procurada por VEJA, a empresa não retornou os pedidos de entrevista.

Telegram @clubederevistas

O PESO DO ESTADO

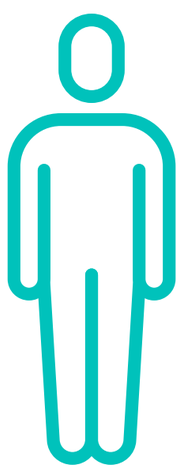
HÁ 123 ESTATAIS FEDERAIS NO BRASIL, DAS QUAIS:

44 SÃO CONTROLADAS DIRETAMENTE PELA UNIÃO



79 SÃO CONTROLADAS INDIRETAMENTE, ISTO É, POR MEIO DE OUTRAS ESTATAIS

Telegram @clubederevistas



NO TOTAL, AS ESTATAIS FEDERAIS EMPREGAM

438 000

FUNCIONÁRIOS



OS REPASSES DE RECURSOS DO TESOURO NACIONAL SÃO A PRINCIPAL FONTE DE RECEITA DE

17 EMPRESAS



O DÉFICIT PRIMÁRIO (RECEITAS MENOS DESPESAS) ACUMULADO EM 2024 PELAS ESTATAIS FEDERAIS, ATÉ NOVEMBRO, SOMAVA

6 BILHÕES DE REAIS*

* Não inclui a Petrobras e a ENBPar

Fontes: *Ministério da Gestão e Banco Central*

Telegram @clubederevistas

O debate sobre o desperdício de dinheiro com as estatais engrossou nos últimos meses, em meio à pressão para que o governo corte gastos. Estima-se que haja pelo menos 475 empresas públicas no país, das quais 292 pertencem a governos estaduais. A União opera 123 companhias, que acumularam um rombo de 6 bilhões de reais de janeiro a novembro do ano passado, segundo o Banco Central (BC) — é o maior tombo da história. O buraco é quase dez vezes maior que o déficit de 656 milhões registrados durante todo o ano de 2023, e ainda vai aumentar. O BC divulgará os dados de dezembro apenas no fim do mês, mas o Instituto Fiscal Independente (IFI), vinculado ao Senado, estima que as estatais federais encerraram 2024 com perdas de 7,2 bilhões de reais.

O principal sorvedouro de recursos são as dezessete empresas que vivem às custas do Tesouro, conhecidas como estatais dependentes. O segundo grupo é formado pelas 44 companhias cuja geração própria de caixa é capaz, em tese, de bancar as despesas. Mesmo elas podem ampliar o rombo, quando recorrem a aportes emergenciais do governo para fechar as contas — e há boas chances de isso ocorrer em breve. Ao elaborar o Orçamento de 2025, que será votado em fevereiro, após o recesso parlamentar, o Ministério da Fazenda estimou que sete estatais podem demandar socorro: Banco do Nordeste, Correios, ENBPar, Emgea, Casa da Moeda, Codern e Infraero. Entre os ministérios, o de Minas e Energia, de Alexandre Silveira, é um dos campeões em número de estatais, com 29 delas sob seu controle.

Telegram @clubederevistas



JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

INCERTEZAS Agência dos Correios: empresa corre risco de insolvência após cobrir rombo de fundo de pensão

O saco sem fundo para manter todas essas estatais é o principal argumento de quem defende uma redução drástica da máquina pública. "A Constituição restringe a atuação do Estado na economia a áreas de relevante interesse coletivo", diz Diogo Mac Cord, que comandou a Secretaria de Desestatização no governo Bolsonaro. Tal premissa, contudo, não tem sido cumprida, especialmente nos governos petistas.

A gelatinosa interpretação sobre o que atende, de fato, aos interesses nacionais escora a feroz defesa que o governo Lula faz das estatais. É o caso da Codevasf, que atua em obras no Nordeste. Com uma receita pífia de 48 milhões de reais em 2023, ela reportou prejuízo de 1,3 bilhão de reais. A conta só não foi pior porque o Tesouro — leia-se, os contri-

Telegram @clubederevistas



TAUAN ALENCAR/MME

FARTURA Alexandre Silveira: Ministério de Energia responde por 29 estatais

buintes — injetou 1,2 bilhão na companhia. Em nota enviada a VEJA, a Codevasf evoca sua "finalidade social e natureza pública" para justificar o buraco. "Por sua natureza singular, não é possível mensurar a atuação por meio de indicadores de mercado, típicos de empresas privadas ou estatais com fins lucrativos", afirma. A empresa pode não visar lucros, mas é uma generosa fonte de riqueza para os parceiros de negócios. Em setembro de 2023, a Polícia Federal deflagrou a Operação Benesse para investigar o desvio de recursos em contratos da Codevasf. Segundo os investigadores, há indícios de fraudes em licitações, lavagem de dinheiro e outros crimes. A operação levou a Controladoria-Geral da União e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica

Telegram @clubederevistas



ACERVO SBM

PÓDIO Plataforma da Petrobras: filial da Holanda é campeã de prejuízos

(Cade) a criar uma força-tarefa para apurar a formação de cartel nas licitações da estatal.

Enquanto a função social da Codevasf vira caso de polícia, o governo compra brigas com o Banco Central por discordar da metodologia da instituição para calcular o déficit. Para chegar ao rombo de 6 bilhões de reais acumulados até novembro, o BC analisa as entradas e saídas das empresas. O Ministério da Gestão argumenta que essa conta coloca no mesmo balaio despesas correntes, como a folha de pagamento, e os investimentos necessários para desenvolver o país. Um exemplo seria a Emgepron, vinculada ao Ministério da Defesa. Com 10 bilhões de reais em caixa após aportes feitos pelo Tesouro, a empresa começou a construir qua-

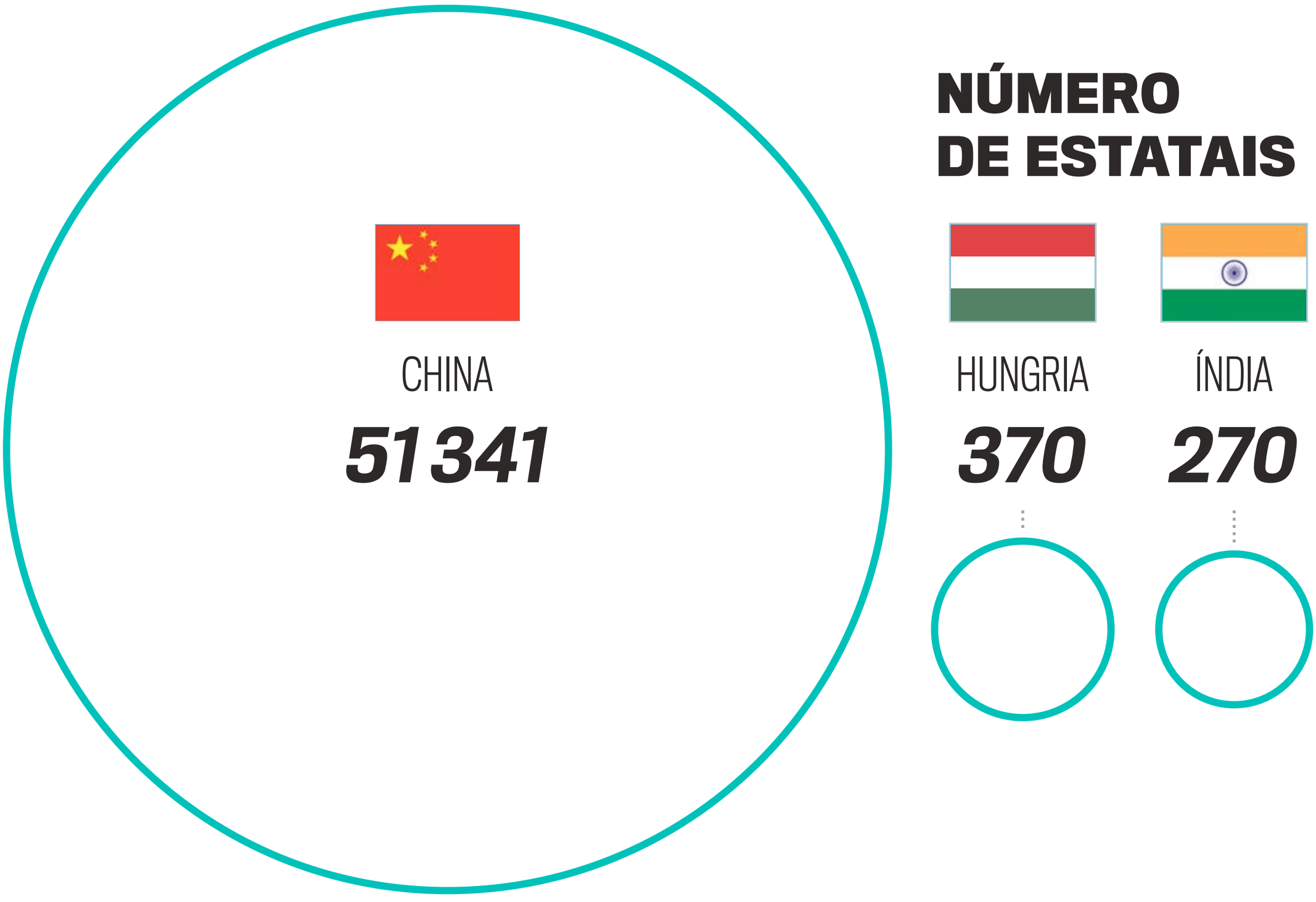
Telegram @clubederevistas

tro fragatas para a Marinha. Sem novas injeções, os dispêndios a tornaram deficitária aos olhos do BC. "O cálculo do resultado primário não é capaz de avaliar a saúde financeira das empresas", argumenta o ministério em nota a VEJA. Por motivos óbvios, esse tipo de argumentação está longe de encerrar o debate. "Se os déficits são gerados pelas políticas públicas, é preciso mostrar onde o dinheiro foi investido", afirma Sérgio Lazzarini, professor do Insper.

Espera-se que o governo tenha igual transparência para explicar como algumas estatais com geração própria de receitas também estão no vermelho. Dados do Ministério da

DESTAQUE DISCUTÍVEL

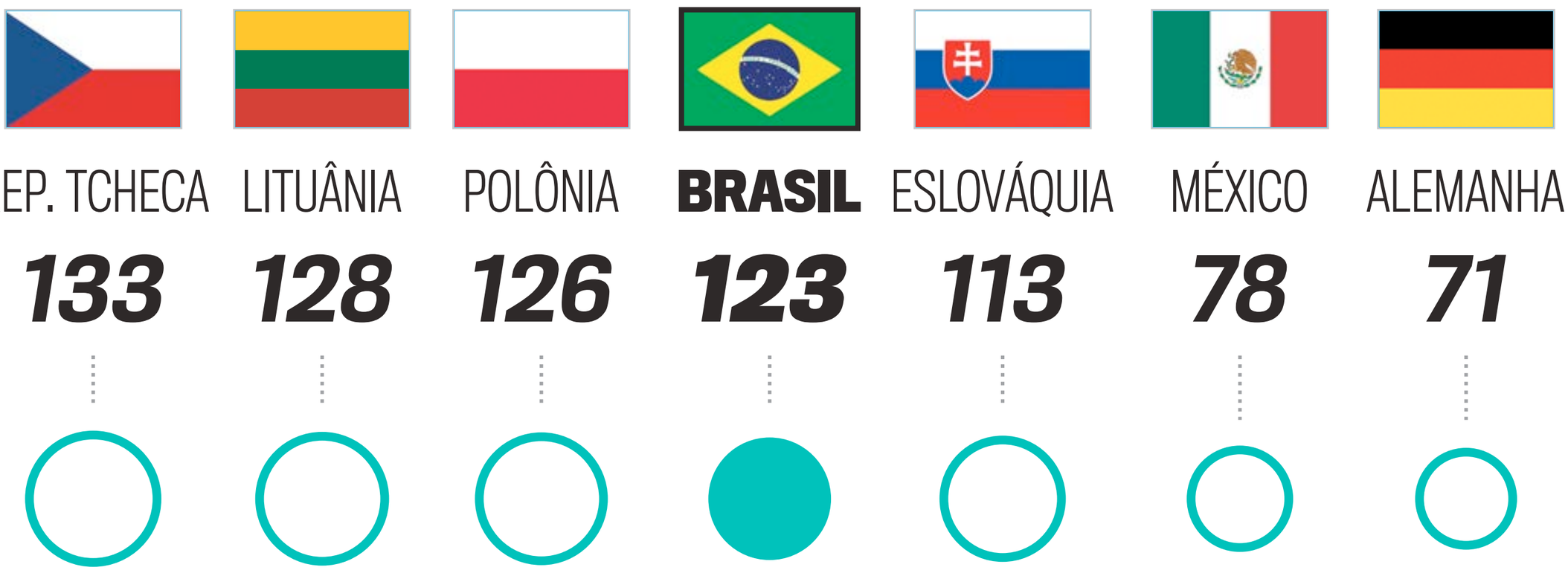
*O Brasil está entre os dez países com mais estatais em todo o mundo**



Telegram @clubederevistas

Gestão mostram que, no ano retrasado, 27 delas reportaram um prejuízo líquido total de 5,3 bilhões de reais. No topo da lista, com perdas de 1,3 bilhão de reais, está a PNBV, uma subsidiária da Petrobras com sede na Holanda e focada na compra, venda e leasing de equipamentos. Em segundo, está a Codevasf. Os Correios fecham o pódio com um rombo de 596 milhões de reais. Entre as três, apenas a Codevasf é classificada como dependente. As outras duas, portanto, deveriam sustentar-se sozinhas.

Os dados preocupantes a respeito do caixa das estatais são um resultado direto da resistência do PT a qualquer processo de desestatização. No governo Fernando Henrique Cardoso, o partido esteve na linha de frente contra as privatizações de empresas de setores como o de telefonia (felizmente para o país, a oposição não teve efeito algum). Logo no início da nova gestão de Lula, o presidente mandou parar todos os processos de desestatização que estavam em curso,



* Considera apenas as estatais controladas ou com participação minoritária do governo central

Fonte: *OCDE*

Telegram @clubederevistas



LUCAS LACAZ RUIZ/FOTOARENA

EXEMPLO Avião da Embraer: privatização permitiu que empresa se tornasse líder global

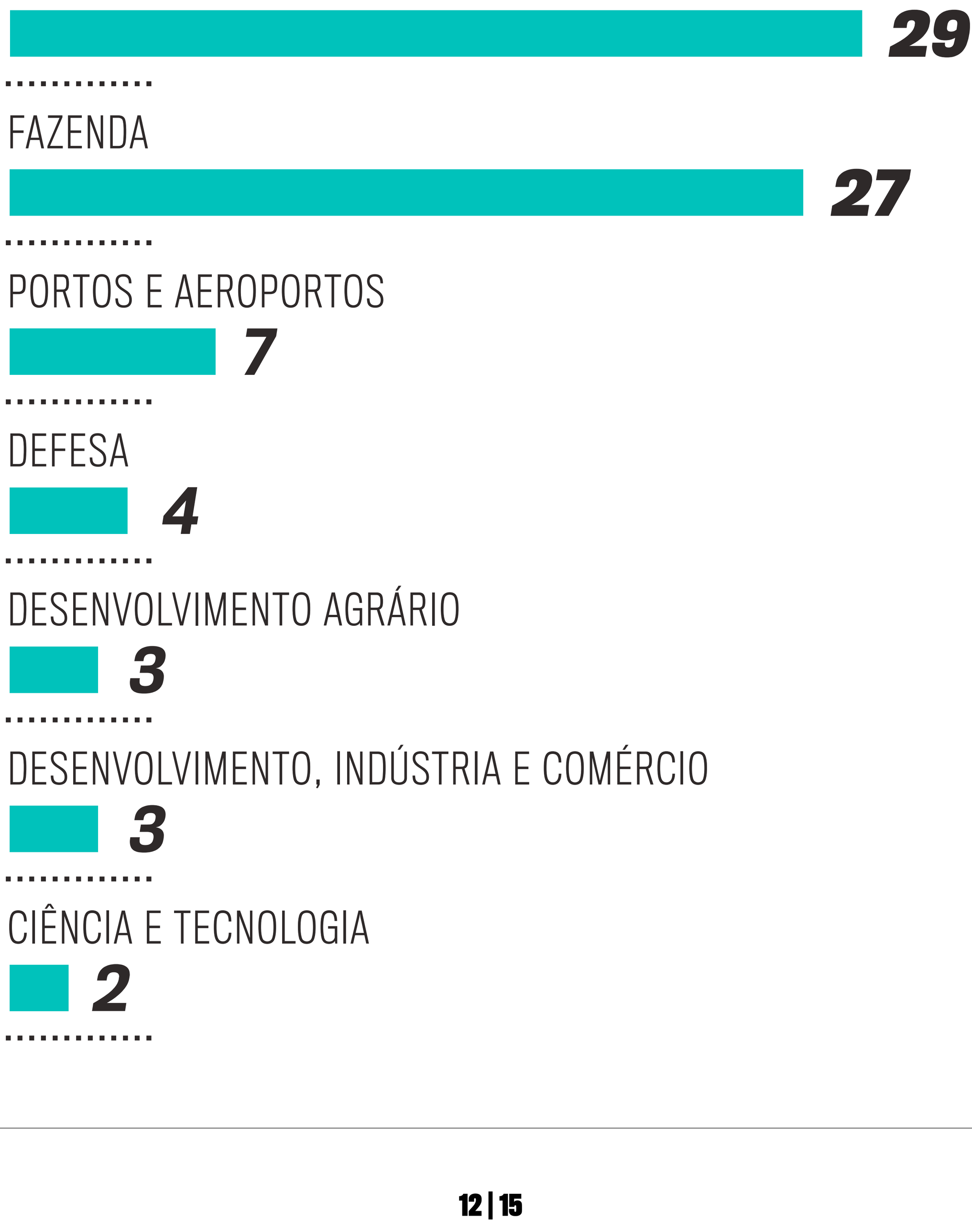
como o dos Correios. A privatização desenhada no governo Bolsonaro foi suspensa e os problemas só crescem. No acumulado de 2024 até setembro, a companhia já registra prejuízo de 2 bilhões de reais. Com isso, está muito perto de superar o pior resultado de sua história — as perdas de 2,1 bilhões vistas em 2015, no governo Dilma Rousseff. Para piorar, em novembro passado a empresa concordou em injetar 7,6 bilhões de reais no Postalis, o fundo de pensão de seus funcionários, que corre para tapar um buraco de 15 bilhões. Para equilibrar as contas, a diretoria impôs medidas de contenção de gastos. No ofício aos funcionários, a empresa ale-

Telegram @clubederevistas

OS PADRINHOS

Duas pastas controlam a maior parte das estatais da União

NÚMERO DE ESTATAIS POR MINISTÉRIO



Telegram @clubederevistas

EDUCAÇÃO

2

SAÚDE

2

CIDADES

2

COMUNICAÇÕES

2

AGRICULTURA E PECUÁRIA

1

GESTÃO

1

INTEGRAÇÃO

1

TRANSPORTES

1

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

1

Fonte: *Ministério da Gestão*

Telegram @clubederevistas

gou que, sem elas, corria o risco de insolvência. Em nota a VEJA, os Correios atribuem as dificuldades ao "processo de sucateamento conduzido pela gestão anterior, que estava privatizando a estatal". Mesmo que volte para o azul com os cortes de gastos, sua própria finalidade é questionada. "Uma estatal para transportar encomendas e cartas não faz mais sentido", diz Marcus Pestana, diretor-executivo do IFI.

É claro que mesmo os defensores mais convictos das privatizações reconhecem que não se trata de entregar tudo para a iniciativa privada e lavar as mãos. Os apagões de 2023 e 2024 ainda estão frescos na memória de milhões de paulistas que sofreram com a ineficiência da Enel. A solução para que não se troque um mau serviço estatal por outro igualmente ruim de uma empresa privada é tornar mais rigorosas a regulação, a fiscalização e a punição dos desvios. "Todo serviço público deve ter um comando, um prazo e uma consequência em caso de descumprimento", diz Mac Cord. "A inércia privada deve ser punida." Em outras áreas, a própria concorrência pode estimular o desenvolvimento de ex-estatais. É o caso da Embraer, privatizada em 1994 e hoje em dia uma das maiores fabricantes de aviões do mundo. Em um mercado cada vez mais competitivo, a companhia faturou 21,7 bilhões de reais no acumulado de 2024 até setembro e lucrou 1,5 bilhão.

Historicamente, como já lembrou em suas colunas em VEJA o ex-ministro Maílson da Nóbrega, países como Japão e Inglaterra criaram estatais no século XIX para estimular o

Telegram @clubederevistas



SGT BIANCA/FORÇA AÉREA BRASILEIRA

CONTAGEM REGRESSIVA Base de Alcântara: nova estatal para lançar foguetes

desenvolvimento em áreas como a da infraestrutura. Quando o mercado se mostrou capaz de investir nesse e em outros setores, essas nações aceleraram as privatizações. O Brasil continua preso ao passado, e o mais recente capítulo foi a criação de uma estatal subordinada ao Ministério da Defesa cujo propósito é lançar foguetes a partir da base de Alcântara, no Maranhão. Com ela, espera-se que o Brasil domine tecnologias estratégicas que nos coloquem em pé de igualdade com nações mais avançadas nesse campo. Considerando-se o histórico de desperdício, o mais provável é que a Alada, como foi batizada a nova companhia, contribua apenas para lançar mais prejuízos ao bilionário saldo negativo das estatais federais. ■

Telegram @clubederevistas



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

TIRO NO PÉ

O aumento de tarifas ameaça o progresso

JÁ EM SUA POSSE, Donald Trump ameaçou impor tarifas de 25% sobre as exportações canadenses e mexicanas, nada menos que seus parceiros do USMCA (antigo Nafta). Ainda que não tenha, por ora, se manifestado sobre a China e demais países, acredito que passou da hora de acreditar que se trata apenas de "estratégia de negociação" para extrair concessões. Há um risco claro de reversão de integração comercial, que foi uma marca registrada dos últimos quarenta anos.

Trump parte da ideia, bastante popular também por estas bandas, que importar é algo negativo e que déficits comerciais são uma expressão de fraqueza do país. Nesse sentido, barreiras à importação são entendidas como instrumentos de defesa contra a invasão de produtos importados e proteção (tipicamente) à indústria local. Bom, se tarifas e demais barreiras ao comércio internacional promovessem o crescimento, o Brasil seria uma das economias mais dinâmicas do planeta, o que, como sabemos, não é exatamente verdade.

Tomemos o caso da economia americana. Em particular, ela opera, já há algum tempo, muito perto do pleno

Telegram @clubederevistas

emprego, registrando no período mais recente taxas de desemprego na casa de 4%, depois de terem atingido níveis ainda menores, ao redor de 3,5%. A imposição de tarifas deve encarecer os produtos importados e favorecer a produção local. Não há, todavia, mão de obra ociosa. Pelo contrário, há mais vagas em aberto nas empresas do que pessoas desempregadas. Assim, para aumentar a produção dos bens que eram importados, será necessário deslocar trabalhadores de seus atuais postos. O aumento da produção desses bens requer redução da produção de outros. No entanto, se, na ausência de tarifas, os trabalhadores já se encontravam em outros setores, deve haver um motivo para isso, na verdade bastante simples: a produtividade desses trabalhadores tem de ser mais elevada do que seria se estivessem empregados nos setores que competem com as importações.

“Se barreiras promovessem o crescimento, o Brasil seria uma das economias mais dinâmicas”

Telegram @clubederevistas

Ao promover o deslocamento para setores que substituem os importados, a produtividade média da economia tende a cair. Não deveria soar como uma revelação: há dois séculos esse fenômeno é conhecido, ou deveria ser, sob o nome de "vantagens comparativas". Hoje, o produto por hora trabalhada nos EUA cresce ao ritmo de 2,5% ao ano. Tarifas mais altas ameaçam precisamente esse processo. Se o produto por hora trabalhada cresce menos, ou mesmo cai, a capacidade de crescimento da economia também perde fôlego. Somam-se assim dois impactos negativos sobre a inflação: o efeito direto do aumento dos preços de produtos importados e, mais à frente, uma menor capacidade para absorver a expansão da demanda. O primeiro é mais forte, mas pode se dissipar; o segundo deve requerer juros mais altos para alinhar o aumento da demanda ao ritmo (menor) de crescimento da oferta.

Há outros efeitos negativos, mas vale a pena mencionar um em especial. Dificilmente a ação americana ficará sem resposta, ainda mais dados os instintos protecionistas de vários países. Vale dizer, provavelmente haverá retaliação, replicando, em outros lugares, a dinâmica acima descrita. A globalização nos ofereceu a oportunidade de forte crescimento com inflação baixa. As folias protecionistas põem em risco esse desenvolvimento como jamais visto. ■

Telegram @clubederevistas

VAI DECOLAR?

As dúvidas sobre a chance de sucesso da fusão entre Gol e Azul, que dará origem à maior companhia do setor, e uma quase certeza: as passagens devem aumentar **LUANA ZANOBIA**



NA PISTA As aeronaves prontas para levantar voo: juntas, as empresas dominarão cerca de 60% do mercado doméstico

RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

Telegram @clubederevistas

UMA MÁXIMA do mundo da aviação diz que, cedo ou tarde, as companhias aéreas passarão por dificuldades. No Brasil, desapareceram nomes que fizeram história no setor, como Varig, Vasp e Transbrasil. No mundo, um exemplo marcante é o fim da americana Pan Am, sufocada por dívidas crescentes e má administração. Um retrato recente dos desafios que cercam os negócios aéreos é a situação difícil de duas das maiores empresas do mercado brasileiro. Há exato um ano, a Gol abriu um processo de recuperação judicial nos Estados Unidos. Em outubro de 2024, a Azul repactuou dívidas, evitando seguir pelo mesmo caminho. Juntas, elas somam 60 bilhões de reais em passivos financeiros, o que dá a dimensão da crise que enfrentam.

Há alguns dias, contudo, as duas empresas anunciaram um acordo que poderá trazer alívio para esse cenário. Depois de meses de negociações, elas anunciaram a fusão de

TURBULÊNCIA

As companhias aéreas brasileiras que desapareceram ou que se juntaram a outras no século XXI



2001

TRANSBRASIL

Encerrou as atividades e decretou falência

Telegram @clubederevistas

suas operações, o que dará origem a um conglomerado com receitas de quase 40 bilhões de reais e 59 milhões de passageiros transportados por ano. Na teoria, faz sentido para as empresas envolvidas. Resta saber se a fusão será suficiente para tirá-las do buraco. "Nosso objetivo é expandir o mercado", disse a VEJA John Rodgerson, presidente da Azul. O executivo afirma que a fusão, ainda dependente da aprovação dos órgãos regulatórios, resultará em sinergias operacionais que poderão levar à redução de custos e, portanto, a melhores condições financeiras.

Mas é preciso olhar para o outro lado da moeda. A concentração de slots — os direitos de pouso e decolagem em aeroportos — nas mãos de uma única companhia dificulta a entrada de competidores, cria barreiras artificiais e pode levar à manipulação da oferta de voos e preços. Esse tipo de preocupação faz sentido, pois o novo gigante aéreo brasileiro controlará noventa rotas nacionais nas

2007

VARIG

Entrou em recuperação judicial e foi vendida para a Gol

2008

VASP

Decretou falência

2011

WEBJET

Foi comprada pela Gol

Telegram @clubederevistas



BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

NOS ARES Rodgerson, CEO da Gol:
"Nosso objetivo é expandir o mercado"

2013

TRIP

Fez fusão com a Azul

2016

TAM

Associou-se à chilena LAN, o que deu origem à Latam

2019

AVIANCA BRASIL

Entrou em recuperação judicial e encerrou as atividades

Telegram @clubederevistas

quais não há nenhuma concorrente, além de dominar 80% das operações em aeroportos-chave como Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Unidas, as aéreas deterão 60% do mercado doméstico, enquanto a principal rival, a Latam, ficaria com 39%.

Com esse poder de fogo, sem rivais no horizonte, Gol e Azul, em tese, teriam liberdade para aumentar tarifas, já que os passageiros contariam com apenas uma opção — em algumas rotas, nenhuma — para cotar preços. "Depois de tantos esforços para reduzir a concentração, vamos permitir que o mercado volte a ser assim?", questiona o consultor Cleveland Prates, ex-conselheiro do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), órgão que tem a missão de avaliar a viabilidade da operação. Rodgerson contesta essa lógica. "É impossível prever os preços no futuro", afirma o executivo. "A fusão poderá reduzir preços ao ampliar a oferta de aeronaves e rotas e melhorar as negociações com for-

2023

ITA

Decretou falência

2024

GOL

Entrou em recuperação judicial

2025

AZUL E GOL

Assinaram memorando para a fusão

Telegram @clubederevistas

necedores de peças e combustíveis." É ver para crer. O histórico sugere o contrário: a aquisição da Webjet pela Gol, em 2011, levou a um aumento imediato de até 16% nos preços dos bilhetes, segundo o Cade.

Vale lembrar que a concorrência é o regulador mais eficaz do mercado. "Quando várias empresas competem entre si, elas são obrigadas a melhorar seus produtos e serviços, reduzindo os preços para atrair consumidores", ensinou o escocês Adam Smith, o pai da economia moderna. Nos Estados Unidos, principal mercado aéreo do mundo, a líder American Airlines possui 18% do mercado, bem distante dos 60% da fusão entre Azul e Gol. Na Europa, há forte preocupação com o excesso de concentração, justamente para assegurar a oferta de bons serviços a preços justos.

Por aqui, a transação tem um padrinho influente. O presidente Lula mantém conversas com os CEOs das duas companhias desde abril de 2024, quando foi assinado um acordo de confidencialidade sobre a operação. Na época, o chefe da Azul visitou a fábrica da Embraer e anunciou a compra de 23 aeronaves da fabricante. A fusão dos negócios atenderia a um desejo de Lula — algo que remonta ao malfadado selo de "campeãs nacionais", como foram chamadas as empresas escolhidas pelo presidente no passado para se tornarem colossos corporativos. A política terminou em escândalos igualmente colossais. O mercado e os consumidores esperam que o novo voo da Azul e da Gol siga por uma rota bem diferente. ■

Telegram @clubederevistas

A CANETA AMEAÇADORA

Trump não perdeu tempo em mostrar que, neste novo mandato, pretende empurrar todos os limites – e 46 decretos e uma penca de ordens estão aí para provar

AMANDA PÉCHY



MESA DE TRABALHO O republicano, feliz da vida logo após a posse: disposição de fazer o que bem entender

JIM WATSON/AFP

Telegram @clubederevistas

Como já havia acontecido na posse de 2017, mas agora com virulência e contundência ampliadas, Donald Trump fez de sua investidura em Washington, na segunda-feira 20, um manifesto no qual, sem surpresa alguma diante do histórico do personagem e das declarações durante a campanha, voltou a colocar os Estados Unidos no centro do universo, com a pretensão de dar as cartas ao restante do mundo. Em seu segundo mandato, agora aos 78 anos, ele se acha predestinado a devolver ao país os tempos dourados, custe o que custar. A seu lado, na cerimônia inaugural, a primeira-dama Melania, vestida de marinho e com um chapéu de abas infinitas que lhe escondiam os olhos, soava imperial e inescrutável. Ela fazia sua parte na composição de uma Casa Branca acima do bem e do mal. Por força dos 6 graus negativos, abandonou-se o plano de cerimônia ao ar livre e Trump discursou a uma plateia de 2 000 convidados espremidos na Rotunda do Capitólio — no mesmo espaço institucional que mandou invadir em 2021, derrotado por Joe Biden, a quem sucede.

Na sequência, entronizado, sentou-se a uma mesa — aliás, duas, uma improvisada na arena esportiva lotada de trumpistas devotos, outra coberta de história, no Salão Oval da Casa Branca — e pôs-se a assinar decreto em cima de decreto com a caneta de ponta grossa. Quanto mais ruidosa a decisão, melhor lhe parecia, mostrando a clara disposição de, nesta segunda versão, testar e superar os limites

Telegram @clubederevistas



SAUL LOEB-POOL/GETTY IMAGES/AFP

PITO Biden e Harris: ouvindo calados acusações de corrupção e traição

de determinação associada a um estado de permanente provocação. Não foi a avalanche de mais de 100 atos presidenciais prometida, mas, com 46, bateu o recorde de canetadas de um primeiríssimo dia no poder.

Antes de mais nada, tratou de desmontar o legado de seu antecessor (78 decretos emitidos por Biden foram revogados). Na empreitada, rescindiu com gosto medidas de inclusão racial e de gênero e de combate às mudanças climáticas. No discurso de posse, diante do presidente que se despedia e de Kamala Harris, e à frente de outros ex-chefes do Executivo, vários deles constrangidos e desconfortáveis, Trump já havia condenado o establishment "radical e cor-

Telegram @clubederevistas

rupto" e qualificado sua vitória nas urnas como "um mandato para reverter completa e totalmente uma traição horrível" imposta ao povo americano. "A partir deste momento, o declínio dos Estados Unidos acabou", decretou.

Na mesma toada, perdoou ou anulou as penas de quase todos os 1 500 condenados pela invasão do Capitólio, aí incluídos depredadores e agressores confessos de policiais que tentavam conter a turba. Pegou mal na força, que o apoiou em peso, e até entre alguns congressistas republicanos — mas se Trump fez, está feito. Na seara dos imigrantes ilegais, um pilar da campanha — que agrupou em "milhões e milhões e milhões de criminosos" —, a primeira medida foi estabelecer emergência nacional na fronteira sul, o que autoriza o redirecionamento de recursos para reforçar a segurança com tropas militares (1 500 soldados extras foram despachados na quarta-feira 22) e a retomada da construção do famoso muro. Ele também desativou um aplicativo criado no governo Biden para encaminhar pedidos de asilo e suspendeu todas as audiências marcadas. Conforme cansou de prometer, espalhou o terror entre os cerca de 11 milhões de estrangeiros em situação irregular ao autorizar batidas da ICE, a temida polícia de imigração, em santuários como escolas, igrejas e hospitais. "Temos receio de sair na rua. Já estamos vendo anúncios do governo pedindo que a população denuncie suspeitos", relata o instrutor de jiu-jítsu Marcelo, que prefere não dar o sobrenome, um dos cerca de 230 000 brasileiros indocumentados em solo americano.

Telegram @clubederevistas

Em outro decreto, Trump classificou as gangues urbanas como organizações terroristas no nível de Al-Qaeda e Estado Islâmico, orientando o Departamento de Justiça a pedir pena de morte para ilegais que cometam crimes graves, uma postura linha-dura respaldada por 55% da população. O mesmo órgão, aliás, baixou orientação para que qualquer funcionário público ou policial que se recuse a cumprir as novas regras do cerco aos imigrantes ilegais seja afastado e processado. O ato presidencial mais audacioso no quesito imigração é o que anula a concessão automática de cidadania americana a filhos de estrangeiros em situação irregular ou temporária. O direito está previsto na 14ª Emenda à Constituição, que diz que todas as pessoas



RON SACHS-POOL/GETTY IMAGES/AFP

IMPERIAL Melania: compondo a imagem da nova Casa Branca

Telegram @clubederevistas

nascidas nos Estados Unidos são cidadãs do país. Pode um presidente atropelar a Constituição? Promotores em 22 estados governados por democratas acham que não e entraram na Justiça contra o decreto. Trump está pagando para ver, dentro da sua política de forçar ao limite a capacidade de reação das instituições aos seus atos mais polêmicos.

A exemplo dos promotores, ativistas e ONGs também impetraram ações — nesse caso, para derrubar medidas que removem garantias trabalhistas de funcionários públicos, no intuito de substituí-los por aliados, e revogam os "radicais e perdulários" programas de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) em agências governamentais. Na terça-feira 21, foi demitida a almirante Linda Fagan, comandante da Guarda Costeira e primeira mulher a liderar um braço das Forças Armadas, sob a justificativa de "falhas" no controle da entrada de ilegais. Outra ordem executiva proclama que nos Estados Unidos só são reconhecidos dois gêneros, homem e mulher, o que pode levar, por exemplo, o Departamento de Educação a punir escolas que reconhecem a existência de alunos e alunas trans. "Os estados têm leis específicas para fazer frente ao desmonte. Mas Trump está no controle da narrativa, contando com o apoio de quem se cansou do que vê como excessos do progressismo", avalia Mark Peterson, professor de direito na Universidade da Califórnia.

Providências desse tipo puseram para rodar a cartilha anti-woke, desta vez com atos bem redigidos, formulados com antecedência para evitar obstáculos na Justiça. "Trump

Telegram @clubederevistas



ANGELA WEISS/AFP

É OU NÃO É? Musk fazendo o gesto que viralizou: críticas nas redes agora e problemas com os prometidos cortes

está mais focado e mais bem preparado para agir rapidamente e, ao fazê-lo, consolidar seus poderes", afirma Natasha Lindstaedt, professora de relações internacionais da Universidade de Essex. Fazem parte dessa estratégia os decretos para remover os Estados Unidos do Acordo de Paris — em paralelo à determinação de uma "emergência energética" no maior produtor de petróleo do mundo, o que remove entraves do governo Biden à exploração de combustíveis fósseis — e da Organização Mundial da Saúde (OMS), antecipando a lentidão dos dois processos.

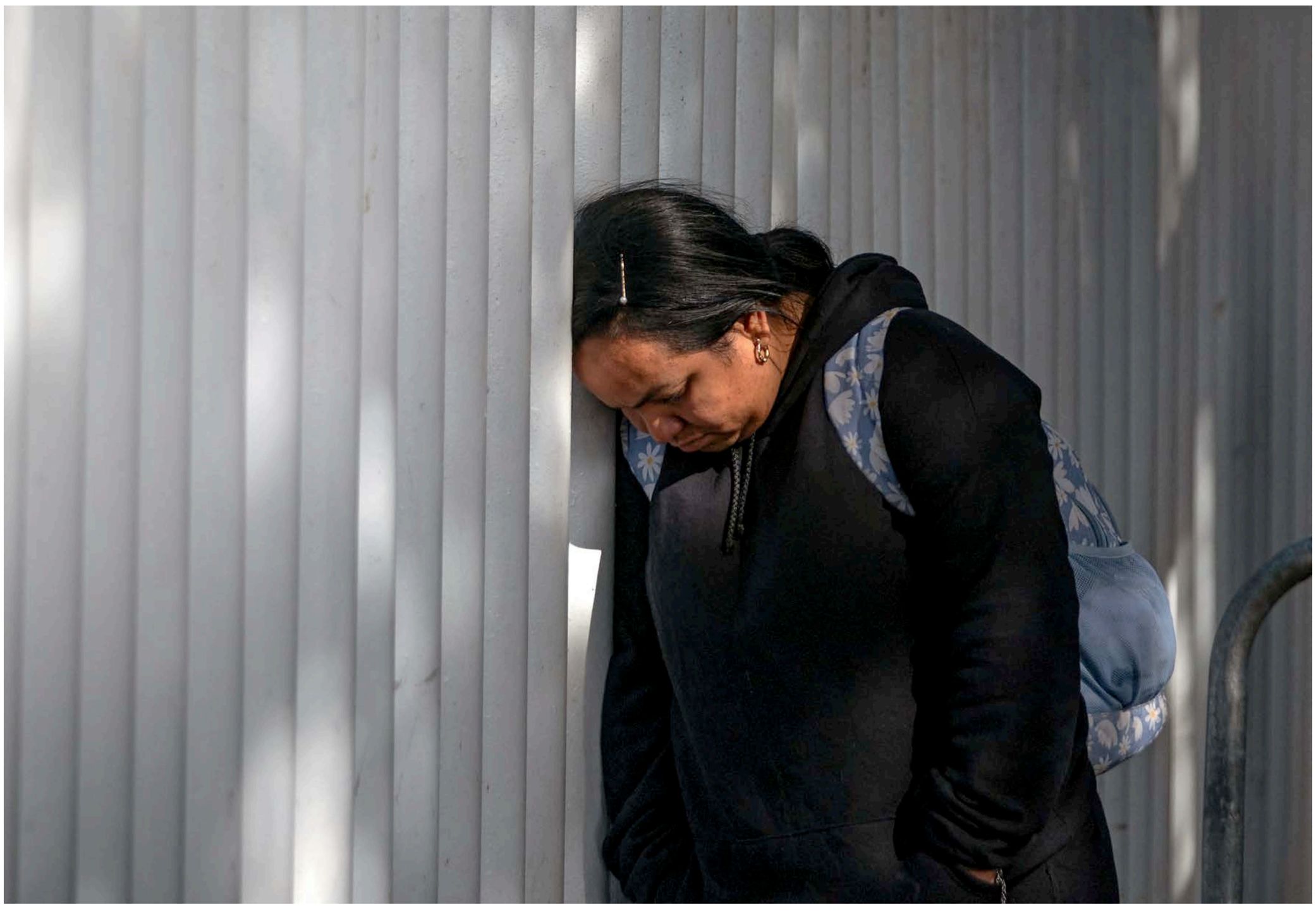
Ações direcionadas à economia e ao combate da inflação pouco entraram na avalanche de assinaturas. Os cor-

Telegram @clubederevistas

tes de impostos prometidos dependem da aprovação da Câmara e do Senado e um projeto nesse sentido está sendo elaborado. O temido tarifaço — ele, sim, aplicável por decreto — não se concretizou, embora em entrevistas Trump tenha ameaçado taxar em 25% as importações do Canadá e do México e em 10% (por enquanto) as da China a partir de 1º de fevereiro. No meio-tempo, instruiu os secretários de Comércio e Tesouro a montar uma "Receita Federal Externa" para coletar os milhões de dólares em tarifas que pretende arrecadar. "É possível que a série de intimidações seja uma tática de negociação. Primeiro, aperta, depois, afrouxa, para apresentar o resultado como uma proposta mais razoável", ressalta Robert Shapiro, professor de ciência política da Universidade Columbia. Antecipam-se ainda barreiras judiciais aos atos do tal Departamento de Eficiência Governamental que o presidente deu de presente a seu novo aliado favorito, Elon Musk — guerreiro MAGA que, de tão entusiasmado, estendeu o braço com a mão para baixo, não uma, mas duas vezes, em um discurso pós-posse, em gesto estúpido inevitavelmente comparado ao do nazismo. Musk desdenhou. "Essa coisa de todo mundo ser Hitler é veeelha", postou.

Para quem não vê Trump como salvador da pátria (e quase a metade da população dos Estados Unidos não o aprova), soou como um coral dos anjos o sermão da bispa anglicana Mariann Edgar Budde, que, do púlpito, em frente ao casal Trump, em um serviço religioso tradicional no dia

Telegram @clubederevistas



GUILLERMO ARIAS/AFP

FIM DA LINHA Lágrimas: candidata a asilo lamenta a anulação de todas as audiências

seguinte à posse, pediu "misericórdia" para as pessoas trans e os imigrantes. O presidente ouviu calado, mas, no recôndito da Casa Branca, acionou sua rede social para acusar Budde de ser uma "Esquerdista Radical da turma dos haters" e exigir que se desculpe perante o público — o que ela deixou bem claro que não pretende fazer. Pouca gente, no entanto, anda abrindo a boca para criticar ou rebater o novo presidente americano. Convencido de que está onde está por intervenção divina e como expressão do destino manifesto dos Estados Unidos de se posicionar acima de tudo e de todos, Trump, nestes primeiros dias, dedicou-se a mostrar a que veio. E mostrou. ■

Telegram @clubederevistas

O DIA SEGUINTE

Com a frágil trégua entre Israel e o Hamas, os primeiros reféns são liberados e os palestinos começam a voltar para onde moravam. Mas o mais difícil ainda está por vir

CAIO SAAD



TERRA ARRASADA Ruínas: habitantes que retornam encontram casas destruídas por mais de um ano de bombardeios

AHMAD SALEM/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

SOB UM CESSAR-FOGO cuja permanência é fiscalizada minuto a minuto, sempre a ponto de ir pelos ares (literalmente), Israel recebeu de volta, após dramáticos 470 dias de cativeiro em Gaza, três mulheres levadas pelo Hamas no cruel ataque de 7 de outubro de 2023, que desencadeou uma guerra em larga escala. A devolução delas e de cinquenta prisioneiros palestinos consolidou o início da primeira das três fases de um acordo arrancado a duras penas — nos próximos 42 dias, 33 reféns devem retornar a Israel (um segundo grupo está previsto para sábado 25), em troca da liberação de cerca de 1 000 presos palestinos. Cada um empenhado em pintar a trégua como um triunfo do seu lado, militantes do Hamas emergiram dos túneis e desfilaram armados pelas ruas de Gaza, enquanto o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu se gabava de haver "mudado a face do Oriente Médio". São demonstrações de força que montam o cenário para cruciais e dificílimas negociações.

A nova etapa de discussões começa em 4 de fevereiro e tratará de temas espinhosos. Um deles é a lista de prisioneiros que o Hamas exige em troca dos reféns restantes (vários deles sem vida), da qual constam líderes detidos há décadas e considerados perigosos e extremistas. Outro é o cronograma da retirada das tropas israelenses, que o Hamas exige ser total, enquanto o governo de Netanyahu insiste em manter controle de pontos estratégicos no território. Mais complicada ainda é a instalação de uma nova li-

Telegram @clubederevistas

MAAYAN TOAF/GPO/AFP



ALÍVIO Refém reencontra familiares: três mulheres liberadas no primeiro dia

derança em Gaza aceitável para Israel, que obviamente rejeita qualquer papel do Hamas, que governou o local por dezoito anos, e igualmente se opõe à presença da Autoridade Palestina, herdeira da Fatah, de Yasser Arafat, que administra partes da Cisjordânia ocupada, mas é vista como uma organização obsoleta e corrupta na qual nem os palestinos confiam. “O acordo é uma trégua frágil, e não

Telegram @clubederevistas

uma cessação do conflito, o que exige um retorno quase imediato à mesa de negociações para manter as fases restantes vivas e pressão externa constante, sobretudo dos Estados Unidos", diz Sanam Vakil, diretora para o Oriente Médio do think tank britânico Chatham House.

Consultado sobre as chances de o cessar-fogo se manter, o próprio presidente Donald Trump, um de seus avalistas, disse duvidar — sempre ressaltando que "essa guerra é deles, não é nossa". Se algum pacto for alcançado que leve ao fim definitivo das operações armadas — um "se" de proporções monumentais —, a terceira fase será encarar a reconstrução de um território devastado por mais de um ano de bombardeios quase ininterruptos. Já nos primeiros dias da trégua atual, muitos moradores de Gaza deslocados pelos ataques israelenses — cerca de 90% dos quase 2 milhões de habitantes tiveram que se locomover — começaram a voltar para onde viviam, embora as casas sejam escombros sob os quais jaz um número indeterminado de mortos (calcula-se que cerca de 10 000 devem se somar aos 47 000 oficiais). Só a remoção dos mais de 50 milhões de toneladas de detritos pode levar catorze anos e custar 1,2 bilhão de dólares.

Fortalecido pelas investidas militares que fizeram do Hamas uma fração do que era, debilitaram o poderio do Hezbollah no Líbano e encostaram na parede o Irã, patrocinador dos dois grupos, Netanyahu recuperou parte de sua popularidade e tenta agora se equilibrar nas cordas do

Telegram @clubederevistas

poder — um feito que exigirá todo o seu conhecido talento para sobreviver a crises. Por causa da trégua, um dos integrantes ultranacionalistas da sua coalizão — o partido de Itamar Ben-Gvir, que renunciou ao cargo de ministro da Segurança Nacional — anunciou a saída e outros ameaçam fazer o mesmo, o que, se acontecer, fará o governo perder maioria e forçará a convocação de novas eleições.

A rebelião da direita radical ortodoxa contra o que vê como concessão inaceitável ao Hamas pode estar por trás da incursão das Forças Armadas israelenses em uma nova frente de batalha. Dias depois do anúncio da trégua em Gaza, caças israelenses iniciaram a operação Muralha de Ferro, despejando bombas sobre Jenin, cidade da Cisjordânia que aloja um vasto campo de refugiados, matando dez pessoas. "Trata-se de uma ação decisiva para eliminar terroristas", declarou o ministro da Defesa, Israel Katz. Na mesma ocasião, o comandante do Estado-Maior militar, general Herzi Halevi, renunciou e assumiu responsabilidade pelas falhas de segurança que levaram ao ataque do Hamas, eximindo o primeiro-ministro e favorecendo sua defesa na sempre protelada investigação sobre o caso. O futuro de Netanyahu, que está sendo julgado por corrupção, também se encontra atrelado ao esperado apoio de Trump na defesa dos interesses de Israel no Oriente Médio. Com tantas variáveis, as chances de paz — ou ao menos de uma pausa duradoura na violência — seguem em aberto. ■

Telegram @clubederevistas

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Mafê Firpo
e Nara Boechat



SUCESSO ENTRE LÁGRIMAS

Meses após interpretar uma mocinha que penava por amor no remake de Renascer, **DUDA SANTOS,** 23, volta à rotina de lágrimas e carinhas sofridas em *Garota do Momento*, atual novela das 6 da TV Globo, onde vive uma jovem tímida dos anos 1950. Ela garante que se identifica com a nova personagem: "A Beatriz é uma princesa e eu sempre quis ser uma, desde pequena". Mais complicado tem sido se adaptar à compostura da época. "Eu me mexo muito, sou de tocar, encostar, abraçar e beijar as pessoas. Ainda estou me encaixando no corpo dela, que é menos expansivo", explica. Em relação às muitas dificuldades no caminho da romântica Beatriz, sua postura é, digamos, filosófica: "Às vezes, a gente tem que olhar para a dor e aceitá-la". Ponto-final.



INSTAGRAM @DUDASANTOSSD

Telegram @clubederevistas

O TÍTULO DA DISCÓRDIA



INSTAGRAM @ANGELIQUEAF_OFF

Coroada miss França 2025, **ANGÉLIQUE ANGARNI-FILOPON,** 34, a mais velha beldade a ostentar a faixa, se viu julgada e condenada nas redes sociais quando, em uma entrevista, se recusou a pronunciar o mote solidário "Je Suis Charlie" nos dez anos do ataque de terroristas islâmicos que matou doze pessoas no semanário parisiense *Charlie Hebdo*. Uma charge na própria publicação mostrou três mulás portando um cartaz escrito "Miss França não é Charlie". Angélique admitiu que sua reação foi "atrapalhada", que "obviamente a liberdade de expressão é de suma importância" e que não se manifestou na ocasião porque seu posto requer que seja "neutra em algumas questões". Não é a primeira controvérsia que enfrenta, porém: ex-aeromoça nascida na Martinica, Angélique se queixa da enxurrada de críticas na internet pela cor da pele, pela idade e até pelo penteado. "Não cedam ao prazer perverso de destruir a vida das pessoas", pediu recentemente.

Telegram @clubederevistas



CHIP SOMODEVILLA/POOL/AFP

ONDE ESTÁ MICHELLE?

Uma figura chamou a atenção entre os ex-presidentes americanos presentes ao discurso de posse de Donald Trump: **BARACK OBAMA,** 63, o único a entrar e sair desacompanhado. Não foi a primeira vez que isso aconteceu – Michelle tampouco apareceu no serviço fúnebre de Jimmy Carter, pouco antes, sem dar explicação além de "estar de férias". Para uns, foi um tapa de pelica em Trump, ainda mais por ela ter postado uma mensagem de elogio a Martin Luther King no dia dele, também 20 de janeiro, sem fazer menção ao novo presidente. Para (muitos) outros, foi mais uma evidência de que o casamento vai mal. Obama derramou-se em elogios à "mulher da minha vida" no aniversário de 61 anos dela, dia 17, mas a boataria não arrefeceu, pelo contrário – só se fala em um suposto affair dele com a atriz Jennifer Aniston.

Telegram @clubederevistas



CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

LADO A LADO

Na fileira da cerimônia de posse de Donald Trump ocupada pelos bilionários da tecnologia – CEOs da Amazon, Meta, X, Google, Apple, Tiktok e OpenAI, entre outros – sentaram-se duas caras-metades diametralmente opostas. Raramente vista em público, a discreta **PRISCILLA CHAN,** 39, em um comportado conjunto azul-claro Bottega Veneta, pérolas e pouca maquiagem, seguiu atentamente o ritual ao lado do marido, **MARK ZUCKERBERG,** 40. No assento seguinte, a exuberante **LAUREN SANCHEZ,** 55, noiva de **JEFF BEZOS,** 61, exibia-se em um terninho Alexander McQueen com decote além da imaginação, desta vez atenuado – mais ou menos – por um sutiã de renda. Priscilla, filha de sino-vietnamitas, e Lauren, de família mexicana, ouviram sem piscar as ameaças de Trump contra imigrantes ilegais.

Telegram @clubederevistas

PONTO DE LUZ


ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES

Contrastando com a imagem sombria e imponente projetada pela primeira-dama Melania Trump, **USHA VANCE,** 39 anos, mulher do vice-presidente JD Vance, era só simpatia e jovialidade na festa do Capitólio. De vestido cor-de-rosa Oscar de La Renta (e casaco idem no gelado ar livre), botas de camurça e brinco floral, bonita e sorridente, encantou ainda mais quando, na hora do juramento do marido, os filhinhos pequenos **EWAN,** 7, e **VIVEK,** 4, além de Mirabel, 3, foram levados ao palco. Filha de imigrantes indianos, traço que compartilha com a vice derrotada Kamala Harris, Usha é advogada bem-sucedida e, segundo as más línguas, engoliu a contragosto a decisão de Vance de embarcar na política, ainda por cima num projeto de longo prazo – ele estaria sendo treinado para suceder ao chefe. ■

Telegram @clubederevistas



NERVOS À FLOR DA PELE

Abuso de redes sociais, inflação crescente, a interminável polarização política, os desastres ambientais – sobram preocupações para os brasileiros. Não à toa, o país ocupa um alarmante papel de destaque na atual epidemia global de ansiedade

AMANDA CAPUANO E **JOSÉ BENEDITO DA SILVA**

MONTAGEM COM IMAGENS DE ADOBE FIREFLY

Telegram @clubederevistas



Ela invadiu de forma sorrateira os corações e mentes da nação, até ganhar súbita notoriedade no dia a dia dos brasileiros — não exatamente por bons motivos. A ansiedade — ela mesma — é uma emoção que, na definição clássica, consiste no temor acentuado com os desígnios do futuro e na sensação de impotência diante de ameaças do presente. Preocupações nesse sentido, infelizmente, sempre existiram aos montes na vida humana — mas atingem o mundo, e os brasileiros em especial, com contundência singular na atualidade. Recentemente, ansiedade foi eleita a palavra que definiu o ano de 2024 para os cidadãos do país, numa pesquisa que ouviu 1538 pessoas. Para onde quer que se olhe, de fato, lá está ela marcando presença. Acossado por aflições que vão da inflação às rinhas ideológicas nas redes sociais, passando por dilemas de alcance global como guerras, extremos climáticos e a ascensão de líderes disruptivos como Trump, em seu segundo mandato na Casa Branca *(veja a reportagem "A caneta ameaçadora")*, o brasileiro nunca foi tão ansioso — e pede socorro como pode.

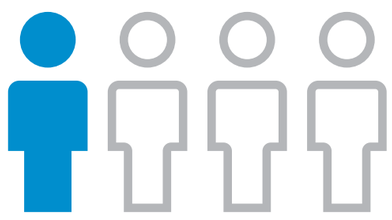
As estatísticas comprovam a dimensão do problema e trazem um alerta: passou da hora de toda a sociedade, principalmente as autoridades, tomar consciência da gravidade do fenômeno que ganhou o epíteto de epidemia global da ansiedade. Em 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apontou que o Brasil é o país mais afetado por essa crise que mexe com os nervos do planeta. Em dados mais

Telegram @clubederevistas

A CRISE EM NÚMEROS



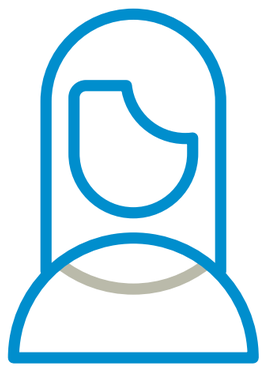
328 MILHÕES
DE PESSOAS NO MUNDO, OU 4% DA POPULAÇÃO GLOBAL, TÊM TRANSTORNO DE ANSIEDADE, MAS APENAS



1 EM CADA 4 PESSOAS
AFETADAS RECEBE TRATAMENTO



26,8% DA POPULAÇÃO,
56 MILHÕES DE BRASILEIROS,
SOFREM DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE



MULHERES E JOVENS
DE 18 A 24 ANOS SÃO OS MAIS AFETADOS



11,5 BILHÕES
DE DÓLARES FOI O VALOR MOVIMENTADO NO MERCADO GLOBAL DE TRATAMENTO DOS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE EM 2024 — CIFRA QUE DEVE CHEGAR A **15,9 BILHÕES** EM 2032

Fontes: *OMS, Covitel 2023 e Towards Healthcare*

Telegram @clubederevistas

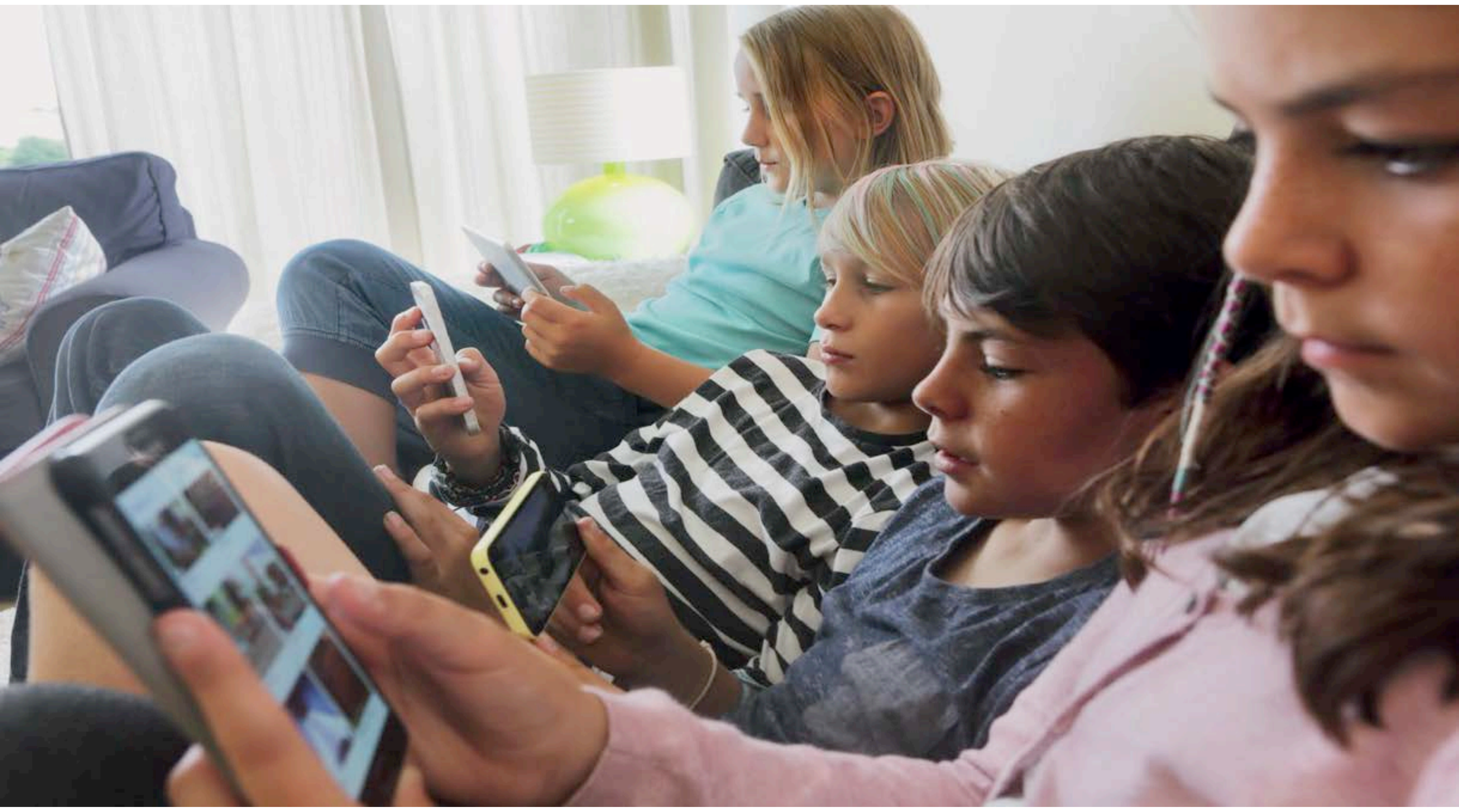
frescos da pesquisa Covitel, de 2024, contabilizam-se 56 milhões de pessoas (ou 26,8% da população) padecendo do transtorno psíquico em algum grau no país *(leia o quadro "A Crise em números")*. Segundo novo levantamento do Ministério da Saúde, feito a pedido de VEJA, o SUS contabilizou 671 305 atendimentos ambulatoriais relacionados à ansiedade entre janeiro e outubro de 2024 — 14,3% a mais que o registrado em todo o ano de 2023.

Infelizmente, tudo indica que 2025 trará fontes de ansiedade com potencial de agravar esse quadro. Deverá ser um ano notadamente turbulento, tanto na política quanto na economia — com uma influenciando a outra, e ambas interferindo de maneira direta na vida cotidiana. O cenário econômico tenso dos últimos dias de 2024 não deve mudar tão rápido. Alavancados pelo risco crescente de descontrole nas contas públicas e pela resistência do governo em enfrentar o problema de forma mais agressiva, o dólar e os juros devem continuar em alta, o que tende a pressionar a inflação, elevar o custo de vida e impor mais dificuldades ao orçamento doméstico. No final do ano passado, 73 milhões de brasileiros disseram estar endividados. Dois em cada três achavam que isso poderia piorar no horizonte próximo *(leia o quadro "Agenda nervosa")*.

A instabilidade econômica tem ainda um enorme potencial para turbinar crises políticas, que também impactam o emocional coletivo. Ela não será, no entanto, o único fator a tensionar esse ambiente em 2025. A provável

Telegram @clubederevistas

PETER CADE/STONE/GETTY IMAGES



VÍCIO Jovens e seus smartphones: brasileiro gasta cinco horas por dia neles, o que só aumenta os transtornos

denúncia da Procuradoria-Geral da República contra o ex-presidente Jair Bolsonaro por conspiração para executar um golpe de Estado tende a jogar combustível na polarização política, que tomou conta do país há alguns anos e rachou ideologicamente não apenas o eleitorado, mas famílias, grupos de amigos e ambientes de trabalho — o que compromete as relações interpessoais e aumenta a sensação de isolamento nas pessoas. Em levantamento feito pelo Datafolha em 2022, à época da última eleição presidencial no país, 46% dos entrevistados relataram que deixaram de conversar com familiares ou amigos por causa de desavenças políticas.

Telegram @clubederevistas

O mundo certamente não irá contribuir para melhorar esse ambiente — pelo contrário. A volta de Trump ao poder nos Estados Unidos, com uma postura que abraça a beligerância em várias frentes, deve provocar dias de instabilidade global na política e na economia, com potencial para tumultuar a vida em vários países do mundo. No Brasil, tende a atiçar a radicalização política, que será reforçada não só por um eventual julgamento de Bolsonaro, mas pela cada vez maior inclinação à direita das principais redes sociais do planeta, sobretudo o X, de Elon Musk — que inclusive terá cargo no governo Trump —, e o Facebook e o Instagram, de Mark Zuckerberg — que se aproximou ideologicamente do novo presidente americano e adotou medidas que devem aumentar o vale-tudo no ambiente digital. Tudo isso em um mundo já com várias frentes de instabilidade, como a guerra na Ucrânia, a ascensão da extrema direita na Alemanha (que terá eleições neste ano) e as incertezas com relação ao futuro de países como Síria e Venezuela.

Do ponto de vista coletivo, a ansiedade é, de fato, um sentimento que ganha força conforme o zeitgeist — ou espírito de cada tempo. Em momentos sombrios como a Grande Depressão econômica americana, nos anos 1920, os períodos dos dois conflitos mundiais ou a Guerra Fria, ela assomou com força aflitiva. São diversos os fatores que a propulsionam hoje, em especial entre os jovens. A pandemia, por exemplo, deu impulso decisivo à explosão da ansiedade como problema global. Mas, sem dúvi-

Telegram @clubederevistas

da, o advento dos smartphones e das redes sociais amplificou seus efeitos de modo sem precedentes.

Não é exagero caracterizar a atual crise de ansiedade como um mal que define a era digital. O psicólogo social Jonathan

AGENDA NERVOSA

Cinco focos de tensão no Brasil e no mundo que estão no horizonte para 2025

INSTABILIDADE ECONÔMICA

O risco de crise fiscal deve continuar pressionando o dólar, os juros e a inflação, o que impacta o custo de vida e o orçamento das pessoas. No final do ano passado, 73 milhões de brasileiros estavam inadimplentes, segundo a Serasa, e 65% acreditavam que o endividamento iria aumentar em 2025, de acordo com sondagem da Febraban



Telegram @clubederevistas

Haidt aponta no livro *A Geração Ansiosa* que a infância hiperconectada às mídias sociais e a superproteção paterna estariam levando os jovens a sofrer cada vez mais de transtornos mentais, com a ansiedade à frente. Ele pondera que o declínio da saúde mental entre os jovens, sobretudo nas meninas, se acentuou no início da década de 2010, com a popularização dos smartphones e das redes, que exacerbam inseguranças e

POLARIZAÇÃO POLÍTICA

A investigação sobre a participação do ex-presidente Jair Bolsonaro e de oficiais graduados das Forças Armadas em um plano de golpe de Estado em 2022 deve chegar ao STF no início do ano e acirrar a animosidade entre seus apoiadores e as instituições do país



Telegram @clubederevistas

comparações, além de intensificar o isolamento social no mundo real. "A geração Z foi a primeira a passar pela puberdade com um portal no bolso, que os afastava das pessoas próximas e os atraía para um universo alternativo empolgante, viciante e instável", escreve o americano. O fato de sua obra ter se tornando um best-seller instantâneo no Brasil e no mundo prova que ele tocou num nervo sensível da população.

INCERTEZA GLOBAL

A volta de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos deve criar ou ampliar tensões geopolíticas com a Europa e vizinhos, como Canadá e México, e disputas comerciais com países como China e Brasil, o que irá produzir alguma instabilidade na economia mundial



Telegram @clubederevistas

Nesse quesito, de novo o Brasil inspira atenção. Cada vez mais ansioso, o brasileiro passa, não à toa, cinco horas por dia em frente ao smartphone, segundo o relatório mais recente, State of Mobile, feito pela Data.ai. O número coloca o país na quinta posição do ranking global de tempo de tela — atrás apenas de Indonésia, Tailândia, Argentina e Arábia Saudita. O impacto disso pode ser sentido na práti-

CONFLITOS SEM FIM

O mundo inicia o ano com uma guerra sem desfecho à vista (Ucrânia), um conflito suspenso por um cessar-fogo de duração imprevisível (Gaza) e incertezas sobre o futuro da Síria, após a derrubada do governo, e da Venezuela, onde Nicolás Maduro inicia novo mandato pressionado por acusação de fraude nas urnas



Telegram @clubederevistas

ca: segundo o Panorama da Saúde Mental, pesquisa do Instituto Cactus em parceria com a AtlasIntel que ouviu 4 381 pessoas, 45% dos brasileiros consideram que as redes sociais afetam negativamente a saúde mental. Outro fator que propulsiona a onda ansiosa é o desalento econômico vivido por muitos jovens, que penam para se estabelecer de maneira independente dos pais.

INSEGURANÇA PÚBLICA

Com quase 100 vítimas de assassinatos intencionais por dia em 2024 e a ascensão desafiadora de grandes grupos criminosos armados nas grandes cidades, a violência tem escalado no ranking das principais preocupações dos brasileiros e pressionado a classe política



Telegram @clubederevistas

Curiosamente, a ansiedade não é um sentimento de todo negativo em sua origem — na verdade, está presente nos animais desde sempre e cumpre inclusive uma função importante na luta pelo progresso e pela sobrevivência. Para a psiquiatria evolutiva, as raízes da sensação de insegurança e perigo que sentimos quando estamos ansiosos vêm das reações de defesa frente a situações de ameaça. No livro *A Ex-*

VIDA DIGITAL

A decisão de Mark Zuckerberg de acabar com a checagem de fatos no Facebook e no Instagram aprofunda a guinada à direita das maiores redes sociais e deve agravar o choque com as autoridades brasileiras, que caminham para endurecer a regulação — o que deverá gerar insegurança aos usuários e incendiar o ambiente digital



Telegram @clubederevistas

pressão das Emoções no Homem e nos Animais, Charles Darwin descreve a ansiedade como uma expectativa de sofrimento futuro ligada ao desespero, ao luto e à desesperança. Essa expectativa levou a uma série de mudanças na história da humanidade: temendo acabar sem alimento, por exemplo, o ser humano desenvolveu a agricultura e a pecuária. "O homem, ao longo de inúmeras gerações, lutou para escapar de seus inimigos ou dos perigos, fugindo ou lutando violentamente. Esses esforços imensos faziam o coração bater mais rápido, a respiração acelerar, o peito arquear e as narinas se dilatarem", descreve o pai da teoria da evolução.

O problema, portanto, não é a existência da ansiedade em si, mas quando ela extrapola os limites da normalidade e se torna patológica — uma situação que hoje afeta 328 milhões de pessoas no mundo, fazendo dela a doença mental mais prevalente no momento. "Todos podem se sentir ansiosos às vezes, mas pessoas com transtornos de ansiedade frequentemente sentem medo e preocupação intensos e excessivos", diz um relatório da OMS, alertando ainda que esse sentimento costuma vir atrelado a tensões físicas e sintomas comportamentais que "causam sofrimento significativo, interferem nas atividades diárias e podem prejudicar a vida familiar, social, escolar ou profissional".

A ansiedade foi descrita de maneira difusa durante a Antiguidade, mas já na época do Império Romano ganhou um símbolo que se mostraria preciso e atemporal: a figura do imperador Décio (201-251 d.C.), que enfrentou

Telegram @clubederevistas

PIXAR/DISNEY



LIÇÕES *Divertida Mente 2* e sua encarnação laranja da ansiedade: tema inspirou maior bilheteria de 2024

desafios como inimigos externos e o avanço dos cristãos. Essa saga exprime preocupações intensas — e típicas do transtorno —, imortalizadas nos bustos dele, sempre com um semblante sofredor. Vista mais tarde sob uma ótica religiosa e mágica, na Idade Média, a ansiedade só passou a ser tratada como um transtorno mental no século XX. Desde então, explodiu entre as preocupações das pessoas em geral — e dos brasileiros em particular. Segundo o Global Health Service Monitor 2024, 54% da população nacional acreditam que a saúde mental, com a

Telegram @clubederevistas

ansiedade em realce, é o principal problema do país em termos de bem-estar, à frente inclusive do câncer. Em 2018, esse número era de apenas 18%, mas começou a subir após a pandemia e nunca mais parou.

Os reflexos desse crescimento desenfreado podem ser vistos também no universo cultural. Em *Família Soprano*, série que revolucionou a TV americana no início dos anos 2000, o mafioso Tony Soprano colocou o tema em pauta com suas célebres crises de ansiedade — resolvidas com Prozac e terapia. Lançado nos cinemas em junho de 2024, *Divertida Mente 2* foi o filme mais visto do ano e se tornou a animação mais rentável da história ao levar para as telas a ansiedade, na figura de uma bonequinha intransigente e laranja que toma o



EMMA MCINTYRE/TAS24/GETTY IMAGES

MUSA Taylor Swift: sucesso falando de saúde mental à juventude

Telegram @clubederevistas

controle das emoções da pré-adolescente Riley. Ao refletir situações cotidianas daqueles que lidam com o transtorno, o filme arrecadou 1,69 bilhão de dólares em todo o mundo. Na música pop não é diferente. Fenômeno da década, e dona da turnê mais lucrativa da história, Taylor Swift costuma falar abertamente em suas músicas sobre sentimentos de inadequação e angústia por não se sentir boa suficiente ou não atingir as expectativas. Um estudo da Universidade de Vermont, inclusive, atestou recentemente que o hábito da cantora de se abrir sobre questões como distúrbios alimentares e autoimagem tem impacto positivo nos fãs.

Incômodos e insistentes, os transtornos de ansiedade abastecem uma engrenagem bilionária: o mercado global de tratamento da doença movimenta hoje 11,5 bilhões de dólares, segundo levantamento da Towards Healthcare. O montante inclui gastos com remédios, terapia, idas ao hospital, internações, exames laboratoriais, entre outros. Tanta gente ansiosa tem um custo para os cofres públicos: em 2025, o Ministério da Saúde estima um gasto de 2,6 bilhões de reais na rede de atenção ao transtorno.

O tratamento para a ansiedade, na maioria das vezes, exige apoio de psicólogos e psiquiatras, mas costuma aliar-se a práticas que promovam o bem-estar, como atividades físicas, adoção de hobbies e até meditação. É inevitável, em muitos casos, o uso de medicamentos. Entre os remédios adotados atualmente incluem-se ansiolíticos e antidepressivos à base de fármacos como a quetiapina,

Telegram @clubederevistas



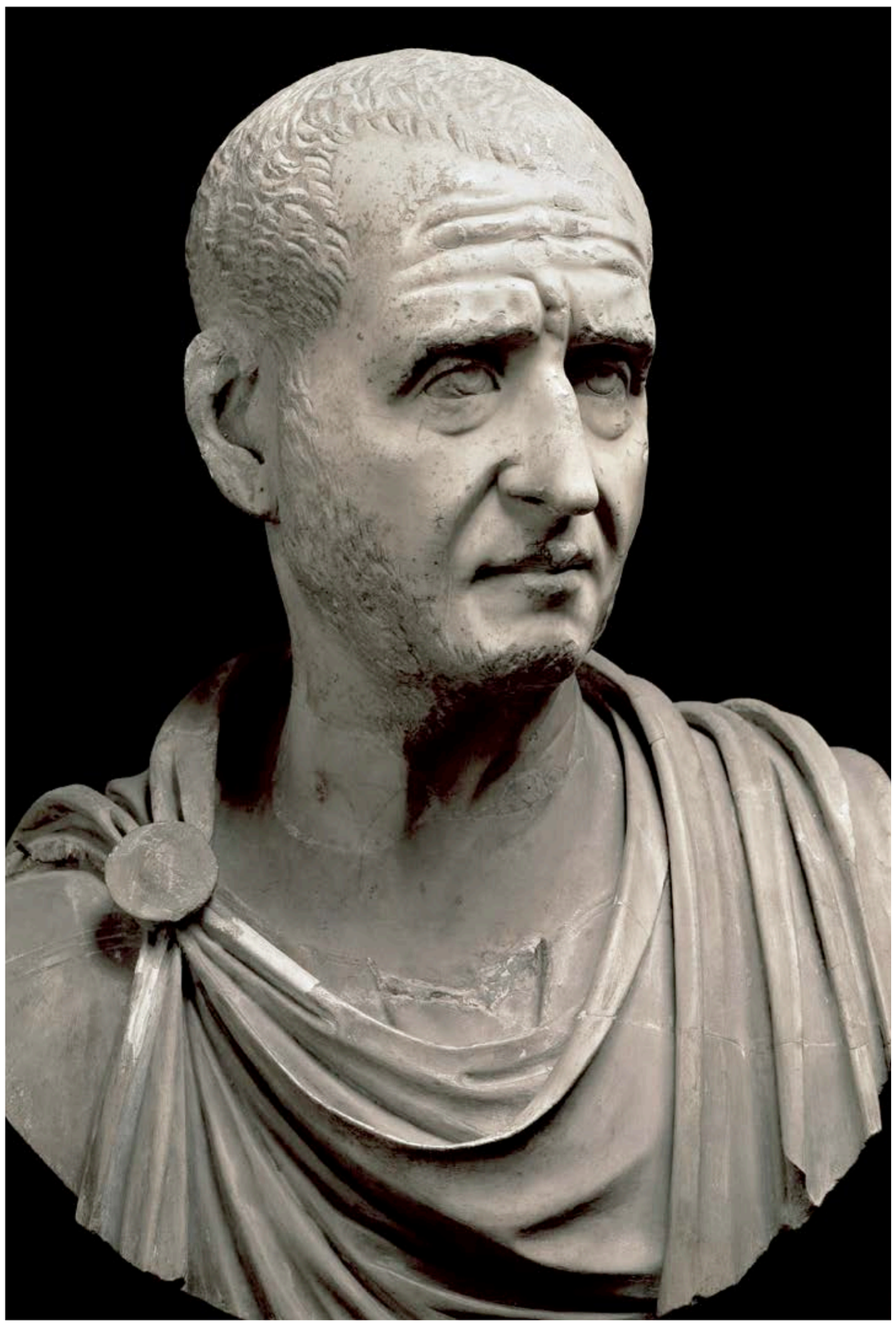
ANTHONY NESTE/GETTY IMAGES

ZEITGEIST Tony Soprano: mafioso levou a angústia à televisão

a venlafaxina e o escitalopram. Há, no entanto, novas abordagens. A Food and Drug Administration (FDA), nos Estados Unidos, descreveu recentemente como "inovador" um medicamento à base de LSD em análise para o transtorno de ansiedade. Uma pesquisa publicada em 2022 no *Journal of Clinical Psychiatry* sugere que tratamentos com o canabidiol (CBD) também podem diminuir a ansiedade em até 50% em jovens que não respondem a tratamentos convencionais.

Telegram @clubederevistas

Tão importante quanto oferecer apoio às pessoas afetadas talvez seja fazer um exame das causas. "O excesso de informações negativas nas redes trouxe um sentimento de catastrofismo que expandiu a ansiedade globalmente", diz o filósofo brasileiro Leandro Karnal. Maior pensador do tema hoje, o americano Haidt defende que instabilidades sociais e políticas sempre existiram, mas nunca na história houve uma onda tão ansiosa quanto a atual, turbinada pelo acesso ininterrupto à internet. "Se os eventos mundiais desempenharam um papel na crise de saúde mental de hoje, não é porque eles pioraram de repente, e sim porque esses eventos passaram a entrar nos cérebros adolescentes através dos smartphones", aponta. Melhor do que ninguém, o brasileiro sabe que não dá para discordar disso. ■



LEEMAGE/AFP

SOFREDOR

O imperador Décio: seu rosto virou símbolo da ansiedade

Com reportagem de Kelly Miyashiro

Telegram @clubederevistas

AGORA É CLIMA DE FINAL DE COPA

Com três indicações ao Oscar, o filme *Ainda Estou Aqui* ganha força na premiação – e reaviva o antigo sonho brasileiro de trazer a primeira estatueta para o país

RAQUEL CARNEIRO



LEGADO Fernanda Torres *(à dir.)* como Eunice Paiva: atriz segue os passos da mãe, Fernanda Montenegro

DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

NO CANAL do Oscar no YouTube, bandeirinhas verde-amarelas dominavam o chat de interações globais durante o anúncio dos indicados à 97ª edição do prêmio máximo do cinema, na última quinta-feira, 23. A plateia on-line não se decepcionou. O longa *Ainda Estou Aqui* conquistou a esperada indicação na categoria de filme internacional e entrou na acirrada disputa pela estatueta de atriz, com Fernanda Torres. Quando o brasileiro já se dava por satisfeito, a surpresa: a produção dirigida por Walter Salles abocanhou um lugar na principal categoria da festa, a de melhor filme. Um feito inédito: *Ainda Estou Aqui* é a primeira produção nacional a disputar o Oscar mais cobiçado. A melhor campanha do país no prêmio até hoje havia sido a de *Cidade de Deus*, que em 2004 esteve em quatro categorias: direção, roteiro adaptado, fotografia e edição. Em qualquer delas, o Brasil nunca trouxe um Oscar para casa. Agora, *Ainda Estou Aqui* se impõe como um nome respeitável na disputa.



A celebração com cara de vitória suada na semifinal da Copa do Mundo não é para menos. Ver a consagração de uma produção feita no Brasil, falada em português e que narra uma

AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

FILME INTERNACIONAL

ATRIZ
FERNANDA TORRES

Telegram @clubederevistas

trama real tão cara à história do país é histórico. Numa era de autoritarismo em expansão no mundo, com reflexos no Brasil, como ficou claro na trama golpista de 2022, *Ainda Estou Aqui* apresenta com sensibilidade a jornada de Eunice Paiva após seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva (no filme, Selton Mello), ser torturado e morto nos porões do regime militar em 1971, deixando um vazio na vida de Eunice e de seus cinco filhos — entre eles, Marcelo Rubens Paiva, autor do livro em que o filme se baseia. "Estou muito emocionada, muito surpresa", disse Fernanda, impecável como Eunice na tela, após a indicação. A atriz não teve coragem de acompanhar o anúncio ao vivo: esperou alguém da família informar o resultado. "Amo o Brasil e estou muito orgulhosa de uma história brasileira fazer sentido no mundo", festejou.

Apesar de azarão entre os dez selecionados para filme do ano — na disputa há pesos-pesados como *O Brutalista*, *Conclave* e *Anora* —, a presença da produção nacional na categoria eleva, e muito, as chances de vitória entre os filmes estrangeiros. Historicamente, sete dos nove títulos indicados tanto em melhor filme quanto em internacional saíram vitoriosos nessa última categoria. A pedra no caminho do Brasil é o musical francês *Emilia Pérez*, que concorre em treze categorias no total, entre elas as mesmas três de *Ainda Estou Aqui* — a espanhola Karla Sofía Gascón, primeira mulher trans da história a concorrer ao Oscar, disputa o prêmio de atriz com Fernanda. A brasileira, porém, está bem na foto. A vitória no Globo de Ouro lhe deu ampla

Telegram @clubederevistas



GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES

HISTÓRICO Selton, Fernanda e Walter: trio trabalhou duro na divulgação do filme lá fora

Telegram @clubederevistas

visibilidade — e o engajamento dos brasileiros nas redes sociais fez com que seu rosto ganhasse mais espaço em publicações gringas. A principal rival de Fernanda é Demi Moore, que levou o Globo de Ouro na categoria de comédia por *A Substância*. Mas até o dia 2 de março, quando as estatuetas serão entregues, muita água vai rolar. *Emilia Pérez*, por exemplo, vem perdendo força por polêmicas como o uso de inteligência artificial na voz de Karla Sofía — e o fato de o roteiro ser ambientado no México, mas contar com estrelas americanas e uma europeia no protagonismo.

Enquanto isso, o trio formado por Fernanda, Salles e Mello retorna ao trabalho duro de fazer campanha pelo prêmio. Estrategista, o cineasta carioca — em parceria com a distribuidora americana Sony Pictures Classics — mirou em duas frentes na busca pelas indicações. A primeira foi ligar o cenário ditatorial do Brasil nos anos 1970 com a ascensão da extrema direita no mundo, paralelo repetido por eles frequentemente em entrevistas; segundo, destacar as correspondências nas trajetórias de Fernanda Torres e sua mãe, Fernanda Montenegro. Em 1999, a dama do teatro e do cinema nacional foi a primeira brasileira indicada ao Oscar de atriz por *Central do Brasil*, também de Salles. Agora, Torres quebra um jejum de 26 anos para se tornar a segunda da história a representar o país na categoria. Seja qual for o resultado dessa final de disputa, que por aqui ganhou clima de uma Copa do Mundo cinematográfica, *Ainda Estou Aqui* já venceu de goleada. ■

Telegram @clubederevistas

RECEITA DA FELICIDADE

Uma pesquisa mostra como o ato de cozinhar, tão cultivado ao longo dos tempos, ajuda a elevar os índices de satisfação e a estreitar laços humanos

JULIA SOFIA E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



SIGRID OLSSON/PHOTOALTO/GETTY IMAGES

AQUI E AGORA Entre os ingredientes: foco em manter a cabeça no presente

Telegram @clubederevistas

EM UM PASSADO muito, muito distante, coisa de mais de 1 milhão de anos atrás, deu-se a descoberta do fogo e, com ela, cozinhar tornou-se não apenas uma questão de sobrevivência, mas um marco no início das interações sociais de maior complexidade. Ao redor das fogueiras, os primeiros *Homo sapiens* se nutriam e compartilhavam histórias, fortalecendo vínculos e desenvolvendo a ideia da cooperação, peça-chave para o avanço das sociedades. O planeta experimentou velozes giros até aterrissar no século XIX, um profícuo período de invenções que, dentre outras, testemunhou o surgimento do fogão a gás e de modernos utensílios, um divisor de águas para os chefs de plantão e os demais mortais às voltas com o preparo de suas refeições. O que não mudou, mesmo com a pressa contemporânea, foi a relevância do ato de cozinhar como elemento agregador. E não só isso: debruçar-se sobre uma receita e mergulhar na alquimia dos ingredientes pode proporcionar um bem-estar que, agora, os especialistas começaram a medir, reforçando o que já se intuía no tempo das fogueiras.

Uma pesquisa do instituto Gallup, que examinou vasta amostra em 142 países, o Brasil entre eles, concluiu que seis de cada dez pessoas atingiram níveis elevados de satisfação depois de executar atos triviais na cozinha, como picar legumes e pilotar a própria panela. O dado que mais salta à vista é que essa turma disposta a pôr a mão em variadas massas apresenta 20% mais chances de avaliar positivamente a vi-

Telegram @clubederevistas



ARQUIVO PESSOAL

ADEUS, SOLIDÃO A advogada Elise Alves: ritual dividido com o marido

da. Há décadas a ciência já se dedica ao tema sob a ótica da psicologia. "Cortar ingredientes, se concentrar numa receita, experimentar sabores, tudo isso ajuda a relaxar e a se voltar para o momento presente, no lugar de olhar para o passado ou idealizar o futuro", diz a psicóloga Cláudia Melo, especialista em saúde e sociedade.

As mais recentes garimpagens nesse campo conduzem ao cérebro, onde a liberação de dopamina, o neurotransmissor associado a motivação e prazer, é observada em alto

Telegram @clubederevistas

grau quando o indivíduo se lança na aventura culinária. "Averiguamos em muitos casos até um efeito terapêutico, aliviando sintomas como ansiedade e depressão", diz Chrystina Barros, dedicada aos estudos sobre felicidade na Universidade da Califórnia. Os benefícios não são colhidos apenas na labuta ao fogão, mas também no rito à mesa que se segue. Os laços humanos são aí estreitados e, por isso, o novo relatório sublinha a relevância de almoços e jantares como um hábito social, ao lado da família e dos amigos.

A tentação de imergir no celular entre uma e outra garfada e comer absorto no trabalho, por sua vez, ingressam no rol dos comportamentos contraindicados nesta era acelerada. Muita gente cultiva a ideia de refeições como mola propulsora de laços afetivos de caso pensado, ciente do que a experiência pode fornecer, a exemplo da advogada Elise Alves, 43 anos, que vive o ritual junto ao marido. "São instantes de conversa de qualidade, mesmo que não aconteçam todos os dias", diz. "É uma oportunidade para interações face a face, mais escassas hoje e fundamentais para reduzir a sensação de solidão e sedimentar os elos", observa o psicanalista Arthur Costa.

Em culturas em que a dinâmica de cozinhar, servir e comer na companhia de um círculo próximo de pessoas é há séculos alimentada, como nos países mediterrâneos, os índices de alegria registrados ao longo do percurso gastronômico se elevam. Na Itália, por exemplo, onde há o "convívio", como se batiza a tradição de confraternizar à mesa,

Telegram @clubederevistas



ARQUIVO PESSOAL

NOVOS SABORES Christina Ferreira: explorando ingredientes na Itália

81% dos habitantes contam ter prazer em estar na cozinha. Uma ala de estudiosos lembra que a comida também funciona como uma janela à memória afetiva, carregando consigo histórias familiares e emoções que conduzem ao passado — uma viagem no tempo envolta naquela sensação de conforto. Funciona assim com a analista de sistemas Christina Ferreira, 49 anos, que mora no Rio, mas não perde oportunidade de servir às amigas iguarias típicas do Ceará, onde nasceu e cresceu. “Me sinto bem dividindo ali um pedaço do que eu sou”, diz.

Telegram @clubederevistas

Reservar espaço para cozinhar em casa é ato apreciado ainda por nutricionistas atentos ao que faz bem. De acordo com a pesquisa *Scientifically-Supported Links Between Cooking and Well-Being*, publicada na prestigiada *Nature*, há ligação direta e comprovada entre estar frequentemente ao fogão e seguir uma dieta saudável e equilibrada. "Quando o indivíduo faz sua comida, existe uma probabilidade mais alta de selecionar melhores alimentos e formas de preparo, enquanto, ao comer fora ou pedir um delivery, muitas vezes não sabemos exatamente o que ingerimos", observa a nutricionista Bianca Caravellas. Antes adepta do fast food e dos aplicativos de entrega, a profissional de marketing Maria Clara Veloso, 24 anos, mudou sua mentalidade com o nascimento da filha. "Percebi o quanto é importante se alimentar bem e comecei a cozinhar para ela e, como consequência, para todos em volta", lembra. Põe assim em prática as palavras do gênio francês Paul Bocuse (1926-2018), que soube como poucos manusear as caçarolas: "Não há boa culinária se, a princípio, ela não é feita pela amizade a quem se destina". ■

Telegram @clubederevistas

ARQUIVO PESSOAL



Telegram @clubederevistas

DEIXEI AS REDES SOCIAIS DE LADO E ESTUDEI MUITO

Sabrina Shimizu, 18 anos, a única nota 1 000 na redação do Enem em São Paulo, revela como chegou lá

EU TINHA ACORDADO TARDE, depois de sair com os amigos na noite anterior, algo que não fazia muito no período de estudos. Todo mundo em casa estava ansioso, perguntando se já sabia o resultado, mas quis ver a nota sozinha. Entrei no site do Inep, que demorou para abrir. Logo imaginei que muitos outros alunos faziam a mesma coisa. Olhei, olhei, e vi a nota 1 000 na redação. Nota 1 000! Não acreditei. Só podia ser mentira, uma pegadinha do pessoal de Araçatuba, onde moro. Saí do site, entrei de novo, e a nota continuava lá: 1 000! Era verdade, acabei por ter certeza. Saí correndo, tremendo e chorando, para comemorar com a família. Mandei a notícia por WhatsApp para amigos e professores que me ajudaram muito ao longo de todo o processo.

Telegram @clubederevistas

Tinha valido a pena. Quando fiz a prova, em dezembro, fiquei feliz comigo mesma. É difícil sair de um vestibular e dizer "nossa, arrasei!", mas eu estava satisfeita por ter ficado tranquila e ter tido um bom desempenho. A gente sonha muito com a chance de conseguir nota máxima na redação, de entregar um texto sem erros. Quando a nota vem, é até difícil de acreditar. Mas me esforcei muito, muito mesmo. Desde que entrei na Escola Thathi, do grupo SEB, de Araçatuba, no primeiro ano do Ensino Médio, comecei uma rotina mais séria de estudos, que foi se intensificando nos anos seguintes. Assistia às aulas no período da manhã e depois ficava na escola à tarde para praticar o que havia aprendido mais cedo. Também aumentei a quantidade de redações. No terceiro ano, fazia uma por semana, sempre com a ajuda da professora Sthéfani Jorge Silva, que discutia os temas, dava dicas e nos ajudava sempre.

Meu sonho é estudar engenharia de produção. Então foquei em física, química e matemática, além da redação, claro. Aos sábados, fazia os simulados de vários vestibulares, incluindo Enem, Fuvest, Unicamp. Li bastante, não só as obras obrigatórias, mas também outros livros.

Acredite: também deixei as redes sociais de lado. Apaguei minha conta no TikTok. Escondi o Instagram, mas mantive a conta para de vez em quando acompanhar os conteúdos relacionados às provas. Separei os ambientes. Ficava muito tempo na escola, estudando todos os dias até 18 horas, 19 horas. Em casa, com a sensação de dever cumprido, aproveitava para

Telegram @clubederevistas

descansar. Assistia a muitos filmes e séries. Amo os doramas e as produções asiáticas, principalmente japonesas e coreanas. Tanto que usei duas referências de séries coreanas na redação que fiz para o Enem no segundo ano, em 2023, como treineira — e fiz 940 pontos! No ano anterior, tirei 920. Na época, disseram que eu seria a primeira aluna nota 1 000 da escola. Pensar nisso agora é até engraçado. Consegui!

Se eu tiver que dar alguns conselhos para os vestibulandos, diria o seguinte: é fundamental ter constância, escrever redações toda semana, se possível. Só assim você desenvolve a técnica de escrita. Outra dica é não se matar para decorar uma lista de citações só porque parecem rebuscadas, chiques ou bonitas. Cada um precisa construir seu repertório. Eu descobri alguns pensadores que me atraíram, como Marilena Chaui, Ailton Krenak e o sul-coreano Byung-Chul Han. Mas também filmes e séries. Insisto: o bom é escrever com sinceridade e gosto, não basta apenas encher linguiça. E, por fim, é preciso manter a esperança e se apegar a um objetivo, como em tudo na vida. Sempre que eu estava desanimada ou cansada, assistia a um vídeo feito em homenagem aos 131 anos da Poli, a Escola Politécnica da USP. Lembro até agora da música, das cenas, e pensava que queria mesmo viver aquilo. Foi difícil chegar aonde cheguei, deixei muita coisa de lado, mas tudo ótimo. Fiz o que fiz em nome de um sonho, já parcialmente realizado. ■

Depoimento a André Sollitto

Telegram @clubederevistas

POPULARES EM EXTINÇÃO

Preço médio dos veículos disparou nos últimos anos, ultrapassando a barreira dos 150 000 reais em 2024, e alternativas acessíveis tornam-se raridade no mercado **ANDRÉ SOLLITTO**



STELLANTIS

REMANESCENTE O Mobi, da Fiat: vendido na faixa dos 76 000 reais, é um dos últimos modelos com o perfil antigo

Telegram @clubederevistas

HOUVE UM TEMPO, não tão distante, em que a maior parte do volume de vendas do mercado automotivo brasileiro era composta dos chamados "carros populares". Os modelos mais simples, sem tantos recursos tecnológicos, mas com preço atrativo, projetados para atender às necessidades da população de ir e vir, desenhavam a paisagem urbana. Há dez anos, o Fiat Palio Fire, modelo mais vendido em 2014, custava na época 24 000 reais, o equivalente a 45 000 reais (em valores corrigidos). Hoje, a situação é completamente diferente. O preço médio dos veículos ultrapassou o patamar de 150 000 reais no ano passado. A picape Strada, da Fiat, a mais vendida em 2024, começa em 108 000 reais. Na segunda posição, o Polo Track, da Volkswagen, custa 93 000 reais.



RENAULT

SUBCOMPACTO Renault Kwid: outro dos pequenos ainda tido como "barato"

Telegram @clubederevistas

Uma série de elementos ajuda a explicar a transformação dos populares em dinossauros do mercado automotivo do país. De um lado, há um inegável avanço tecnológico, que cobra um preço. Os carros hoje são mais seguros, com muito mais tecnologia a bordo, de telas com GPS e conexão com smartphones a sistemas que ajudam o condutor a frear em emergências. Os motores são mais modernos, projetados para atender às mudanças na legislação ambiental. O dólar alto também é um fator relevante. "A desvalorização do real afeta o preço dos carros importados, mas também a produção local, pois os veículos são feitos com commodities cotadas na moeda americana", diz o consultor automotivo Milad Kalume Neto. Na época da pandemia, a falta global de semicondutores, usados na fabricação de inúmeros produtos, ensinou as montadoras a faturar mais produzindo menos. Assim, a febre dos SUVs, os parrudos utilitários vistos como produtos de maior valor agregado, ganhou tração. Custam mais caro e dão lucro muito maior aos fabricantes do que modelos mais simples.

Com isso, carros mais acessíveis estão sumindo das linhas de montagem. Poucos são vendidos abaixo dos 90 000 reais, valor equivalente a sessenta salários mínimos. Os remanescentes pertencem à categoria dos subcompactos, como o Fiat Mobi e o Renault Kwid, ambos na faixa dos 76 000 reais. São unidades bem simples, com alguns equipamentos de série, mas que naturalmente perdem elementos como o acabamento interno caprichado, a performance e o espaço do porta-malas. Há ainda, é verdade, na categoria dos hatchbacks, os compactos, co-

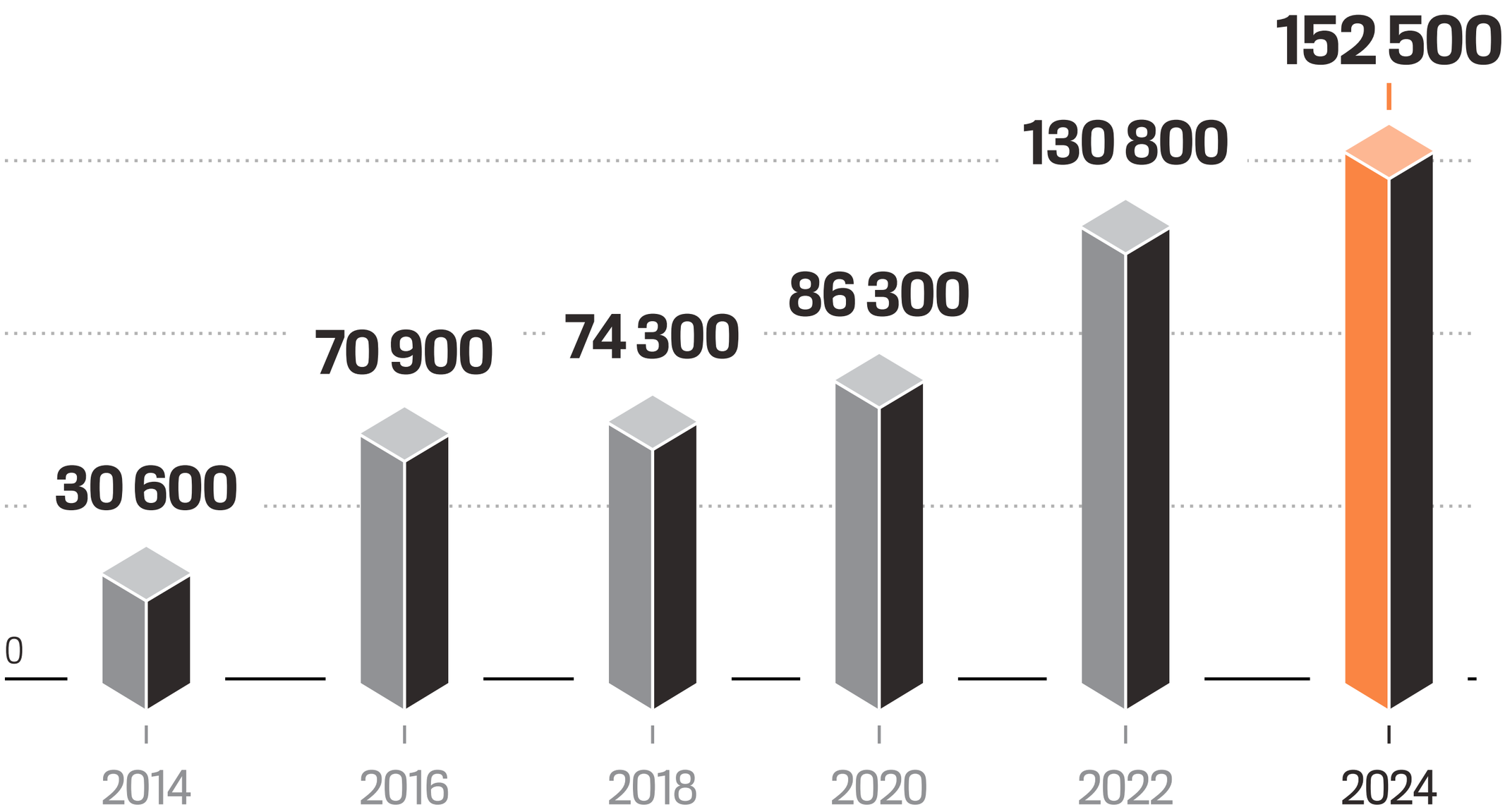
Telegram @clubederevistas

mo o Citroën C3 e o Fiat Argo. Foram os mais populares do mercado por muito tempo, mas perderam espaço para os SUVs.

Foi o fim de um longo reinado. Durante 27 anos, o Gol, graças em boa parte às suas versões mais baratas, liderou as vendas no país. O Uno, da Fiat, com motorização 1.0, também foi um sucesso duradouro. A procura enorme por esses modelos levou a indústria a aperfeiçoar a tecnologia daqueles propulsores de cilindrada modesta. Mesmo assim, em algumas situações, diante de uma ladeira mais íngreme, muitos motoristas tinham que desligar o ar-condicionado para o carrinho engre-

EM RITMO ACELERADO

Preço médio dos carros comercializados no Brasil disparou na última década (valores em reais)



Fontes: *Autodata, Jato e KBB*

Telegram @clubederevistas



FOMENTO Linha de produção do Fusca: em 1993, modelo ganhou incentivos

nar na subida. Outra característica marcante dos modelos era o acabamento interno, absolutamente espartano, cheio de material plástico em nome da economia na linha de montagem.

No auge da onda popular, até o velho Fusca acabou sendo ressuscitado pelas mãos do então presidente Itamar Franco, em 1993. Um dos últimos suspiros dessa categoria de automóveis ocorreu em 2023, quando Lula, na atual gestão, reduziu os impostos para modelos que custavam até 120 000 reais. A iniciativa deu algum fôlego à indústria na partida, mas se mostrou inviável a longo prazo. Com o fim dos incentivos, os preços voltaram a subir, e os modelos mais procurados sofrem reajustes frequentes.

A roda-viva não dá nenhum sinal de estancar tão cedo. "Com o dólar na casa dos 5 reais, estava se abrindo uma janela para posicionamento de veículos um pouco mais baratos", afirma Kalume Neto. "Agora, com a moeda no patamar dos 6 reais, não vejo possibilidade de redução de valores." A ascensão e queda dos populares parece um capítulo na história da indústria automotiva que não terá direito a uma marcha a ré. ■

Telegram @clubederevistas

ALOHA TROPICAL

A prática da canoagem havaiana não se restringe mais ao esporte e agora é explorada na forma de passeios em família nos mais diferentes tipos de roteiros pelo país **LIGIA MORAES**



INSTAGRAM @BETINHO_CAMARA

EM RITMO DE COLABORAÇÃO Em Fernando de Noronha, a caminho do alto-mar: saudável brincadeira em grupo

Telegram @clubederevistas

OLHE PARA O HORIZONTE, solte um suspiro de espanto e celebre a beleza das canoas havaianas que pululam no litoral brasileiro no verão de 2025. Elas já singravam aqui e ali, desde o início dos anos 2000, a despontar como ondas, mas agora viraram febre. Lambem o alto-mar de Fernando de Noronha. Beijam o começo da noite em Boipeba, na Bahia. Estão no Ceará e no Paraná. Marcam como pontos coloridos o litoral paulista. São atraentes para famílias, adultos e crianças. O passeio de 1 hora, no Nordeste, vai de 100 a 300 reais por pessoa.

A prática da canoagem havaiana tem apelo estético inegável e é relativamente fácil: com alguns minutos de instrução, a maior parte das pessoas consegue sair remando e pode curtir um passeio de curta ou média duração, desde que em ritmo ameno. Uma regra: respeitar as orientações dos guias, que sabem distribuir os pesos dos corpos e, claro, evitam o estilo "com emoção". O trabalho em equipe é essencial: cada pessoa embarcada desempenha um papel específico, desde o ritmo das remadas até a manutenção do equilíbrio. A dinâmica reflete um aspecto bonito da tradição polinésia, a cultura da colaboração, sinônimo de recompensa. Um dos hits da temporada são as expedições para ver o nascer do sol no meio do oceano. Na parada, dá para caprichar no registro do cenário instagramável e refrescar-se com um mergulho.

No Brasil, para além do movimento de aprendizes na temporada do calor, o impacto cultural e econômico da modalidade já é interessante. A criação de bases de treinamento e a organização de eventos esportivos estimulam o turismo e fomentam o engajamento com práticas sustentáveis. Em Noro-

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @PARANAHOE

PRIVILÉGIO O fim de tarde na calma de Boipeba, na Bahia: a natureza na veia

nha, por exemplo, há uma preocupação constante em alinhar a atividade aos princípios de conservação ambiental, garantindo que a exploração turística não comprometa os ecossistemas locais. A prática também tem atraído um público diversificado, que vai desde a turminha de férias, que parece estar em pedalinhos de lagos, até praticantes regulares, que veem na atividade uma forma de lazer integrada à natureza.

É gostoso e divertido, simples assim. Celebre-se também a rica e surpreendente história da peça e tem-se um pacote admirável. Conhecida como va'a em sua denominação original, a embarcação típica, com 14 metros de comprimento e equipada com um flutuador lateral chamado ama, foi projetada para enfrentar as adversidades do Oceano Pacífico. A estrutura, que inclui hastes chamadas iakos, conectando o casco ao flutuador, é exemplo da engenhosidade dos povos polinésios, que há mais de 3 000 anos a usa para explorar o vasto território insular. A silhueta alongada alia robustez e elegância. O

Telegram @clubederevistas

THE PICTURE ART COLLECTION/ALAMY/FOTOARENA



EXPLORADOR Chegada de Cook ao Havaí, em 1778: encontro com autóctones

design, concebido para enfrentar correntes e ventos fortes, é resultado de séculos de aperfeiçoamento.

Se você for passear em uma delas, por diversão ou esporte, é sempre bom beber da história. O bote, chamemos assim, cruza caminhos com grandes eventos históricos. Em 1778, o explorador britânico James Cook desembarcou no Havaí. Ali, a sobrevivência dos autóctones dependia da navegação em canoas, em busca de alimentos. Recebido inicialmente como um deus, devido a coincidências com rituais locais, Cook logo enfrentou a resistência de um povo dado a recusar a autoridade de uma coroa estrangeira, o que culminou na morte do explorador. Graças a esse espírito resiliente, a prática da canoagem havaiana virou ícone e não demorou a avançar para outras paisagens. Nas águas cristalinas de Fernando de Noronha ou na serenidade de Boipeba, é uma ponte entre o passado e o presente, resgatando conhecimentos ancestrais adaptados às exigências modernas. *Aloha!* ■

Telegram @clubederevistas

PIRATARIA FASHION

Sem muitas dores de consciência, compradores mais jovens estão adotando versões genéricas, mais baratas e não autorizadas de produtos de marcas de grife **MARÍLIA MONITCHELE**



CHRISTIAN VIERIG/GETTY IMAGES



DIVULGAÇÃO

DUPE ECONOMY Cópia da bolsa Birkin, acima, e a original, da Hermès, ao lado: a economia das peças enganosas ganhou força com as redes sociais

Telegram @clubederevistas

A BOLSA BIRKIN, lançada em 1984 pela grife francesa Hermès, é um trunfo do design e da engenhosidade humanas — nem tão grande que pareça um trambolho, nem tão pequena que seja inútil. Elaborada de modo artesanal, peça a peça, é vendida a partir de 11 000 dólares, o equivalente a 67 000 reais. É um ícone cultural do luxo. Nos últimos dias, uma delas ganhou destaque renovado, mas pela porta dos fundos. Uma imitação perfeita, vendida pelo site da rede americana de supermercados Walmart a meros 80 dólares, virou sucesso instantâneo. A "Wirkin", como foi apelidada, com a troca do "B" pelo "W" da gigante do varejo, esgotou com apoio de influenciadoras no TikTok.

Deu-se, de imediato, imenso barulho. Afinal, toda cópia precisa ser rechaçada, por navegar no mar da contravenção. É crime. Ponto. Contudo, o fenômeno de interesse por produtos fake, que não para de crescer, anda numa zona cinzenta entre o carbono descarado e a inspiração criativa. A brincadeira tem nome: *dupe economy*, a partir da abreviação de *duplicate* (duplicado, em inglês), ou então de *to dupe*, enganar. É uma prática de jovens consumidores, atraídos por versões mais acessíveis — e às favas os dilemas do que é real ou não. Um pequeno detalhe aqui, outro ali, ao assegurar diferença, é caminho para escapar de processos. Resultado: por força dos viciantes vídeos curtos e com a popularização dos sites de compra chineses, a compra do que não é lá



ROLEX/DIVULGAÇÃO

"HOMENAGEM" Rolex Submariner: inspirado em um clássico de 1953

Telegram @clubederevistas

genuíno virou comportamento amplamente aceito e até celebrado. "No mundo digital, é possível construir personagens, narrativas e ganhar fama parecendo ser algo que não é", diz Maya Mattiazzo, professora do Hub de Luxo da ESPM, de São Paulo.

Os adeptos da onda equilibram-se na corda bamba, mas sabem como não ir ao chão. O setor de relógios é terreno didático para entender os humores. Há os modelos pirateados, que tentam replicar o logo das fabricantes suíças, com o objetivo de iludir o consumidor desavisado. Esses são reprovados pela comunidade de aficionados. Mas há os chamados "homage", de homenagem, inspirados em itens seletos. Nenhum exemplo é mais claro que o Submariner, lançado pela Rolex em 1953. Tornou-se sinônimo de objeto de mergulho e rendeu milhares de versões, de modelos simples a alternativas de alta gama. A bolsa Wirkin, insista-se, é dessa linha de "homage".

No Brasil, 68% da população consome produtos inspirados em marcas famosas, segundo dados da Circana, empresa global de análises de comportamento de consumo. O número é ainda mais expressivo entre as novas gerações: mais de 85% dos millennials, de 30 e poucos anos, e da geração Z, em torno dos 20, entraram na dança. Dá-se a busca em decorrência de um paradoxo que mantém o negócio vivo. Um estudo da consultoria Morning Consult constatou que as imitações podem beneficiar tanto as marcas originais (e por isso elas fazem vista grossa) quanto as que criam os *dupes*. O segredo: a xerox desmedida alimenta a percepção de desejo, oxigênio para as grifes mais celebradas. Mas, insista-se com veemência: pode ser bacana, sim, mas há sobeja contrafação ao sonhar com a pirataria, apesar de supostas atenuantes. ■

Telegram @clubederevistas



LUCILIA DINIZ

SÃO PAULO, CAPITAL DOS SABORES

O lugar onde heranças culinárias se encontram

É COSTUME, quando chega o aniversário de São Paulo (a cidade irá comemorar 471 anos no próximo dia 25), refletir sobre suas qualidades e desafios. Eles são tão grandiosos quanto a própria metrópole, que ao longo da história passou de vilarejo escondido a capital vibrante. Nessa trajetória, um aspecto sempre me tocou profundamente: a participação dos imigrantes que, em diferentes levas, deixaram suas marcas nas ruas, nos prédios e, talvez acima de tudo, na gastronomia.

A culinária tem a capacidade mágica de nos conduzir a outros lugares e até a outros tempos. Por isso, quem vem de longe costuma trazer consigo ingredientes e receitas, como antídoto para a saudade da terra deixada para trás. Muitas vezes, de estratagema pessoal a comida se torna um meio de ganhar a vida e construir um novo futuro. Isso explica por que São Paulo se tornou uma meca dos restaurantes.

Que prato tem a cara da cidade? Difícil cravar, mas pense em um e você o encontrará por aqui. Com as misturas, o

Telegram @clubederevistas

paulistano aprendeu a cultivar uma curiosidade internacional à mesa. Para ele, toda culinária é bem-vinda. Afinal, é mesmo um luxo poder viajar sem sair da cidade, usando apenas o paladar como meio de transporte.

Penso que, se Sheherazade tivesse de entreter o sultão com 1 001 sabores, em vez de contos, poderia muito bem trazê-lo a passear pela capital paulista. E, como boa filha de imigrantes, crescida em uma casa que nunca se esqueceu de suas raízes portuguesas, se fosse montar um roteiro para a dupla, privilegiaria aqueles restaurantes que preservam com esmero sua origem. Para mim, São Paulo não tem cara de fast-food, mas do requinte que advém de preservar a tradição.

Assim, meu francês favorito é também o mais antigo, o Freddy. Em noventa anos, mudou de endereço e de dono algumas vezes, mas seu salão nos leva a uma França ideal

“O paulistano aprendeu a cultivar uma curiosidade internacional à mesa”

Telegram @clubederevistas

que os anos não apagam. Para italianos, meu preferido é o Fasano, que seguiu de certo modo o caminho da expansão da cidade: nasceu no centro, subiu até a Paulista e desceu para os Jardins. Estando na região, honraria meus antepassados indo ao A Bela Sintra.

Cito aqui alguns dos meus locais prediletos, não para fazer pouco dos demais, mas por ver neles um traço comum que associo, novamente, ao que eu própria vi e vivi em casa.

Para conquistar seu lugar em terra estrangeira, o imigrante precisa mostrar a que veio. Não foi diferente com meu pai, a vida toda pondo capricho em tudo o que fez, fosse atender a clientela na doceira que inaugurou sua trajetória, fosse cuidar dos negócios que vieram depois.

O trabalho árduo e a dedicação ferrenha dos imigrantes não são um mito, mas um esforço necessário de assimilação. E esse empenho não se encerra em si. As gerações seguintes zelam para garantir a continuidade dos bons frutos. A boa mesa paulistana é, portanto, a expressão clara da palavra legado.

Por isso, quando ouvir alguém dizer que comeu em São Paulo um risotto alla milanese tão bom quanto os da própria Milão ou um filé à chateaubriand digno de Paris, não duvide. Antes, celebre. Se sentimos que nossos restaurantes mais queridos são uma extensão de nossa casa é porque, com cuidado e dedicação, alguém procurou fazer dessa enorme cidade um pedacinho de sua pátria. ■

Telegram @clubederevistas





FOTOS CHRISTIAN VIERIG/GETTY IMAGES

VERÃO COM ESTILO

A pandemia mudou as regras, ao decretar a informalidade, e mais do que nunca, com o calorão de 2025, está autorizada a mistura de peças formais com as descontraídas **VALÉRIA FRANÇA**

Telegram @clubederevistas

MODA, não há dúvida, é história da civilização. O uso de roupas formais no ambiente de trabalho surgiu durante a Revolução Industrial, entre o fim do século XVIII e o início do XIX, como estratégia para evidenciar a diferença entre os patrões e funcionários de escritório e do chão de fábrica. Os homens de terno exerciam funções burocráticas e os de macacão tocavam a linha de produção. Nasceu, naquele ponto da aventura humana, o chamado dress code (código de vestimenta), um conjunto de regras que determina o traje adequado à situação. As mudanças sociais e as formas de trabalho, principalmente o advento da tecnologia, trouxeram flexibilização das exigências impostas pelas corporações em relação ao que saía dos armários deles e delas.

Ainda no século XX, jeans, camisa sem gravata e até o tênis passaram a frequentar a maioria das empresas. E, então, a pandemia de covid-19, com a introdução do trabalho remoto, acabou por priorizar o conforto à formalidade. Com o retorno à vida como era antes, ou quase, dá-se agora uma pergunta que não quer calar, com a força dos momentos de decisão: com que roupa, sobretudo em dias de calor de um planeta bagunçado pelas mudanças climáticas? Uma tendência que há anos vinha sendo costurada explode com tudo agora em 2025, e tem mexido as peças no tabuleiro: é a mistura denominada high-low (ou hi-lo).

Ela pressupõe o casamento de uma peça clássica, chique, invariavelmente cara, com uma outra mundana, mais descontraída e até barata. O “high” está lá em cima, nem

Telegram @clubederevistas

sempre ao alcance do comum dos mortais. O "low", terreno, tem um charme inquestionável e possível, e viva o comum dos mortais. Que fique decretado, a partir da conversa de VEJA com estilistas: o calorão de agora (mais de 40 graus no Rio de Janeiro, no início da semana, e subindo) pede o estilo afeito a colar o clássico com o despretensioso. Dá certo. É o chinelo de plataforma associado à calça de alfaiataria, para elas. É a camiseta branca por baixo da camisa social de botões abertos, para eles *(veja ao lado)*.

Mas atenção, porque abrir mão da formalidade, e pôr tudo num liquidificador, está longe de ser o sinal verde para a falta de limites. O traje, reafirme-se, ainda é ferramenta que ajuda a separar vida privada e profissional, além de entregar a personalidade do portador. "Não dá para aparecer na empresa com a roupa das férias", diz a consultora de moda Danielle Ferraz. Há alguns truques que ajudam na democrática escolha. Para aumentar o conforto térmico, o primeiro passo, segundo a especialista, é selecionar tecidos leves, de fibras naturais, que permitam a troca de calor entre a pele e o meio ambiente, como o linho. Se a superfície dele for vazada, melhor ainda. É o caso do laser, algodão trabalhado com bordado em relevo e aberturas espaçadas. Traz frescor e, definitivamente, feminilidade. Para evitar os decotes exagerados, substitua a blusa de alça pelo colete sem mangas. Saias curtas demais, não — vá de mídis, que dão mais liberdade e estão em alta. "Carregadas de informações, as peças escolhidas podem passar mensagens erra-

Telegram @clubederevistas

ELEGÂNCIA NO CORPO

Boas ideias de mescla do que é clássico (o ***high,*** na definição em inglês) com o que é singelo (***low***)



HIGH

Colete é peça que confere ar sério e chique — sem camisa por baixo, fica jovem e arejado

HIGH

Calça de alfaiataria dá seriedade ao look

LOW

Chinelo de plataforma é descontraído e refrescante

HIGH

Tons claros, como o off white, e as fibras naturais são ideias sem erro

Telegram @clubederevistas

HIGH E LOW

A camiseta branca por baixo confere seriedade — tem ar de simplicidade e de sofisticação simultâneo

LOW

Camisa desconstruída de manga curta não tem erro

HIGH

Calça social mais ampla com a barra dobrada um pouco acima do tornozelo é atalho para ventilação das pernas

LOW

Dar adeus a meias é uma boa ideia. Mas há modelos modernos que não aparecem nem esquentam



Telegram @clubederevistas

das, como excesso de sensualidade no ambiente corporativo", diz a stylist Vivi Ruiz.

Para os homens, coitados (contém ironia), a vida pode ser um pouquinho mais complicada. O voil é uma boa escolha de tecido para camisa, assim como a lã fria, para o paletó ou calça. Sandália vale, mas cuidado. "Excelente para os dias de temperatura alta, é aceita apenas em locais mais descolados de trabalho, como escritórios de arquitetura, de arte e design", diz Vivi Ruiz. Sapatênis, mocassim e o tradicional sapato estão devidamente autorizados, mas apenas os modelos de couro, que não deixam o pé suar, como os fabricados de material sintético. Apesar de os brasileiros serem mais conservadores que os italianos, convém tirar as meias de cena ou optar pelos modelos curtos que ficam escondidos dentro do sapato, como fazem na terra da bota geográfica. Dobrar a barra da calça, o tornozelo à vista, ajuda na ventilação do corpo.

Portanto, como autorizam os novos humores, e como impõem os graus a mais, toda adaptação pede calma e elegância. A estilista francesa Coco Chanel, criadora em 1956 do mítico tailleur, interpretação do terno masculino pensado para as mulheres ingressarem no mercado de trabalho sem perder o estilo, deu a eterna deixa: as regras estão aí para serem quebradas, o dress code não é um dogma inquebrantável. Mas seguir os conselhos de quem entende do assunto é um bom passo para não entrar numa fria neste verão escaldante. ■

Telegram @clubederevistas

SANTÍSSIMAS INTRIGAS

Primoroso, o filme *Conclave* transforma em thriller político os bastidores da eleição mais secreta do mundo: quando cardeais católicos se isolam no Vaticano para eleger dentre eles um novo papa

RAQUEL CARNEIRO



DIANTE DE DEUS
Ralph Fiennes no longa: jogos de poder na disputa pelo posto de papa

DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

"*Sede vacante*. O trono da Santa Sé está vazio." Com essa afirmação iniciada em latim, um cardeal sênior do Vaticano encerra o ritual privado que declara a morte do papa. O período de duas semanas de luto é ínfimo para o sacerdote que carrega consigo o título de decano do Colégio Cardinalício: é dele a responsabilidade de conduzir a eleição que apontará quem será o próximo chefe supremo da Igreja Católica — grupo religioso que soma 1,3 bilhão de fiéis no mundo. No filme ***Conclave*** (Reino Unido/Estados Unidos, 2024), em cartaz nos cinemas, tal peso recai sobre o cardeal Lawrence (Ralph Fiennes). Semanas antes, em crise de fé, ele pediu ao papa que o liberasse do cargo e concedesse a aposentadoria fora de Roma. O pontífice negou: Lawrence tinha o chamado divino para a administração e sua presença no Vaticano era essencial. Ao longo do conclave, essa habilidade não só será posta em xeque como ainda vai exigir que o protagonista assuma outra faceta inesperada: a de investigador. Há algo de podre no Vaticano — e o próximo homem mais poderoso da Igreja deve ser imaculado. Resta a dúvida: existirá alguém puro entre os candidatos?

O dilema moral conduz a trama dirigida pelo alemão Edward Berger, do premiado *Nada de Novo no Front*, de 2022. Nome forte no Oscar neste ano, *Conclave* é um exemplar primoroso entre as produções que se propõem a investigar os bastidores da instituição religiosa mais poderosa do mundo: um thriller político que examina não só as forças em choque

Telegram @clubederevistas

na Igreja, como a personalidade, as ideias e o caráter do ser humano elevado ao posto de papa. Cercada de discrição e reverência, a figura do líder supremo do catolicismo suscitou retratos ousados no cinema e na TV nos últimos anos, da ácida da série *The Young Pope* (2016) ao filme *Dois Papas* (2019), em que o diretor brasileiro Fernando Meirelles imagina a amizade pouco convencional entre os papas Francisco e Bento XVI (1927-2022) — quando, pela primeira vez na história, o Vaticano abrigou dois pontífices, um em atividade e o outro aposentado, e mais opostos que água e vinho. No final das contas, é a exposição das intrigas e pecados no Vaticano que dá liga ao filão. Caso magistral é o do filme *O Sequestro do Papa* (2023), do italiano Marco Bellocchio, que resgata o despotismo condenável do papa Pio IX no século XIX, ao tirar uma criança judia de sua família para ser criada pela Igreja.



FOCUS FEATURES

COADJUVANTE DE LUXO Isabella Rossellini: uma madre que todos temem

Telegram @clubederevistas



DIVULGAÇÃO

LITURGIA Fiennes e Tucci: os cardeais que votam podem ser eleitos papas

Nessa leva, *Conclave* se impõe como o roteiro mais intrigante e afiado ao retratar as sutilezas que rondam a fé cristã, assim como as divergências de um clero que, em última instância, é formado por humanos com qualidades e defeitos, opiniões distintas e vulneráveis à tentação advinda do poder. Adaptação do livro de mesmo nome do autor inglês Robert Harris — obra igualmente valorosa —, *Conclave* é ainda um deslumbre visual e um palco de talentos luxuosos. Além de Fiennes, desfilam de batinas escarlate os atores Stanley Tucci, John Lithgow, Sergio Castellitto e Lucian Msamati na pele de quatro cardeais que sobressaem como possíveis papas. Rouba a cena, ainda, a italiana Isabella Rossellini, como a madre superiora responsável pelas freiras que cuidam dos afazeres domésticos e da alimentação dos cardeais no confinamento.

Telegram @clubederevistas

Ao fundo, os cenários que emulam o Vaticano são uma combinação entre cenas feitas em estúdio e locações reais — como o Ospedale di Santo Spirito, o hospital mais antigo da Europa, e palácios barrocos do século XVII, todos em Roma. A Capela Sistina, claro, é o principal ambiente do filme, por ser a sede histórica do conclave. Mas, como não se pode filmar no santuário cujo teto exibe obras-primas do mestre renascentista Michelangelo como *A Criação de Adão* e o *Juízo Final*, e é visitado por milhões de turistas anualmente, o filme recorre a um velho truque: o uso de sua reprodução perfeita no célebre estúdio italiano da Cinecittà. Produções como *Dois Papas* e *The Young Pope* também foram feitas lá.

Mais que locação poderosa, a capela é um personagem de *Conclave*. Sob os olhos das figuras míticas estampadas nas paredes e no teto, o grupo de 108 cardeais segue diversas re-

DIVULGAÇÃO



PETER MOUNTAIN/NETFLIX



ELE É POP *O Sequestro do Papa (à esq.)* e *Dois Papas*, de Fernando Meirelles: filmes expiam os pecados da Igreja Católica

Telegram @clubederevistas

gras e liturgias durante o processo. O voto é secreto e o papa eleito deve atingir a maioria de dois terços mais um. Qualquer cardeal ali presente pode ganhar votos. Duas alas se destacam: a mais progressista e a dos conservadores. No processo, o decano vai descobrindo segredos nada agradáveis sobre seus colegas e sobre o falecido papa. Perpassam o roteiro temas espinhosos, como a corrupção na Igreja, os abusos de fiéis, a aceitação de homossexuais e o papel das mulheres.

O filme não foi muito bem recebido por religiosos católicos, que clamam por um boicote. Uma pena. *Conclave* não é um manifesto anticristão, e sim um estudo profundo de uma instituição que, de tão antiga e poderosa, falhou em seu propósito central: cuidar de um rebanho. Santíssimas intrigas à parte, é uma mensagem de fé e tanto. ■

Telegram @clubederevistas

INJEÇÃO DE ÂNIMO

Primeira novela da plataforma Max, *Beleza Fatal* retrata a indústria da estética sem medo da caricatura, provando que o streaming, quem diria, pode resgatar o DNA dos folhetins



MULHERES EM FÚRIA Pitanga, Antonelli e Queiroz: rostos das novelas da Globo, atrizes dão toque familiar à produção

FABIO BRAGA/PIVÔ AUDIOVISUAL/DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

EM UMA LIVE com seus milhares de seguidores, Lola (Camila Pitanga) recebe uma campeã do *Big Brother Brasil* e lista defeitos faciais que se gaba de consertar com injeções de ácido hialurônico em sua clínica, a Lolaland. Ela posa de entendida, mas é capaz de coisas terríveis: foi cúmplice na morte da filha de uma mãe suburbana (Giovanna Antonelli) numa lipoaspiração e fez da mocinha Sofia (Camila Queiroz) uma escrava doméstica quando criança. A vilã é, enfim, uma caricatura da exploração inescrupulosa de procedimentos estéticos. Seu retrato exagerado resume o espírito da primeira novela nacional do streaming Max: ***Beleza Fatal,*** já disponível, abraça sem pudor o melodrama rasgado — um artigo que, curiosamente, anda em falta na TV aberta.

Com quarenta capítulos (dos quais VEJA conferiu cinco em primeira mão), a trama criada pelo escritor e roteirista Raphael Montes marca a estreia do serviço da HBO nos folhetins. De quebra, juntamente com a pioneira *Pedaço de Mim*, que a rival Netflix lançou no ano passado, *Beleza Fatal* expõe um paradoxo da produção de novelas no país. Enquanto a Globo pena para recobrar a relevância de suas histórias, mas amarga fiascos como *Mania de Você*, o streaming — quem diria — sinaliza que, ao menos no momento, é o ambiente criativo com mais chances de promover um resgate dessas produções.

Se a Globo hoje pisa em ovos para suas novelas não desagradarem parcelas do amplo público da TV aberta, lu-

Telegram @clubederevistas

tando para equilibrar-se entre os evangélicos e uma classe média que prefere as séries gringas do streaming, as plataformas usam de sua maior vantagem — serem vitrines capazes de oferecer produções variadas para todos os nichos — para explorar o gênero sem limitações. Nascida da parceria entre Montes, que domina a linguagem moderna dos seriados, e o veterano noveleiro Silvio de Abreu, que supervisionou a criação da história, *Beleza Fatal* brinca com os clichês tradicionais do melodrama, mas se permite liberdades típicas do streaming, como cenas de sexo mais ousadas.

Trata-se, em suma, de um novelão carregado, por vezes até um tanto apelativo — ou seja, exatamente o que sempre prendeu a audiência típica desses programas. Numa piscadela ao apetite nostálgico das redes, Montes exacerba tal característica ao beber de referências de antigos folhetins globais: a vilã Lola tem algo da prostituta Bebel, papel memorável da própria Pitanga em *Paraíso Tropical* (2007). "Há ingredientes para quem gosta de novela, mas com dinamismo de série", diz a atriz. Na encruzilhada atual das novelas, eis uma injeção de ânimo. ■

Kelly Miyashiro

Telegram @clubederevistas

UM PRA CÁ, DOIS PRA LÁ

Na dança das cadeiras de rostos famosos na tela, de Tiago Leifert a Datena, a TV aberta muda para continuar igual – e esse processo se tornou ainda mais crucial hoje **KELLY MIYASHIRO**



CIRANDA NO AR Da esquerda para a direita, Rodrigo Faro, Christina Rocha, José Luiz Datena, Cesar Filho, Tiago Leifert e Eliana: troca-troca de rostos conhecidos é usado para movimentar as redes sociais e renovar o interesse de um público em queda

MONTAGEM COM FOTOS DE ISTOCK/GETTY IMAGES; INSTAGRAM @RODRIGOFARO; DIVULGAÇÃO; CESAR CONVENTI/FOTOARENA; MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP; LECO VIANA/THENEWS2/ZUMAPRESS/ALAMY/FOTOARENA; INSTAGRAM @CRISTINAROCHATV; JOÃO COTTA/TV GLOBO

Telegram @clubederevistas

AFASTADO DA TV aberta desde 2021, quando abandonou uma carreira em ascensão na Globo, Tiago Leifert voltou a aparecer para os espectadores na última segunda-feira, 20 — mas na tela do SBT. Apresentador esportivo na antiga casa, ele havia assumido o posto de Pedro Bial no *Big Brother Brasil*, onde conquistou um lugar de prestígio até cansar da função e optar pela saída da Globo, alegando que queria mais tempo com a família e apostar em outros projetos, como fazer transmissões de futebol no Prime Video — parceria que não vingou por "divergências criativas". Percebendo a deixa, a emissora de Silvio Santos — que vive um processo de renovação desde a morte do apresentador, no ano passado — jogou uma isca infalível: a proposta para Leifert narrar a Champions League, campeonato europeu de que o apresentador nunca escondeu ser fã. Bingo.

A chegada do ex-apresentador da Globo ao SBT atesta que a televisão aberta vive uma nova rodada da ciranda que de tempos em tempos sacode a tela: as mudanças de canal entre rostos manjados pela audiência — ritual que proporciona às partes interessadas certa quebra de marasmo, ainda que na somatória final a TV mude para continuar igual. Na atual dança das cadeiras, o SBT — agora dirigido pelas herdeiras Abravanel — foi às "compras" com mais agressividade. Arrematou não só o passe de Leifert, como os de Cesar Filho e José Luiz Datena, que deixaram a Record e a Band, respectivamente. Dois in-

Telegram @clubederevistas

vestimentos que até agora se revelaram úteis: Cesar Filho virou conselheiro de Daniela Beyruti, filha de Silvio que assumiu a gestão da emissora; e Datena, após frustrar-se na eleição à prefeitura de São Paulo, tem vencido o filho e sucessor Joel, o Dateninha, que o substituiu na Band.

Como a lei do eterno retorno é implacável, o SBT sofreu baixas para a concorrência. Tirada de lá pela Globo no ano passado, Eliana estreou este mês na nova emissora à frente do reality *The Masked Singer Brasil*. Num lance ainda mais surpreendente, Christina Rocha — loira que era a cara do SBT com seu popularesco *Casos de Família* — foi recrutada pela Globo para lances de promoção do *Big Brother Brasil* após sair da velha empregadora. Nesse troca-troca, só Rodrigo Faro ainda não encontrou nova colocação: dispensado pela Record depois de dezesseis anos estrelando *Hora do Faro*, ele aguarda a vez de entrar na dança.

Essas trocas de guarda não são propriamente uma novidade, claro. As emissoras volta e meia recorrem a elas para arejar sua programação e renovar o interesse do público e o apelo junto ao mercado publicitário. Mas a circulação de medalhões ganhou uma dimensão mais estratégica hoje por novos desafios que se impõem à TV aberta. Nomes conhecidos, com um recall relevante junto a estratos do público, revelam-se uma aposta segura num momento em que a audiência do meio encolhe. A TV aberta tem perdido público ano a ano com a concorrência da in-

Telegram @clubederevistas

ternet e dos serviços de streaming. Segundo levantamento do IBGE divulgado no ano passado, a ausência de TV em lares brasileiros aumentou de 3,8 milhões em 2016 para 4,5 milhões em 2023 — os celulares tomaram seu lugar no gosto de muitos jovens. Nos índices de audiência, as emissoras perderam espectadores de forma visível desde a pandemia. O problema não poupa nem a líder, a Globo, que caiu de 12 para 10 pontos entre 2020 e 2024.

Apesar disso, paradoxalmente, a fatia da verba publicitária destinada à televisão ainda é altíssima. De acordo com dados da Cenp-Meios, ferramenta que coleta as informações dos investimentos em mídia, só no primeiro semestre de 2024 houve uma injeção de 10,6 bilhões de reais em mídia, número 16% superior ao do mesmo período do ano anterior. Do montante, 40% foram destinados à TV aberta, seguida de perto pela internet, que recebeu 38%. "A TV aberta no Brasil continua sendo um canal relevante para os anunciantes", analisa Roberto Tourinho, da agência Propeg. Aí entra outro estímulo importante para a dança das cadeiras: a TV precisa mudar para evitar que a perda de ibope eroda seus ganhos publicitários. "O troca-troca de apresentadores demonstra que os programas de auditório precisavam ser renovados", diz Tourinho.

Como pano de fundo do processo há um dado comportamental: a cada guinada surpreendente nos postos de apresentadores, as redes sociais vão abaixo, trazendo audiência e engajamento. A Globo, que antigamente adotava

Telegram @clubederevistas

uma postura blasé ao tratar das origens de contratados de canais rivais, agora tem usado isso como arma para causar barulho. A aparição de Christina Rocha na emissora e a chegada de Eliana são prova disso. Apresentadora do *Casos de Família* por catorze anos, a mediadora de barracos familiares fez inserções para viralizar na internet que geraram mais de 16 000 likes. Já Eliana foi uma aquisição de olho no público das classes C e D/E, sua audiência cativa no SBT. "Ela já criou um público que se identifica e dialoga com ela nas redes sociais", diz a publicitária Rafaela Alves, da AlmapBBDO. É um pra cá, dois pra lá a dança na luta para não deixar o lucro sair do ar. ■

Telegram @clubederevistas

NOVOS PEÕES DAS PARADAS

De Ringo Starr ao rapper Post Malone, artistas fazem do country um gênero queridinho da indústria – e a nova cobaia de toda forma de sincretismo musical

FELIPE BRANCO CRUZ

DAN WINTERS

VELHO CAUBÓI O ex-beatle: ele acaba de lançar aos 84 seu primeiro trabalho totalmente dedicado ao estilo

Telegram @clubederevistas



THEO WARGO/GETTY IMAGES

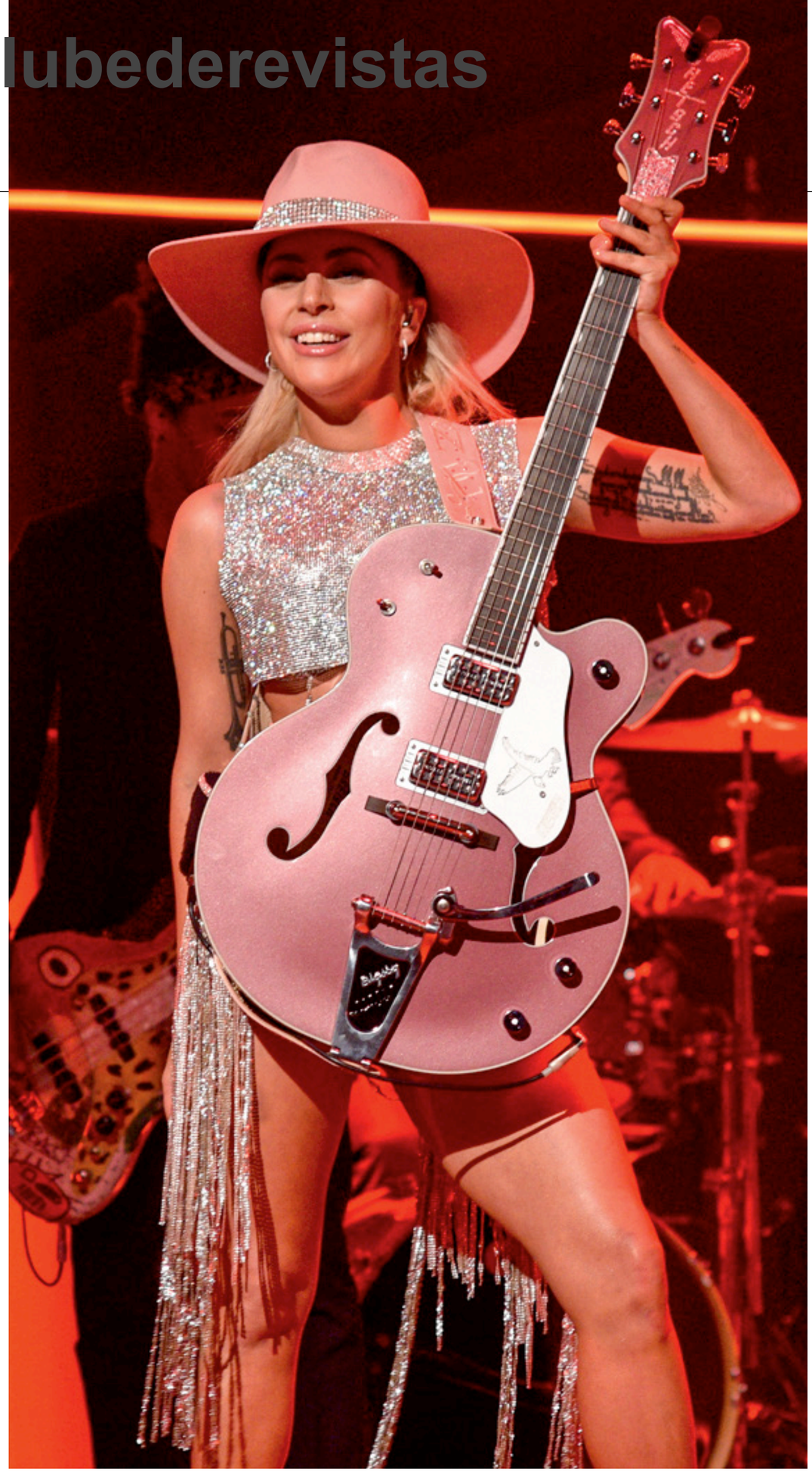
AO VIVO Post Malone: show sertanejo no Brasil no fim do ano passado

NOS ANOS 1950, as novidades musicais só chegavam a Liverpool quando os marinheiros retornavam para ver a família na cidade portuária da Inglaterra trazendo na bagagem os últimos lançamentos dos Estados Unidos. A paixão do adolescente Ringo Starr pela música country começou ali. Logo vieram os Beatles, e muita coisa mudou na vida dele — mas o baterista jamais deixou de se interessar pelo ritmo. Em mais de sessenta anos de carreira, ele compôs com o Fab Four músicas como *Act Naturally* e *What Goes On*, ambas de pegada country, e lançou em 1970, após o fim da banda, *Beaucoups of Blues*, uma coletânea de baladas de blues e country. Apesar da paixão, já fazia tempo que estava distante do gênero — até porque os chapelões e roupas de caubói perderam tração comercial na indústria da música nas décadas seguintes. Isso agora mudou: o country vive um momento de alta sem pre-

Telegram @clubederevistas

cedentes. Conectado com o espírito do tempo, Ringo acaba de lançar, aos 84 anos, seu primeiro álbum inteiramente dedicado a ele, *Look Up*.

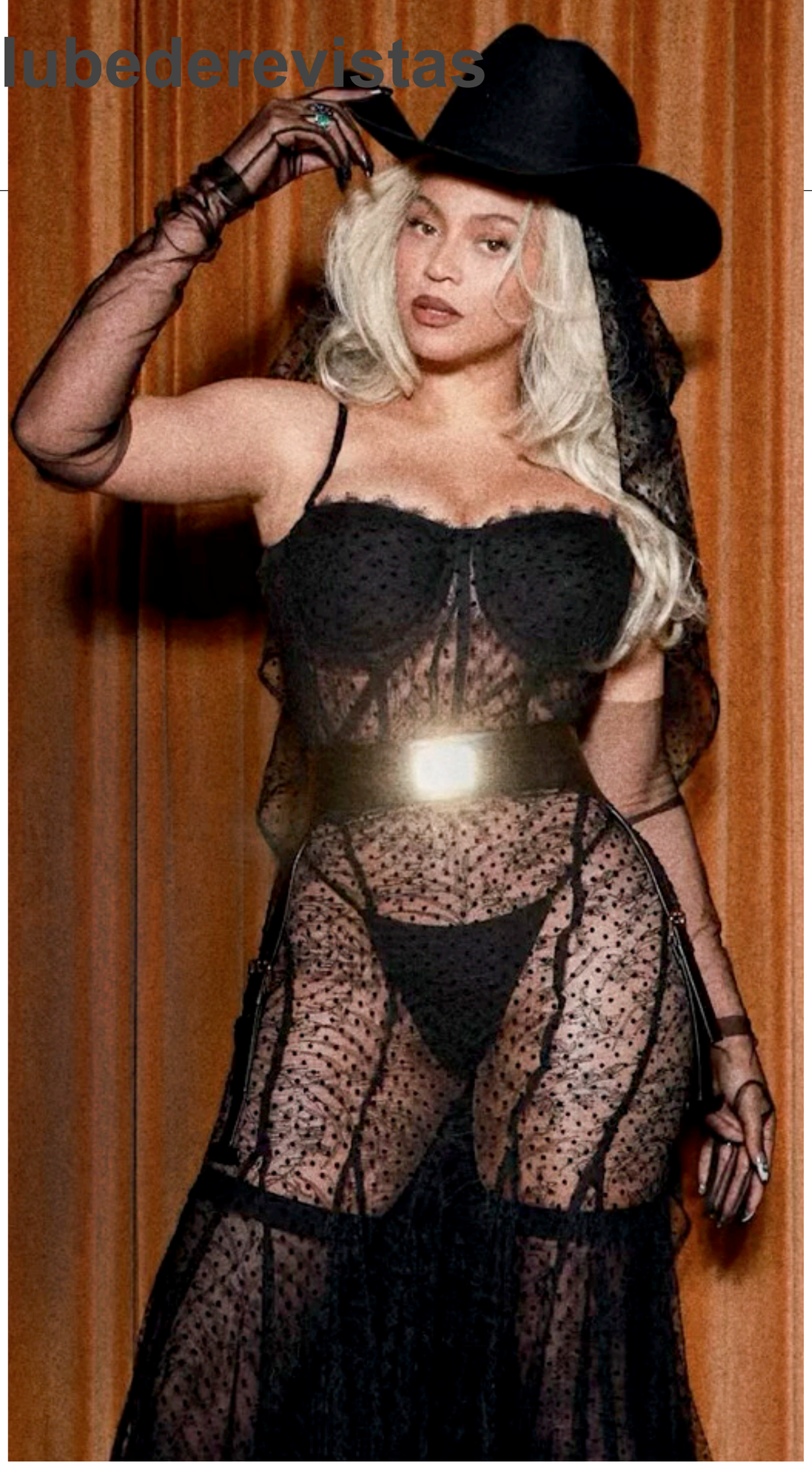
O movimento de Ringo reforça uma tendência notável dos últimos tempos. Manifestação musical que está nas raízes da cultura americana, o country parecia até anos recentes relegado a um nicho relevante, mas distante do centro gravitacional do pop. Era apreciado basicamente pelo público branco dos Estados Unidos — o que só piorou ao ganhar a pecha de ser a música favorita dos conservadores americanos. Recentemente, porém, uma série de fatores vem transformando o country em uma espécie de novo graal da música. A ascensão irresistível de artistas como Taylor Swift, que saiu do country e mostrou a força de sua fusão com o pop, fez estrelas graúdas crescerem os olhos para seu potencial. O passo decisivo para a renovação se deu no ano passado, quando Beyoncé — uma das divas mais poderosas da indústria — abraçou o country com fervor.



WILL HEATH/NBCU PHOTO BANK/GETTY IMAGES

POP Lady Gaga: a cantora também se aventurou no gênero, inclusive nos cinemas

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @BEYONCE

OUSADIA Beyoncé: liderança nos rankings do Spotify e da Billboard 200 com o último lançamento

Lançado em março de 2024, seu álbum *Cowboy Carter* estreou em primeiro lugar no Spotify e atingiu algumas semanas depois o topo da Billboard 200. A ousadia de Beyoncé foi se apoderar de um ritmo cujas raízes remontam aos negros escravizados, mas que com o tempo se tornou parte indissociável da população branca dos Estados Unidos. O movimento foi seguido por artistas de outros gêneros, como os rappers Post Malone (que fez show em São Paulo em dezembro em um festival de sertanejo) e Shaboozey, novato que figura neste momento no topo da parada de álbuns da Billboard. Em breve, Lana Del Rey deverá lançar *The Right Person Will Stay*, também dedicado ao gênero e feito sob a batuta de Jack Antonoff, produtor queridinho de Taylor Swift.

Alguns anos atrás, curiosamente, o country só era resgatado por um roqueiro ou cantor pop quando sua carreira estava em baixa. Assim se deu um fiasco histórico como *Tina Turns the Country On!*, de 1974. Primeiro álbum solo da

Telegram @clubederevistas

cantora, foi uma tacada frustrada de seu ex-marido, Ike, para angariar um público mais amplo para Tina. A mesma sina acometeu estrelas como Cyndi Lauper, Steven Tyler, Lionel Richie e Bon Jovi. Embora as razões que levem artistas de outros gêneros a gravar country continuem as mesmas do passado, como a possibilidade de interpretar canções com letras mais densas e emotivas e, claro, promover uma ampliação do público, o que mudou tudo no jogo foi a internacionalização do ritmo. Há mais mercado fora dos Estados Unidos e, desde 2023, o estilo musical vem experimentando seu maior crescimento em trinta anos. Em 2024, 34 posições do Top 200 dos álbuns mais vendidos do ano, segundo dados da Luminate, foram de country, um aumento de 79% em relação a 2022, quando dezenove álbuns entraram na lista. Além disso, onze álbuns tiveram pelo menos 1 bilhão de streams.

Há, ainda, outro fator importante: o country ficou mais, digamos, poroso. O purismo foi deixado de lado, sendo bem-vindas misturas com ritmos mais "jovens", como rap e trap, como fez alguns anos atrás a cantora Lady Gaga com o álbum *Joanne* e na trilha sonora do filme *Nasce Uma Estrela*, ou o rapper Lil Nas X, com o abusado hit country-gay *Old Town Road*. Por sinal, um sincretismo que o Brasil já experimenta no nosso ritmo análogo, o sertanejo, cujo sucesso rendeu Frankensteins como o funknejo, o breganejo e o popnejo. Os peões chegaram com tudo às paradas — às vezes dando coice nos ouvidos. ■

Telegram @clubederevistas



SEARCHLIGHT PICTURES

MUNDO CÃO Amy Adams no filme: roteiro irônico e sagaz sobre as agruras da maternidade

TELEVISÃO

CANINA *(Nightbitch,* Estados Unidos, 2024. Disponível no Disney+)

O romantismo em torno da maternidade não passa da primeira cena no filme estrelado por Amy Adams, que interpreta a mãe de uma criança de 3 anos. Ela nem tem nome: o público a conhece pelo título "mamãe", invocado pelo garotinho o tempo todo. Antes uma profissional respeitada de uma galeria de arte de Nova York, agora ela está longe do mercado de trabalho, sem tempo para amizades, fora do peso de outrora e ainda sente que os hormônios a deixaram burra. A crise culmina numa virada curiosa: de repente, a "mamãe" começa a se transformar, literalmente, em uma cachorra (sim, o animal). Adaptação do livro de Rachel Yoder e dirigido por Marielle Heller, o filme cômico com toques de *body horror* ironiza a velha máxima: "Ser mãe é padecer no paraíso" — se é que dá para chamar assim.

Telegram @clubederevistas

CINEMA

PADDINGTON: UMA AVENTURA NA FLORESTA

***(Paddington in Peru*, Reino Unido/Estados Unidos/França/Japão, 2024. Em cartaz)**

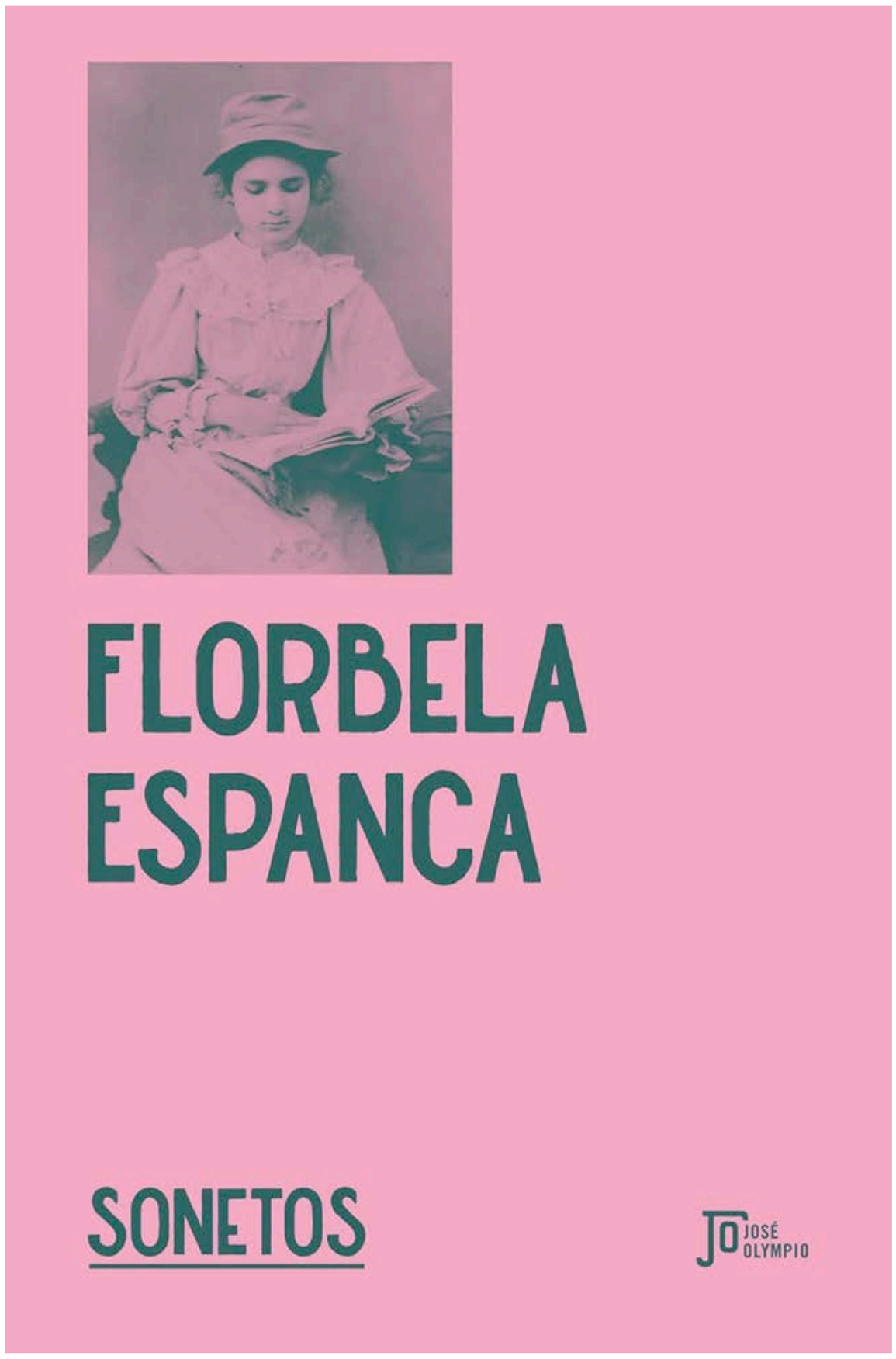


DIVULGAÇÃO

ORIGENS Paddington no Peru: personagem infantil viaja para sua terra natal

Vivendo em Londres, o adorável ursinho Paddington, enfim, conseguiu a cidadania britânica — e logo tirou um passaporte. O documento chegou em boa hora: sua tia Lucy, que vive no Lar para Ursos Aposentados no Peru, desapareceu. Paddington viaja para a Floresta Amazônica peruana a fim de encontrá-la, acompanhado pelos Brown, a família inglesa que o adotou. Em sua terceira aventura no cinema, o adorado personagem infantil ganha a companhia das estrelas Olivia Colman e Antonio Banderas no elenco, numa trama divertida e com um toque de suspense sobrenatural.

Telegram @clubederevistas



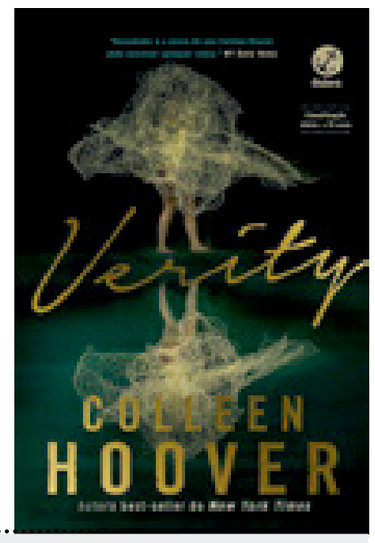
LIVRO

SONETOS, **de Florbela Espanca (José Olympio; 224 páginas; 49,90 reais)**

Em um célebre poema a Florbela Espanca (1894-1930), Fernando Pessoa descreveu a poeta portuguesa como uma mulher de alma sonhadora. Um dos principais nomes da poesia lusitana, Florbela abriu portas para as mulheres nos versos e inspirou artistas como o brasileiro Fagner, que musicou os poemas *Fanatismo* e *Fumo.* A coletânea inédita reúne os volumes publicados por ela em vida: *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Soror Saudade* (1923), além de obras póstumas e ensaios que dão vazão à sua potente lírica feminina. ■

Telegram @clubederevistas

FICÇÃO



1 **VERITY**
Colleen Hoover [1 | 141#] GALERA RECORD

2 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [2 | 32#] ARQUEIRO

3 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [3 | 114#] RECORD

4 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [5 | 128#] BERTRAND BRASIL

5 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [3 | 11#] ROCCO

6 **CEM ANOS DE SOLIDÃO**
Gabriel García Marquez [4 | 7#] RECORD

7 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [8 | 170#] GALERA RECORD

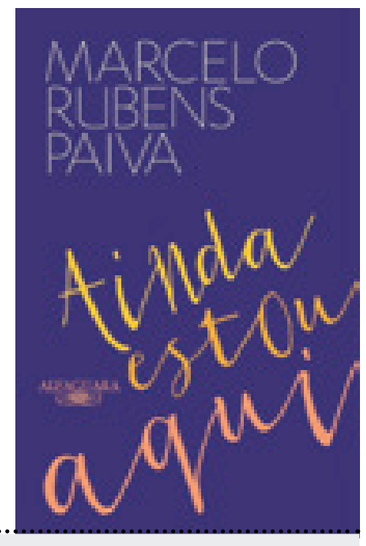
8 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [9 | 108#] GALERA RECORD

9 **A METAMORFOSE**
Franz Kafka [0 | 1] VÁRIAS EDITORAS

10 **TRÊS**
Valérie Perrin [6 | 2] INTRÍNSECA

Telegram @clubederevistas

NÃO FICÇÃO



1 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 15#] ALFAGUARA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 69#] VESTÍGIO

3 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [3 | 15#] COMPANHIA DAS LETRAS

4 **O POBRE DE DIREITA**
Jessé Souza [4 | 11] CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

5 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [10 | 14#] COMPANHIA DAS LETRAS

6 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [0 | 77#] VÁRIAS EDITORAS

7 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES** Vários autores [5 | 46#] CAMELOT EDITORA

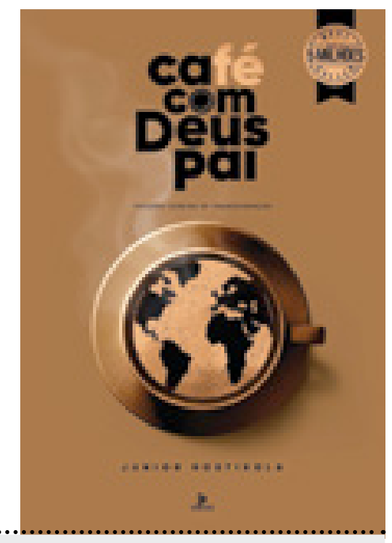
8 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [8 | 144#] ROCCO

9 **A ARTE DA GUERRA**
Sun Tzu [0 | 132#] VÁRIAS EDITORAS

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [0 | 203#] ROCCO

Telegram @clubederevistas

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 15] VÉLOS

2 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [3 | 63#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [2 | 80#] ALTA BOOKS

4 **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [7 | 143#] SEXTANTE

5 **DIÁRIO ESTOICO**
Ryan Holiday e Stephen Hanselman [5 | 3] INTRÍNSECA

6 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [0 | 47#] ROCCO

7 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [10 | 10#] SEXTANTE

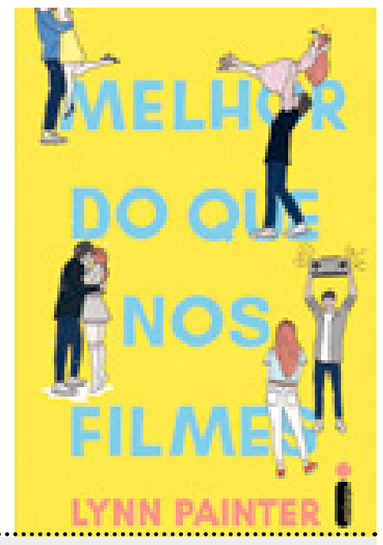
8 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [8 | 193#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 **MAIS ESPERO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [0 | 262#] CITADEL

10 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [0 | 471#] SEXTANTE

Telegram @clubederevistas

INFANTOJUVENIL



1 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [1 | 32#] INTRÍNSECA

2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [3 | 449#] VÁRIAS EDITORAS

3 **EXTRAORDINÁRIO**
R. J. Palacio [7 | 127#] INTRÍNSECA

4 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [4 | 16#] MELHORAMENTOS

5 **MALALA, A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [6 | 39#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

6 **O MENINO DO DEDO VERDE**
Maurice Druon [0 | 4#] JOSÉ OLYMPIO

7 **FELPO FILVA**
Eva Furnari [9 | 2] MODERNA

8 **DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA**
Flávia Lins e Silva [0 | 4#] PEQUENA ZAHAR

9 **AS AVENTURAS DE PRIMINHA IRRITANTE NO REINO DOS UNICÓRNIOS** Gabriel Dearo e Manu Digilio [8 | 9] OUTRO PLANETA

10 **NÃO É COMO NOS FILMES**
Lynn Painter [2 | 6#] INTRÍNSECA

Telegram @clubederevistas

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barra Bonita:** Real Peruíbe; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campo Grande:** Leitura, Paulus; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **Jaú:** Casa Vamos Ler; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Limeira:** Livruz; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio Claro:** Livruz; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santana de Parnaíba:** Leitura; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Travessa, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, Um Livro, WMF Martins Fontes

Telegram @clubederevistas



JOSÉ CASADO

JOGO COMPLICADO

A DISPUTA presidencial de 2026 já começou, disse Lula nesta semana a ministros, chefes de empresas estatais e líderes no Congresso. Falou para 43 pessoas em reunião de quase oito horas na residência oficial da Granja do Torto, arredores de Brasília.

Na plateia houve quem percebesse uma pitada de humor no comentário: Lula é o único brasileiro que há 35 anos está em campanha permanente ao Palácio do Planalto como candidato do Partido dos Trabalhadores (a conta inclui dez anos de mandatos na Presidência da República).

Lula acenou com a possibilidade de ficar fora do páreo no próximo ano. Fez uma ressalva: se acontecer, será contra sua vontade e por imposição da biologia. Novidade no discurso de um candidato imperecível que, até seis meses atrás, vangloriava-se em praça pública da "energia de 30 e tesão de 20 anos". Vai entrar no clube dos octogenários em outubro, a um ano da eleição presidencial.

Ele tem direito a disputar um quarto mandato no Palácio do Planalto. A dúvida, lembrou, deriva tanto da consciência sobre os próprios limites quanto do histórico de saúde. Mencionou a experiência do medo no incidente

Telegram @clubederevistas

no México, em outubro, quando ficou quatro horas dentro de um avião em pane (numa das turbinas), voando em círculos sobre o aeroporto de onde havia decolado, para esvaziar o tanque de combustível. Citou a cirurgia no cérebro, em dezembro, depois da queda e do "apagão" no banheiro residencial.

Este é um ano em que Lula vai precisar fazer escolhas. Nas suas palavras, talvez precise se engajar na tentativa de eleger um sucessor em 2026. Não disse nem lhe perguntaram quem poderia ser o ungido. O importante, ressaltou, é "a causa", ou seja, impedir "o horror da volta ao neofascismo, ao neonazismo, ao autoritarismo". No dicionário lulista, esses qualificativos têm endereço certo na extrema direita, com nome e sobrenome: Jair Bolsonaro. É o adversário de conveniência, derrotado em 2022. Porém, inviável na vida real por estar inelegível até 2030.

Com Lula ou com um candidato por ele consagrado, é certo o tumulto na travessia do governo até a eleição do próximo ano. As dificuldades são múltiplas e evidentes. Entre os atuais 38 ministros, por exemplo, há uma dezena de representantes de partidos de centro-direita, mas a fidelidade é dúvida, como observou Lula: "Alguém aqui sabe dizer quantos partidos estarão com a gente em 2026?".

As fragilidades na economia são notórias, traduzidas na desconfiança sobre as contas públicas, nas taxas de inflação (sobretudo, alimentos), no alto custo do dinheiro e na escalada da dívida governamental.

Telegram @clubederevistas

“Com saúde frágil e ofensiva de Trump, Lula analisa as saídas para 2026”

Compõem apenas uma parte da equação de incertezas que, para Lula, ficou ainda mais complexa no novo mundo desenhado por Donald Trump. Ele rabisca uma guinada radical dos Estados Unidos, a partir do funeral de uma era de capitalismo liberal liderada por Washington desde a Segunda Guerra.

Entre os efeitos colaterais do retorno de Trump, na primeira semana na Casa Branca, estão contribuições importantes para o esvaziamento dos dois principais eventos do ano na agenda de Lula: a reunião de cúpula do Brics no Rio, em julho, e a conferência mundial sobre meio ambiente em Belém, em novembro.

O Brasil não é relevante em Washington, mas mantém com os EUA a mais decisiva das suas relações externas. A prioridade do estamento americano agora é a China, “adversário estratégico e geopolítico” na definição da nova política comercial sancionada por Trump no início da semana.

Telegram @clubederevistas

Significa, na prática, restringir o acesso da China ao mercado e à tecnologia desenvolvida nos EUA. E, ao mesmo tempo, empurrar outros governos a iniciativas comerciais que resultem no aumento do custo dos produtos chineses em comparação ao padrão americano.

O prêmio é o acesso aos consumidores americanos. A punição é a taxação das exportações para os Estados Unidos. Por isso, empresários brasileiros já pressionam Lula a aumentar tributos sobre produtos (químicos e siderúrgicos) importados da China. A indústria é responsável por 78% do total das vendas brasileiras aos EUA.

O problema é que o Brasil dobrou sua dependência do comércio com a China na última década. Um terço de tudo o que o país exporta tem como destino o mercado chinês.

É um jogo geopolítico delicado para Lula nos próximos 24 meses. Ele não se preocupou em construir pontes com Trump. Ao contrário, detonou-as na diplomacia do microfone ao emoldurá-lo na galeria dos simpáticos "ao nazismo e ao fascismo". Lula não deverá ter dia fácil até o fim do mandato. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

Telegram @clubederevistas

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

boa forma & life mix

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.







APROVEITE AGORA!

/LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional

Telegram @clubederevistas

ROXY

DINNER SHOW

RIO DE JANEIRO



UMA LINDA VIAGEM MUSICAL IMERSIVA PELO BRASIL

CAIXA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

STELLA ARTOIS PURE GOLD

COMPRE SEU INGRESSO
PELO QR CODE OU
EM NOSSO SITE:
www.roxydinnershow.com.br

CLUBE DE

REVISTAS



Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!